



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado

GINALDO GONÇALVES FARIAS

PRELÚDIO E FUGA PARA UMA PEDAGOGIA DA DURAÇÃO

SALVADOR

2014

GINALDO GONÇALVES FARIAS

PRELÚDIO E FUGA PARA UMA PEDAGOGIA DA DURAÇÃO

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção de título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Mary Arapiraca

Coorientador: Prof. Dr. Dante Galeffi

SALVADOR

2014

Agradecimentos

Muitas pessoas acompanharam-me nos ensaios, muitos tons para uma melodia.

À mulher, vida de minha vida.

À Bernardo, alegria de meu viver.

Aos filhos pelo perdão.

Aos netos pela promessa.

Ao irmão Emídio, pela amizade e ajuda na formatação e revisão ortográfica deste trabalho.

Ao irmãozinho Handerson pela companhia poética.

À querida Mary pela paciência e os trabalhos maiêuticos.

À Dante pelo acompanhamento e debates.

À eterna professora Emília Helena pelo Agogê carinhoso.

À Roberto Sidnei pela intempestividade.

À administração da FACED Dr. Cleverson, Dra. Dinéia e Dra. Bonilla.

Aos funcionários da instituição que com carinho e dedicação atenderam-me principalmente:

Nádia, Eliene, Ricardo, Graça, Magali, Bia e Katia

Aos colegas de mestrado pela solidariedade, principalmente aos Mários.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	5
MOVIMENTO I: UMA VIAGEM AO FUNDO DO MAR.....	11
MOVIMENTO II: EXPLICAÇÕES E DESORDEM.....	19
MOVIMENTO III: O SONHO, O SUPEREGO DE FREUD E MARX ATÉ BERGSON	30
MOVIMENTO IV: MOVIMENTOS E HARMONIA	36
MOVIMENTO V: GEOMETRIA E TOPOLOGIA.....	40
MOVIMENTO VI: ASPECTOS DA DIDÁTICA COMO ESPAÇO DA VIDA.....	44
MOVIMENTO VII: MINHA PRÁXIS PEDAGÓGICA.....	50
MOVIMENTO VIII: TECER E ENTRISTECER, OU COMPONDO UM NOTURNO MELANCÓLICO	57
POSLÚDIO	Erro! Indicador não definido.2
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>73</u>
<u>ANEXO</u>	<u>75</u>
<u>ANEXO</u>	<u>86</u>

Resumo

Através de etnografia intuicionista, a dissertação *Preludio e fuga para uma Pedagogia da Duração* se constitui uma pesquisa em ensino de Filosofia pelo método da Pedagogia da Duração. Desenvolve uma narrativa poética enlaçando sonhos e teorias, e por meio de uma Etnopesquisa apropria-se de um ensino que põe a didática como espaço de vida. Tendo a tese *Nas Asas da Borboleta Filosofia de Bergson e Educação* de Rita Torreão como aporte teórico, apropria-se de conceitos bergsonianos transmutando-os para um fazer pedagógico.

Abstract

Through intuitionistic ethnography, dissertation “*Preludio and escape for a Duration of Pedagogy*” constitutes research in educational philosophy by Duration of Pedagogy method. Develops a poetic narrative wrapping dreams and theories , and through a Etnopesquisa appropriates an education that puts the didactic as living space . Since the thesis *On the wingsButterfly Philosophy Bergson's Philosophy and Education* Rita Turret as the theoretical , appropriates Bergsonianos concepts transmuting them to a pedagogical .

Palavras – Chave : Educação, Filosofia, Duração

APRESENTAÇÃO

O anteprojeto “A intuição bergsoniana como método da Pedagogia da Duração e as suas implicações na linguagem”, aprovado na seleção deste mestrado, visa ao indivíduo. A observação de Henri Bergson de que as ciências sociais abstraem o indivíduo para dar concretude ao grupo era como um despertar de um sono metafísico; o materialismo histórico juntamente com um pensar sociológico ruíram. O anteprojeto realizou seu objetivo e progrediu ao longo da realização do curso com a colaboração dos professores Sidney Macedo, Robert Verheine, José Wellington, Dante Galeffi e Mary Arapiraca, para tornar-se “*Prelúdio e Fuga para uma Pedagogia da Duração*”.

Minha trajetória na FAGED já vem de longa data, participei de cursos como ouvinte, com o professor Felipe Serpa e o professor Dante Galeffi, além disso, frequentei seminários e debates. Cursei a disciplina EDCA85-Epistemologia e Construção do Conhecimento, no DMMDC com três professores, Dra. Lucia Tavares Leiro, Dr. Felix Marcial Diaz Rodrigues e Dra. Suely Aldir Messeder, como aluno especial e por mais de vinte anos, frequentei as aulas de filosofia da professora Rita Célia, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mas, como

ensina Bergson, as tendências aguardam sua vez, então, agora, segui essa trilha: aprovado no mestrado, cursei com sucesso EDC557-Abordagens e Técnicas de Pesquisa em Educação e EDC590-Currículo, com o prof. Dr. Roberto Sidnei, EDC603-Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica com o prof. José Welington, EDCA85-Epistemologia e Construção do Conhecimento e EDC792-Projeto de Dissertação, com o prof. Dr. Robert Evan Verhine.

Com os estudos de Bergson, a pesquisa da temática e o constante debate com a professora, batizado então nas chuvas de julho, com seu novo nome Prelúdio e Fuga para uma pedagogia da duração, apresento à banca examinadora esta dissertação. Os anexos são o esforço para um filosofar que resulta de uma Pedagogia da Duração.

INTRODUÇÃO

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas)

Como tudo tem história, irei historiar o percurso desta dissertação e evidentemente o meu para chegar até aqui, pois considero uma grande vitória merecedora de narrativa.

Vivemos, normalmente, dormindo mesmo quando estamos acordados, ensina Bergson, e algo forte nos acorda. Assim aconteceu com alguns filósofos, Hume despertou Kant do sono do idealismo que gestou por doze anos a “Crítica da Razão Pura”, este exemplo também acontece com estudantes que imitam seus mestres e artistas; John Lennon disse que de tanto imitar Elvis Presley virou Lennon. Os grandes filósofos, suas vidas e lições e meus mestres e suas críticas foram matéria com a qual fabriquei meu despertar e não de forma tranquila, mas com revolta e resistências, mas contei com a paciência e dedicação deles nesta casa.

Os estudos que fiz sobre Bergson resultaram no meu TCC intitulado “A escola (re)significada diante da passagem do tempo”. No curso de especialização com o artigo “A escola e a educação na metafísica de Bergson”. No sexto encontro do GT da ANPOF de Filosofia da Educação Norte-Nordeste, realizado em Recife, quando tive a oportunidade de dialogar com vários doutores estudiosos de Bergson e com outros filósofos, consegui sistematizar melhor a questão que hoje trabalho e apresentarei nos próximos capítulos desta dissertação.

Com estas pesquisas e a minha práxis pedagógica no Instituto Federal da Bahia (IFBA), em Santo Amaro, e na Faculdade Montessoriano, na docência das disciplinas Filosofia e Ética, no nível de graduação, com o estudo da pedagogia da Duração, precisei me dedicar ao estudo sobre Bergson com mais afinco, o que me despertou do sono do materialismo histórico, ora envelhecido.

Henri Bergson viveu em Paris de 1859 a 1941. Sua filosofia é a princípio uma negação, isto é, uma crítica às formas de determinismo e “coisificação” do homem. Em outras palavras, a sua pesquisa filosófica é uma afirmação da liberdade humana frente às vertentes científicas e filosóficas que querem reduzir a dimensão espiritual do homem a leis previsíveis e manipuláveis, análogas às leis naturais e biológicas. Seu pensamento está fundamentado na afirmação da possibilidade do real ser compreendido pelo homem por meio

da intuição da duração – conceitos que perpassam toda sua bibliografia. O próprio filósofo chegou a dizer que para compreender a sua filosofia é preciso partir da intuição da duração. A duração é o correr do tempo uno e interpenetrado, isto é, os momentos temporais somados uns aos outros, formando um todo indivisível e coeso. Oposto ao tempo físico ou sucessão divisível que é passível de ser calculado e analisado pela ciência, o tempo vivido é incompreensível para a inteligência lógica por ser qualitativo, enquanto o tempo físico é quantitativo.

A Intuição significa, para Bergson, apreensão imediata da realidade por coincidência com o objeto. Em outras palavras, é a realidade sentida e compreendida absolutamente de modo direto, sem utilizar as ferramentas lógicas do entendimento: a análise e a tradução. Diferencia-se da inteligência que, apropriando-se do mundo por intermédio de ferramentas, calcula e prevê intervalos do mesmo plano espaço-temporal; a intuição, ao contrário, penetra no interior da vida, coincidindo com o real imediatamente. Dizemos, portanto, que o real passou a ser conhecido pela metafísica como, ao modo de Descartes, uma certeza imanente ao próprio ser do sujeito cognoscente.

A intuição é uma forma de conhecimento que penetra no interior do objeto de modo imediato, isto é, sem o ato de analisar e traduzir. A análise é o recorte da realidade, mediação entre sujeito e objeto. A intuição é uma coincidência com sua duração.

O centro de minha pesquisa é a Pedagogia da Duração criada e gestada aqui na Faced, em 2010, com a tese de título “Nas Asas da Borboleta: Filosofia de Bergson e Educação”, de autoria da Dra. Rita Célia, da qual participei na pesquisa e em sua aplicação prática, reconhecendo o êxito de sua eficiência em relação à formação de professores de filosofia, cujo exemplo sou eu mesmo, entre outros, que embora tenham feito outros cursos, como direito, administração, história, matemática etc., se tornaram professores de filosofia filosofantes nas suas vidas que passam no fundo de mares profissionais. Então me questioneei: será que a Pedagogia da Duração forma filósofos? Foram muitos anos acreditando que estava tudo explicado e que a luta de classes era o motor da história do mundo e das histórias pessoais, promessa de um mundo melhor, antes tão sonhado por mim.

Por que Duração?

A compreensão dos conceitos de Duração e Intuição é fundamental para o entendimento do que é Pedagogia da Duração e a distinção entre o que é vivo, logo que é o mesmo que ser criado e o que é construído.

Dois movimentos distinguem o que é criado do que é construído. O construído parte da periferia para o centro, tudo que constitui uma casa: porta, janela, telhado, parede, veio de fora e com eles a casa foi construída, podemos separar as partes, podemos retirar coisa a coisa, podemos analisar.

Porém o que é criado faz o movimento contrário, parte do centro para a periferia, como uma semente que explode em árvore, como um ovo que explode em pássaro. O vivo que é criado, não no sentido teológico de criação, mas no movimento contrário ao da construção, só pode ser intuído.

Bergson entende que instinto e inteligência são movimentos divergentes da vida, um e outro seguiram caminhos opostos, porém, como partiram de um mesmo tronco, guardam em si uma franja do outro. A inteligência é discursiva, analítica, e só compreende por meio de conceitos, logo imobiliza para conhecer, então a inteligência se apresenta como ferramenta importante na vida do homem e suas dificuldades para sobreviver, pois ela é eficiente no trato da construção e desconstrução, o instinto é conservador, ele busca a conservação da vida, e é preciso em seu movimento, ele não duvida nem vacila, fome é fome, desejo é desejo sem hesitação, quando o leão se direciona em busca da zebra ele não vacila, quando temos sede não duvidamos se talvez nossa necessidade não seria outra, quando temos sede temos absoluta certeza, aliás o instinto desconhece certeza e incerteza, ele age em função da conservação da vida de maneira precisa.

Há uma terceira possibilidade de conhecimento, um instinto desinteressado, uma simpatia, que Bergson chama de intuição. Ela, a intuição, acontece quando coincidimos com a duração do objeto que intuímos. Pois a duração de um objeto é sua singularidade, e apenas dele. Duração ou tempo real, pois, para Bergson, o tempo cronológico e matemático da ciência e do senso comum é um tempo especializado, tempo real é Duração. O tempo matemático é a medida matemática, homogênea, do movimento da vida, ou seja, são as horas ou os dias que vivemos, mas a Duração é o que vivemos nessas horas e dias, logo é heterogêneo, é diferente para cada um em sua duração. Assim se distingue o tempo especializado da ciência, como homogêneo e descontínuo, e a Duração ou tempo real, como contínuo e heterogêneo.

Partindo dessa metafísica bergsoniana, Rita Torreão criou a Pedagogia da Duração, uma maneira de ensinar e aprender que se aproxima do vivo, do criado, que considera o fluir de um aluno em transformação mais importante que o cumprimento do espaço a percorrer predeterminado pela grade curricular. A corrida de um aluno é dele, todo aluno faz sua corrida em Duração, logo o conjunto da sala só pode ser visto como representação imóvel, como

deformação do real que flui e que se dá singularmente nos indivíduos. A inteligência não é ferramenta adequada para lidar com o que é vivo, ela transforma o vivo em morto para dissecar suas partes, como se o vivo fosse uma engenhoca construída, mas o vivo explode do centro para a periferia, ele não é construído com pedaços, ele é inteiro. Só pode ser intuído.

As Ciências Humanas recorrem a um imenso erro, apesar de reivindicarem estatura igual às exatas e marcar sua diferença, utilizam a mesma noção de tempo das Ciências, logo o Tempo é uma categoria fundamental à estruturação das bases epistemológicas e lógicas de qualquer conhecimento. Entendo que para uma realidade verdadeiramente humana de ciência, a noção de tempo precisa mudar, pois no terreno do tempo matemático, as Ciências Humanas serão menores ou incorrerão em erros de fundamento.

Minha viragem

Foi Bergson quem me levou ao dilema ético sartreano: sou o que faço com o que fizeram de mim. Essa situação de escolha e liberdade retirou-me o conforto do determinismo econômico e jogou o peso da minha existência sobre minha responsabilidade, a frase “tudo que é sólido se desmancha no ar” repetida por toda a esquerda, como panaceia a qualquer situação, tudo era explicado sem nenhuma dúvida; a abundância de certezas é um vício e ainda perdura em mim, foi quando a professora Mary me denunciou: “seu projeto tem muitas certezas e nenhuma dúvida, como pode então pesquisar?”. Vi, subitamente, que essa trouxa de certezas retirava-me a responsabilidade e que o sustentáculo da trouxa era minha cabeça e a mola mestra era a convicção oportunista de que quando sou resultado de forças econômicas de uma infraestrutura não sou resultado de minhas próprias escolhas. Toda a gravidade cai sobre mim, então, o peso da liberdade é insuportável. Louco e alucinado, implorei, debati-me por um sono metafísico, por uma prisão, por um opressor, alguém ou algo que me livrasse dessa maldição, que me livrasse dessa liberdade. Assim, acordei com raiva e remorso. Aos pouco, fui habituando-me à luz do dia, atrás de uma sombra para refazer-me, até que ganhei músculos e força para estudar e pesquisar com frequência e responsabilidade, o que resultou em toda a reformulação conceitual e temática da pesquisa e da narrativa, logo, a presente dissertação. Agradeço ao meu mestrado esse despertar e a própria aflição e suas consequências, que geraram uma revisão constante em minhas certezas feitas de ocultas dúvidas não reveladas.

Até então me faltava senso de composição quando escrevi o equivocionismo, filosofia mais cética, correspondente ao meu estado de espírito, publicada no meu livro “A Menina do

Cabelo Azul – Filosofia e Ética”, junto com a professora Rita Célia. Foi tenso, embora não muito longo, o caminho até a estruturação da Filosofia da Confiança que hoje trabalho.

“Prelúdio e Fuga para uma Pedagogia da Duração” é uma anunciação que se apresenta para novos percursos que pretendo fazer no doutoramento. Minha pesquisa é sobre a Pedagogia da Duração e, mais especificamente, sobre sua aplicação ao ensino de Filosofia. A Educação é feita de questões do passado para o presente, é intermédio, então, criei a “Construção Criadora” para pensamentos e movimentos educativos. Assim como na vida biológica há a “Evolução é Criadora” (BERGSON, 2005^a), na Educação há uma Construção Criadora. Aliás, só há Educação se houver uma construção criadora, apenas uma construção não educa, talvez deseduque e forme replicantes. A este tema, dedicarei os capítulos que se seguem, cuja matéria-prima será os jogos de linguagens na Práxis da Pedagogia da Duração e sua existência acadêmica.

A Pedagogia da Duração inicia-se conduzindo o aluno para o espanto, que é um misto de admiração e perplexidade. A familiaridade e o *episteme* ou conhecimento diminuem o espanto, apenas algumas coisas como a beleza e o terror, mesmo se repetindo, nos trazem espanto, assim, o belo torna-se critério para a pedagogia da duração.

Bucéfalos

Muito resisti para não me inserir nesse trabalho de mestrado. Afinal, uma dissertação, por ser um trabalho científico, deveria buscar uma distância segura para a inteligência, pois a proximidade gera afeto e os afetos atrapalham a inteligência. Mas resolvi arriscar, resolvi sair da área segura, porém monótona do como se deve fazer. Afastei-me do excesso de critérios para poder criar. É preciso coragem e um pouco de loucura, a primeira me falta, mas a segunda tenho de sobra.

Essa dissertação é também a história de minha vida. Vivi vinte anos de minha vida dentro de uma sala de aula de Filosofia, a sala da professora Rita Célia, ela foi minha universidade, primeiro fui aluno ouvinte, depois aluno regular, depois aluno monitor, depois professor auxiliar, substituto, adjunto e, por fim, professor de minha própria classe.

Descobri agora que os sentidos não são resultados dos órgãos, Aristóteles, em *Anima*, como princípio de finalidade, diz que não enxergamos por ter olhos, mas temos olhos porque enxergamos, ou porque precisamos enxergar. Eu, porém, numa perspectiva facediana, entendo que aprendemos a enxergar, a ouvir, aprendemos os sentidos e os sentimentos, somos como um animal cognitivo, um animal que aprende.

O processo de produção da dissertação levou-me a pensar sobre mim mesmo e voltei no tempo, sei que as palavras fixam o fluxo da duração, porém voltei de um salto aos dez anos, garoto bobo, ajudava a mãe a fazer faxina nos primeiros prédios de apartamentos que surgiram em Brotas. Naquela época, meu olhar inocente não via o ressentimento e, apesar das carências, aquele menino era de uma alegria sem conta, corria magro pelas ladeiras e se orgulhava de lavar banheiros como ninguém, depois entregava para a mãe o dinheiro da faxina como se fosse seu marido e o prazer era imenso.

Os anos se passaram e fui para Escola Técnica Federal da Bahia, lá pela década de setenta os Partidos Políticos e Organizações de Esquerda ilegais atuavam no Centro Cívico, lá conheci Karl Marx e a luta de classes, eu nunca tinha visto uma classe, nem sabia que elas brigavam, até então só via briga de vizinhos, marido e mulher, de galo nas rinhas do Fim de Linha de Brotas e Candéal e nossas, os rapazes nos babas no Vale do Bonocô, que chamávamos Baixa do Tubo. Pois a leitura do mundo que Paulo Freire disse ser importante e que Marx foi um dos primeiros professores que consistiu em meu aprendizado sobre o ressentimento, a aprender a comparar e perder definitivamente a alegria. Depois de aprender sobre as diferenças e as desigualdades como algo ruim, a riqueza de quem tem foi tirada de quem não tem, era preciso aprender a se vingar. Então, ao concluir o curso de Eletrônica Industrial, fui para uma fábrica no Centro Industrial de Aratu (CIA) e de lá para a militância no Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, em Nazaré.

Às vezes, pensando nessa minha história e comparando com a história da humanidade, fico procurando um personagem para funcionar como arque, para inspirar ou consolar. Participei de muitas guerras, mas não fui grande general, nem guerreiro herói, de todos que pensei escolhi Bucéfalos, o cavalo de Alexandre. Diante de tantos personagens na história, eu escolhi ser um cavalo. Uma cena no filme Alexandre, do diretor Oliver Stoni, foi decisiva: Bucéfalo era um cavalo indomável, ninguém podia montá-lo, mas Alexandre percebeu que sua ferocidade era medo, ele tinha medo da própria sombra, então não se aquietava, pulava o tempo todo, até que Alexandre disse baixinho: Bucéfalo, a sombra é uma brincadeira do deus Apolo, ela não lhe fará mal. Então ele pôde entrar na história. Eu, da mesma forma, precisei perder o medo das sombras para entrar em minha própria história, minha rebeldia e fúria, minha temeridade era medo, medo de sombras e assombrações.

MOVIMENTO I: UMA VIAGEM AO FUNDO DO MAR

A nossa vida noturna passa-se no fundo do mar

Mario Quintana (1990, p. 143)

Este capítulo é antes uma descrição densa, uma ferramenta da etnopesquisa que reconhece a importância dos detalhes na observação e na investigação do objeto, no qual o observador está inserido e, assim, faz parte do objeto.

Trata-se, portanto, de descrever minha participação direta na Pedagogia da Duração que, como feixe de luz, encontra-se expresso na obra “Nas asas da Borboleta: filosofia de Bergson e Educação”, de autoria da Dra. Rita Célia, mas que como toda luz, embora se propague, cria diversas áreas de sombras. Minha dissertação é sobre estas sombras que envolvem mais a educação do que a filosofia e mais prática pedagógica do que teoria.

Particpei e vivenciei, de 1998 a 2006, na UESC, das aulas de filosofia ministradas pela referida professora em diferentes cursos, primeiro como aluno ouvinte, depois como aluno, em seguida como monitor I e depois como monitor II, logo após como professor auxiliar, depois como professor em minha própria sala de aula sob a observação da professora e, atualmente, sou professor de filosofia do ensino superior.

O nome deste capítulo refere-se à semelhança que atribuo a minha experiência com a Pedagogia da Duração e minha vocação e descobertas tão preciosas igualmente àquelas quando se mergulha e vai ao fundo do mar para colher pérolas. É preciso fôlego e coragem, e ajuda de várias formas para enfrentar obstáculos, além de coração forte na alegria de descoberta dos tesouros que são dignos de uma dissertação de mestrado em Educação, pois ao tempo que aprendia a mergulhar e caçar, tornei-me o professor que sou. A experiência foi tão emocionante, rica e diversificada que mudei minha vida, minha profissão, minha história e a história de minha família e seus arredores. Não é esse um mar morto, mas, sim, vários mares de texturas e locais distantes, às vezes com embarcações precárias, atravessando desertos e desbravando lugares sem estradas que iam se fazendo à medida que se dava um passo à frente e criava solo.

A esses pontos de sombras em mares desconhecidos da educação denominarei **ilhas pedagógicas**, e tratarei assim ao longo da dissertação. A Pedagogia da Duração surgiu na universidade e extrapolou seu *locus* por meio de suas formas azuladas, esverdeadas, em diversos matizes e nuances que aparecem, então, em alaranjados suculentos de rosas

perfumadas que incendeiam o ensinar e o aprender, inaugurando a pedagogia da duração para o ensino borbulhante da filosofia em diferentes universidades do estado da Bahia, incluindo a universidade Federal da Bahia(UFBA), em Salvador, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista e Jequié, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na Serra do Ramalho e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus. Hoje, sou professor de filosofia, lógica e ética no IFBA de Santo Amaro e na Faculdade Montessoriano de Salvador. Minha experiência é de 16 anos de observação e participação com intensa vivência.

Kant afirma que não se ensina filosofia, talvez a filosofia exija para seu ensino uma pedagogia própria, nascida dela mesma, no hábito da sala de aula sem limites para invenções, invencionices e criações, o que faz surgir um método e uma forma de provocações espantosas, chocantes, eletrizantes que acorda alunos para o interesse em questões filosóficas, e, em seguida, para um amor, uma paixão, um vício, uma doação e um desapego de imensa generosidade num eterno especular e desesperar.

Penso que a filosofia não seja a mãe nem o pai de ninguém, nem filha, ela nasce de si mesma e para si, sem abotoaduras, cabides ou caixas. Ela é solta no ar, vive de seus próprios assombros, sustos e arrepios, vive aqui, ali, se acha brisa assobia, se acha campo planta, se acha céu vira estrela.

Como ensinar algo desta natureza sem uma pedagogia específica que leve em conta a vida e a duração? Esclareço que a filosofia difere das ciências no sentido de que as ciências caminham em direção às respostas e a filosofia em direção às perguntas, a mesma direção em sentidos contrários. Portanto, seu rigor e precisão, embora aparente ser outro, é exatamente o mesmo; e nos teóricos que me ancoo, Bergson e Deleuze, a diferença é muito mais importante que a identidade; não vou somente lidar com categorias, mas com intuições, não me prenderei apenas às representações, mas ao vivido, ao pensado.

A Pedagogia da Duração é um organismo de sedução e de sedutores que se articulam por leves toques, por simples palavras, ao tempo que dizem, escalam, nadam e mergulham. A Filosofia não é serva nem é operária, ao contrário, não tem patrão, seu trabalho exige repousos e avança por saltos e seu tempo não se conta nas badaladas de um relógio, mas nos voos que realiza sem destino; quando encontra, floresce. Evidente que escolhe requintes e luxos de raros singulares, não gera entulhamentos literários, ela é sem complexidade, pois visa o ato simples que é divino e rico em adereços e enfeites. O ato de pensar é raro, solitário e simples, sem plicas, sem dobras, com sombras, com tensões e relaxamentos, com inspirar e expirar. A filosofia é nua e bela como um lírio, vestida apenas com seu próprio perfume, é

erótica e dirige-se à sensibilidade e à inteligência sem autorizações prévias. Ela passa de um estado de angústia ao êxtase ou contemplações radiosas e se manifesta ao seu bem querer. A descrição desse ambiente tem clima, temperaturas e, principalmente, temperamentos que criam suas divergências beligerantes e não há como não ser, pois enfrenta a guerra que nasce desses temperamentos soberbos. Assim, denominei de **têmperas** a qualquer teoria ou explicações filosofantes na educação, inclusive as minhas nesta dissertação.

A história da filosofia é, em grande parte, a de certa colisão de temperamentos humanos, por mais indigno que possa parecer a alguns de meus colegas tal tratamento, terei que levar em conta esses choques e explicar por seus intermédios grande parte das divergências filosóficas. Qualquer que seja o temperamento de um filósofo profissional, trata, quando filosofando, de encobrir o seu temperamento. O temperamento não é a razão convencionalmente admitida, com o que lança mão das razões impessoais somente para conclusões. Seu temperamento, contudo, confere-lhe uma distorção mais forte do que qualquer uma de suas premissas mais estritamente objetivas. Sobrecarrega-lhe a evidência desse modo ou de outro, estabelecendo uma visão mais sentimental ou mais realística do universo, justo como esse fato ou aquele princípio o fariam. Confia em seu temperamento, necessitando de um universo ao qual se adapte, acredita em qualquer representação de universo que se lhe adapta. Sente que os homens de temperamento oposto estão fora de sintonia com o caráter do mundo, e em seu íntimo, considera-os incompetentes e “por fora” do negócio filosófico, embora possam excedê-lo a perder de vista em matéria de habilidade dialética.

Willian James ajudou a compreender a falta de sintonia que Rita Célia tem com o ambiente acadêmico: mera questão de temperamento. Assim, em sua homenagem, criei **Têmperas Pedagógicas**. Esses mantos, essas formas de andar em cima dos próprios saltos, requerem orações e preces a todo o momento, em sopros encantados acompanhados de lágrimas e suores. É assim que anda e respira a autora das Asas da Borboleta.

A filosofia respira profundezas ou altitudes, é difícil respirar. Viver esse viver é ficar pálido, é morrer sem morrer, é ir e vir ao mesmo lugar sem nenhum cansaço das agonias para as mesmas sombras na esperança de ver ou escutar o vento e o tempo. Como o tempo não tem tempo nem para ninar sonhos, tudo pode acontecer da noite para o dia.

Sempre gostei da poesia e fazia os meus poeminhas que me salvaram a vida e garantiram que vivesse quando esmorecia na fome e saía da tabuada de grãos para delírios que alimentavam o espírito de nutrientes especiais na formação de um corpo magro e grande. A perda diária se esticava até a flor da pele. As letras eram queridas e acolhidas no estômago da

percepção; era bom aluno e amado por minhas professoras, colegas e amigos. Na lavagem de roupa da minha mãe ou no duro cimento na lida de meu pai, as ideias geralmente entravam pela porta da frente e saíam pelo fundo, descansando entre roupas estendidas no varal do quintal apertado, mas plantado de cana de açúcar, bananeira e hortaliças. O barraco sem luz, sem água, que era trazida lata a lata para todos os serviços e necessidades, da cisterna do quintal, onde funcionava meu depósito de emoções, no descer e subir de baldes. Esse mundo de pobreza não é hostil a luxos e riquezas raras, como pode ser pensado, ao contrário, havia abundância de afetos, de amor, de carinho, de atenções com pequenos gestos, nas horas difíceis das chuvas de março. Solidões bem nutridas apoiavam o telhado frágil. Nessa paisagem, o destino mostrava uma única direção: a indústria para amparar e garantir um chão azulejado e uma parede de pedra que defendesse todos das enxurradas. Por dez anos, dia e noite, trabalhei no chão de fábrica das metalurgias. Essa situação iria mudar com a ajuda de Deus e da minha paixão pela minha mulher. Desde então, a reviravolta foi geral em minha vida. Implicava novo estilo de vida e trabalho de interesses e despertamentos para o estudo da filosofia e o abandono do sindicalismo com direções marxistas. Essa nova paisagem era de guerra, pois a referida professora vivia de guerras que nunca imaginei nem sonhei. Passei a ser seu general de brigada, embora os obstáculos tenham então se avolumado com ondas imensas e sustos abissais, comecei a aprender a mergulhar em águas profundas para buscar pérolas, com a faca travada nos dentes, pois não somente de pão vive o homem.

Nada foi fácil, de todos os mares que naveguei nenhum foi cor de rosa, ao contrário, enfrentei tempestades, calmarias, muito sol e muita chuva e algumas perdições negritas. Balanços e brisas chegaram para curar feridas e proporcionar o repouso necessário, afastando os recalques, quando contava as histórias ou poetizava aquelas dolorosas vivências. Festas das vitórias eram íntimas, sem alaridos, mas com muita música e dança, fartura na mesa para pouquíssimos convidados, era seu jeito e fui aderindo também. Ali, descobri minha antiga vocação de professor de matemática para alunos em recuperação. Ali, plantei, ali, colhi. Depois de visitar muitos mundos, agora tinha de fato o meu mundo.

Esse alinhamento que faço dos meus apontamentos de vida pode parecer estranho a alguns: o que tem a ver tudo isto com tudo aquilo, Pedagogia da Duração? É preciso dizer e digo agora que no meu campo de criação aparecem desconexões inevitáveis advindas da quantidade de hesitações e incertezas que me alimentam todos os dias. Peço desculpas aos senhores acadêmicos por meus hieróglifos e tortuosas ruas que traço no mapa desta dissertação. Portanto, é um capítulo louvavelmente breve, no qual fica dito que os sucessos deste trabalho são de fato atropelamentos e sumos de engarrafamentos espantosos. Tudo que é

novo tem cheiro de coisa molhada que necessita de escoamento no varal do quintal.

Um desejo é uma falta, cujo avesso é o medo. Pensando assim, a busca avassaladora e contínua pela novidade é antes o medo do novo que ocorre no mesmo. No meu caso, minha herança operária, desejo o que tenho e tenho o que desejo e, em relação ao seu avesso, meus temores, medos e aflições formam o estoque de reservas que faço virar poesia, canto e sedução. Tenho mudado de mentalidade, de vida, de *têmperas* e continuo desejando meus desejos, ou seja, desejo o que é meu, nesse palco a peça se repete infinitamente para aperfeiçoar-se, o transtorno é quando há alteração da rotina amiga e confortável do meu viver de escolhas. Acordo cedo para operariar a vida, levar neto à escola, ao médico, ao dentista, pago todas as prestações em dia, vou à oficina, amparo as reformas que minha mulher promove, estudo, pesquiso, dou aulas em duas universidades, cozinho, canto, danço, faço feira, amo o meu amor a minha família, a minha casa, lugar de mil viagens, onde cada dia é único no mesmo. O operariar é repetir e agir no mesmo até que ele se transforme em novo. Busco inspiração do meu viver nos percursos de ir e vir da tensão à distensão, proletarizo e intelectualizo fazeres e pensares. Sei que um dia chove, outro não, um sim, outro não. Oh! Como é belo ver correr assim a vida simples e ao mesmo tempo rica de presentes e lembranças provocadoras de ações ensinantes e aprendentes.

A filosofia me segue e eu a persigo, com ela, às vezes, sou a sombra e ela a luz, depois trocamos, viro lampejamentos e ela as sombras que me protegem, exigindo que ande no escuro, passo a passo, para o encantamento e a revelação no abrir e fechar portas.

Lembro-me do mito de Sísifo (Albert Camus). O mito de Sísifo (Ensaio sobre o absurdo) é caracterizado deste modo:

Se este mito é trágico é porque seu herói é consciente. Onde estaria de fato a sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem sucedido? O operário de hoje trabalha todos os dias da sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que deveria produzir o seu tormento consome, com a mesma força a sua vitória. Não existe destino que não se supere pelo desprezo (CAMUS, 1989).

Aqui, no mestrado em educação, por contágio com meus mestres, criei couro para um suporte necessário ao conhecimento de variadas *têmperas* e experiências. Na dialogia com colegas, construindo companhias, vi aparecer e desaparecer, a cada jornada completada e finalizada, a amizade e esta transformar-se em lembranças que irão acompanhar minhas

caminhadas. Não sou mais o mesmo, mas volto para o de sempre, desejante, mais cansado, mais velho, porém, meu espírito verdejante promete algumas colheitas nunca antes plantadas e cultivadas, como faço então. Esses frutos serão, sem dúvida, o resultado da água que recebi aqui na FACED.

As colisões dos encontros entre têmeperas beligerantes que organizam combates, disputas silenciosas ou não, o trabalho, a frequência, garantem estreitas passagens entre um e outro momento desta rica vivência. Toda minha hospedagem no mestrado em educação foi uma viagem em um mar de águas tranquilas para quem estava acostumado a tempestades, tornados e águas perigosas.

Não é que deixei o tempo passar olhando luas e vacas voadoras no céu da minha imaginação, é o prazo que se esgota no enfrentamento de meu mundo de temperanças e temperaturas. A Pedagogia da Duração é uma simpatia com cada amanhecer e anoitecer no mesmo, à espera do inesperado novo. Desta forma, planos, planejamentos, currículos são apenas intenções justificadoras que se perdem pelo caminhar, passo a passo, na criação evolutiva da vida, que muda a cada instante de nuances e formas, mas na mesma direção progressiva.

Diálogos, conselhos e perguntas – perguntas da orientadora:

1. Como relacionar o professor e o pesquisador?

O professor deve levar sua pesquisa para a sala, assim ensino e pesquisa se encontram na extensão do corpo do professor-pesquisador e é nesse corpo que a escola se (re)significa. Além do fato de que numa pesquisa qualitativa, ou melhor, em uma etnopesquisa, interessa não o que a pesquisa revela ao pesquisador, mas o que ela revela no pesquisador e a pesquisa transforma o professor em educador.

2. Quais suas incertezas?

De início, tentei responder a essa questão explicando que na Filosofia se lida com incertezas e que o esforço de coerência seria para ocultar a imensa carga de dúvidas, porém essa resposta não me satisfaz, um dos meus instrumentos de pesquisa, o meu nariz, me obrigou a ir mais adiante, então, pude formular incertezas: será que esse trabalho é científico? Será se ele não passa de uma narrativa de autoanálise? Não passa de uma experiência pessoal

e estou apenas defendendo algo que amo?

O caráter incompreensível das coisas causa espanto e, em alguns, provoca até terror, raiva agressiva, descontroles variados que costumam receber o nome geral de violência.

As questões sistematizadas são: a filosofia ensinada com a Pedagogia da Duração forma filósofos? A Filosofia precisa de uma pedagogia especificamente própria para ser apropriada pelos alunos? O professor de filosofia é exemplo de ente filosofante? O ensino da filosofia é um desconforto de aderência à vida como ela é? São estas as questões impulsionadoras do movimento da Pedagogia da Duração e do meu movimento de investigação e pesquisa nesta dissertação, na qual que procurarei obedecer às regras de seu fazer, contendo minha vontade de inovações, uma vez que a academia não seja o lugar mais adequado.

Todas estas questões serão trabalhadas e, juntamente com a pesquisa, buscarão tanto as sombras quanto algumas iluminações para fazer desvelar as respostas. Faz muito tempo, meus encantadores professores, que de fato esqueci-me num certo jardim e temo que não tenha escolhido o melhor caminho para evitar as dores que estou sofrendo na aflição desta dissertação. Pensava, não penso mais, que não seria nenhuma vantagem ter nascido rico se isso não iria me impedir de ser escravo de minha fortuna.

Assisto na plateia da vida a agonia da virtude, sobre a qual as fraquezas reinam em seu lugar. Fugi quando não deveria e não fiz quando deveria, imaginem os senhores o conflito e a angústia de meu viver. De fato, falo de detalhes, mas são esses pequenos detalhes que dão verossimilhança e a verossimilhança torna as mentiras inconsequentes por anular o desejo de serem verificadas. Apesar de que derrotas em minha vida não são detalhes. A ciência busca desesperadamente esta verificabilidade a todo custo, mas a filosofia não necessita dela, pois especula e questiona. Juro e aposto que ela não existiria se fôssemos imortais.

Conselho de Dante – Aproprie-se do que lhe é próprio ou torne próprio aquilo de que você se apropria.

Conselho de Roberto Sidnei – “a traição faz parte, tente o politicamente incorreto”.

Conselho Filosófico de Machado de Assis (1), em *O Alienista*, p.27 – “Há melhor do que anunciar a minha ideia, é praticá-la. Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica Digo experiência, porque Não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante”. Retirando as ironias pertinentes.

Mais Histórias

Em maio de 1986 era líder sindical dos metalúrgicos de Salvador, mas entrei em crise, crise pessoal, existencial, política, e me afastei do movimento e me aproximei da Filosofia. Frequentei as aulas da professora Rita Célia ao longo de 26 anos e participei da criação de uma pedagogia para o ensino da filosofia que é a pedagogia da duração.

De início era um observador ingênuo e apenas um aluno ouvinte. Depois passei a ser um repetente voluntário, e como aluno mais experiente ajudava meus colegas nas tarefas e estudos, depois passei a monitor da professora e cheguei a substituí-la em aulas e por fim cursei uma Licenciatura de Filosofia e tornei-me professor.

Os gregos tinham razão quando viam no espanto a atitude motivadora de toda *episteme*, é o que move a busca pelo conhecimento. O caráter incompreensível em que o mundo se apresenta, inicialmente leva-nos a um misto de admiração e perplexidade. Isso é o espanto, um maravilhamento ou medo, mas também uma ânsia, uma necessidade de dar sentido, do mesmo modo que os golfinhos saltam sobre as ondas ou os cavalos disparam na pradaria, nosso intelecto investiga, entende, compreende, acolhe. A atividade de pensar, a atividade de conhecimento, tenta dar sentido ao que antes parecia inexplicável. Esse caminho é de muito sofrimento, é uma caminhada penosa que leva do espanto ao conhecimento. Essa é a história do conhecimento. De início ele é modesto, aceita as revelações e as alegorias dos mitos, depois ele passa a ser mais ativo e move-se buscando soluções menos mágicas e mais racionais, procura um saber que não lhe é dado por uma força divina, mas construído por ele mesmo. No momento em que não nos conformamos mais com as respostas dadas e com a agonia do espanto, vamos buscar nossa resposta à pergunta que irrompe: “Por que”?

O artista percebeu, na sua condição singular, algo do mundo que nós, mortais comuns, não percebemos, então a arte apresenta um saber mediado pelo artista, a filosofia apresenta a possibilidade de você mesmo descobrir.

Beleza, verdade e bem é o que deseja o conhecimento, mas nessa busca produzimos terror, mentiras e dor, o mal.

MOVIMENTO II: EXPLICAÇÕES E DESORDEM

Neste capítulo, irei trabalhar o método de investigação, então ele se volta para as possibilidades práticas de uma Pedagogia da Duração inaugurada pela Dra. Rita Célia, no seu livro “Nas Asas da Borboleta”, do qual farei, como os músicos, um prelúdio anunciador da obra que é a Pedagogia da Duração, na eficiência de uma Práxis Pedagógica para o ensino da Filosofia em que um dos exemplos será meu ser filosofante e outros que entrevistarei. Ele deveria ter outro nome, mas vejo hoje que o método é uma criação singular na ordem estabelecida, sinto grande confusão e optei por incluir minha desordem como procedimento metodológico.

Em Bergson, a desordem é uma ordem diferente da sua e por isso é inexplicável. Assim, construirei as explicações para as ordens comunitárias e socializadas, seguidas ou interrompidas por uma desordem, que é a minha maneira no trato de algumas questões, e que solicito licença para inclusão. Esse é o motivo das minhas narrativas, às vezes, serem descontínuas e heterogêneas, com fugas e sombras, lugares de lucidez duvidosa, mas onde refaço meus sonhos e imaginação e pode ser chamado de desordem, distúrbios, loucura, aflição, agitação, hiperatividade, bipolaridade; o médico é quem dá a doença, mas saúde pertence à singularidade da pessoa.

Método é caminho a ser percorrido. O método para pesquisar e inferir sobre este material coletado é a Etnopesquisa. O método de escrever o trabalho criei, inventei e sistematizo como processo semelhante à lavagem de roupa: separa, esfrega, deixa de molho, esfrega, torce, estende, espera secar, colhe, passa e guarda; depois se usa para passear; inauguro, nesta construção, o fazer da lavagem de roupas um método ao qual batizei de **Pistra (lavadeira)**, plagiando Sócrates na maiêutica criada por ele em homenagem a sua mãe que era parteira. O meu método é também em homenagem a minha mãe que era lavadeira. Foi como num *setting* analítico que descobri suas reais raízes, ele não surgiu de meras ideias que são sensações enfraquecidas, ele vem de uma vivência rica de sensações prazerosas, refrescantes, coloridas e de uma aprendizagem de viver a vida, porque depois me casei com uma mulher que não sabe lavar roupas, assim considero importante a narrativa, mesmo sendo uma pequena história, foi com ela que criei meu método.

À “plýstra”, primeiro separam-se as roupas de cor das brancas ou as que não soltam tinta. Essa parte corresponde à separação do vivo e do construído. Depois, se coloca de molho num esfregar para soltar a sujeira e apresenta-se, então, o problema na perspectiva do tempo. Depois vem o enxaguar e, depois, torcer e estender.

Este é meu método de escrever e, às vezes, de ruminar pensamentos trazidos pelo amanhecer. “Geralmente o sonho não cria nada”, disse Bergson (2009, p. 92). Faço uma engenharia de texto, na qual a produção de resíduos é descartada e quanto mais pano me dou mais economizo no corte para abundância dos retalhos e o texto é processado para depois ser passado a ferro; às vezes, tenho que fazer as plicas para manter a roupa bem apresentável.

Para melhor explicar o nascimento do método, conto minha própria história.

Quando era criança, mamãe passava os dias a lavar roupas, eu a ajudava a torcer grandes lençóis e aprendi que é preciso torcer em sentido contrário, para que o torcer surta efeito, saia a água. O torcer é uma luta, uma oposição de forças onde o resultado é um bem para o coletivo. Torcia as roupas segurando na ponta do lençol, pois ela é baixinha, depois quando tudo silenciava os lençóis estendidos no varal, e como menino transformava tudo em brincadeira; passava por dentro da roupa estendida, molhada, e separava as partes e ficava ali sentindo o cheiro e respingar gotas frias e luminosas. Ria e repetia o ir e vir dos lençóis ao vento, pensando num desfile de escola de samba, pois o vizinho tocava uma gaita, minha mãe cantava comigo, naquele momento, a fome sumia, as dores fugiam o sono chegava e os sonhos e a imaginação reinavam num lindo e maravilhoso país, feitos de sabores e imagens azuis, pelo qual, mais tarde, lutaria custasse o que custasse (FARIAS, 2013).

Peço ao leitor que aceite a minha narrativa feita de fugas, de saltos e intervalos, faço desta forma para não cansá-lo nem niná-lo. No desespero da busca de harmonia e movimentos comoventes e hilários.

Marx e sua metodologia – Teoria e Prática

Aqui, farei considerações sobre meus estudos e reflexões marxistas, conforme minha hermenêutica e deixarei ao leitor as afirmações de suas tendências e linhas divergentes para que elas, em luta, façam ou progredir ou dar a outra a vez de fazer.

Em todos os textos de Marx, desde os “Manuscritos” até “O Capital”, ecoa sua intenção, reunir o que o processo histórico separou: o trabalho, ser unitário, realização plena do homem em sua existência humana. Trabalho manual e trabalho intelectual não devem apenas ser equiparados, eles devem deixar de existir dessa forma alienada, fragmentada. Para Marx, o trabalho deve ser um só, com letra maiúscula, Trabalho, único modo de realização humana não alienada.

Sendo assim, aproximando trabalho manual de trabalho intelectual, epistemologicamente a teoria e o método também não devem ser separados, toda vez que

estabelecemos uma metodologia teorizamos, e toda vez que teorizamos estabelecemos uma metodologia. A teoria ou a metodologia marxista consiste em aproximar trabalho manual de trabalho intelectual, buscando a reunificação. Nas Teses Sobre Feuerbach, Marx deixa clara sua ideia de matéria, considerando as relações sociais como materialmente dadas, assim tanto a atividade manual como a intelectual são dadas materialmente, são manipulações de matéria. Do mesmo jeito que a alma conduz a mão, a mão é feitora de alma. Toda a Dialética e o Materialismo Histórico são aportes teóricos para explicar esse método/teoria.

Entre-vistas: uma explicação

As entrevistas, nesta dissertação, terão na sua metodologia, com base em entre-vistas, uma amostragem para ilustrar parte de uma etnopesquisa modificada. É que defino como entre-vistas, a passagem do pesquisador entre as vistas. Semelhante a uma caminhada em terreno labiríntico de subidas e descidas, onde em cada ponto de parada situa-se uma comunidade que olha a frota de carregamento com uma paisagem, e emite uma opinião, com um olhar que a diferencia da próxima ou da anterior, que contemplaram outras posições da mesma frota. Mesmo que seu emissário faça as mesmas perguntas, as respostas serão diferentes sobre o mesmo carregamento.

Considerando ainda o esgotamento de forças do frotista, o desgaste do estoque, as muitas opiniões diferentes terão uma multiplicidade de infinitas nuances. Supondo que o frotista resolva anotar todas estas formas e olhares, seu relatório será de controvérsias e aspectos de negações e afirmações contraditórias, porém é o viajante, ao passar por estas diferentes paisagens, que pode descrever o percurso e a duração de sua caminhada, deixando em cada local uma “saudosa estadia” e uma esperança de breve retorno, ali onde pessoas montam e desmontam seus acampamentos de linguagens. Assim, ao tempo que informa, também deforma os acontecimentos, além das intemperes do vento, do tempo e da topografia. Assim, é no processo de pesquisa que o pesquisador, munido de seu estoque questionador, sofre tormentos obstinados, ele viaja entre os entre-vistados que se alojam em diferentes jogos de linguagem, e camaradagens linguísticas criam verdadeiros labirintos com folgas e distâncias, dando opiniões a partir da janela pela qual vê o mundo; acrescidos de recalques coletivizados, de desejos desarrumados, crenças ativas e reativas, ativadoras de ações dirigidas e intenções nem sempre vistas. O amalgamento destas entrevistas não autoriza perturbar o pesquisador na sua tarefa, jogar um jogo de linguagens no qual as torcidas são

organizadas e gritam seus interesses particulares na disputa de seus times aglutinadores de forças e ansiosas de aderências. Nesse mar de conhecimento, quem não anseia por uma praia onde possa repousar seu corpo? Corpo ressabiado da pesquisa com um recorte de paisagem discreta e serena que significa nada mais nada menos que uma teoria ou um olhar.

Por outro lado, insultos a esta praia, a esta teoria e ao pesquisador são normais e colaborativos. Feliz o pesquisador que tem um capital social, mais feliz ainda é aquele que tem um poderoso inimigo, então podem dizer: este frotista-pesquisador é reducionista, desconsidera os arredores, é um “*self* abafado de certezas”, é um em- si-mesmo e de forma temerária se expõe. Cuidado, não vá por aí, venha por aqui etc. Todo pesquisador se expõe ou a chacota, ou ao ridículo, ou ao engano, ou à decepção. Seu carregamento é uma mercadoria, mas ele mesmo não tem preço, porque não se ilude de seu destino, nem pode fugir do peso de sua cruz que em qualquer circunstância está para além de rupturas e negações do real, ele terá que levá-la até o final com suas dores e sofrimentos, assevera Schopenhauer: “viver é sofrer”. Cada qual no seu cada qual pode descrever seu material de experiências vividas, mesmo que sejam detalhes únicos sem retirar o valor nem a validade do carregamento. Ele é duração e delas dependente para as intuições precisas, rigorosas, perigosas e inusitadas que ocorrem apenas na digestão do frotista-pesquisador.

Para ilustrar, apresento um samba de Marisa Monte /Arnaldo Antunes, intitulado “De Mais Ninguém”:

Se ela me deixou, a dor
É minha só, não é de mais ninguém.
Aos outros eu devolvo a dó
Eu tenho a minha dor.
Se ela preferiu ficar sozinha,
Ou já tem um outro bem
Se ela me deixou a dor é minha,
A dor é de quem tem.

É meu troféu, é o que restou,
É o que me aquece sem me dar calor.
Se eu não tenho o meu amor,
Eu tenho a minha dor
A sala, o quarto, a casa está vazia,
A cozinha, o corredor.
Se nos meus braços ela não se aninha,
A dor é minha.

Se ela me deixou, a dor
É minha só, não é de mais ninguém
Aos outros eu devolvo a dó
Eu tenho a minha dor

Se ela preferiu ficar sozinha,
 Ou já tem um outro bem
 Se ela me deixou,
 A dor é minha,
 A dor é de quem tem.

É o meu lençol, é o cobertor.
 É o que me aquece sem me dar calor
 Se eu não tenho o meu amor,
 Eu tenho a minha dor
 A sala, o quarto,
 A casa está vazia,
 A cozinha, o corredor.
 Se nos meus braços,
 Ela não se aninha,
 A dor é minha, a dor.

Estamos entre as “vistas” de perto ou de longe, em movimentos ao sol ou embaixo de sombras, a sua própria sombra, as sombras alheias e as assombrações, umas rejeitam, umas se calam, outras surgem no apadrinhamento produzido pela simpatia com a frota ou o frotista, pelo seu jeito próprio de ser caminhante. Esta é uma paisagem comum em qualquer investigação, uma exposição continuada e heterogênea às vistas e olhares curiosos e ansiosos da futuridade de seus carregamentos, segredos e receitas guardadas no coração do pesquisador. O pesquisador pode sofrer alucinações, visões alteradas e confusas, ele é uma promessa e oculta seu poder, mas estas visões presentes nas Asas da Borboleta tendem a se acomodar em nichos sementeiros, vencerão mesmo na maior adversidade aquilo que Bergson chama de tendências divergentes que aguardam sua vez de brotação.

Das entre-vistas realizadas não irei fazer nenhuma síntese, pois meu carregamento de premissas e questões não será respondido (antes de tudo é Filosofia), sei que vou do que tento aprender para aquilo que ignoro e o trânsito mesmo me impede de apressadas e deformadas afirmações categóricas. Mas como é um trabalho acadêmico, comporei uma conclusão com valor precário e provisório. Não poderei misturar abacaxi com feijão apenas porque ambos estão verdes. Assim, a minha conclusão está verde, poderá amadurecer e sem perder seus compósitos ou pelo aquecimento diferenciar em grau e natureza das questões iniciais.

Aprender é uma aventura de descobertas, porém não jogaremos esse jogo munidos apenas de incertezas e sim de crenças-desejos que serão negadas e reafirmadas. Ninguém irá à arena na incerteza da derrota de seu time e sim na crença que ele irá ganhar, não pagaria ingresso se não fosse a crença da vitória, apesar de que a sombra da incerteza assombra uns poucos torcedores perturbados.

Como as palavras são um conjunto de equívocidades, outro sentido carrego para a ideia de entre-vistas, como a entrevista há pelo menos dois, o entrevistador e o entrevistado, ela é um meio olhar, um intermédio, a entrevista é um discurso entre-vistas, afinal por mais discreto que seja, o entrevistador não apenas colhe, ele intenciona.

Multireferencialidade: um problema de método

A multireferencialidade é uma realidade na produção científica da atualidade, porém muitos equívocos e mal entendidos surgem quando mobilizamos esse conceito, entendo que esse meu trabalho se localize no campo bergsoniano e basicamente em Filosofia, porém ele é assombrado por Nietzsche, Schopenhauer, Aristóteles, Platão, Pascal, Marx, Freud, Machado de Assis, Fernando Pessoa etc. Então, há sombras e assombração de outros autores e diferentes campos do conhecimento.

Quando Bergson diz que matéria é um conjunto de imagens e diz também que imagem é mais que a ideia do idealista e menos que a coisa do realista, torço esse sentido para as matérias das múltiplas disciplinas científicas e afirmo que este argumento intuitivo é menos que a complexidade dos multireferenciais e mais que a insularidade de um discurso monossilábico fundado em apenas um autor, eu sou povoado de discursos, esse discurso é meu, logo insular em mim, mas multi, pois sou resultado de encontros, sou cruzamento.

Etapas do método da Etnopesquisa para uma pesquisa qualitativa

Irei descrever, aqui, as etapas da Etnopesquisa com os respectivos teóricos, conforme meu entendimento e hermenêutica. Como instrumento pertencente, descreverei: a descrição densa; a consideração dos detalhes e pequenas histórias.

Não basta aprender o que tem de se dizer em
todos os casos sobre um objeto, mas também como
devemos falar dele. Temos sempre de
começar por aprender o método de o abordar

(WITTGENSTEIN)

Grande evidencia ao método de abordar um objeto é ressaltado nesse epigrafe de Wittgenstein, podemos perceber que existe um estreito laço entre descrição de objeto e o método de o abordar. Pois como o método é o caminho caminhando, é por ele e com ele que

construiremos e conheceremos o objeto de nosso estudo.

Nesse sentido, a etnografia se enquadra neste estudo, pois busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para a descrição densa do contexto estudado, ao revelarem que o valor da etnografia, como método da pesquisa social, está no fato da existência de uma variedade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, busca a inserção no contexto natural para acessar as experiências, os comportamentos, as interações e os documentos a fim de compreender a dinâmica do grupo estudado. Conforme meu entendimento de Macedo, neste trecho:

[...] o significado social e culturalmente construído não se torna resto esquecido na conclusão de uma pesquisa; ele é trazido para o cenário ativo da construção do conhecimento, com tudo aquilo que lhe é próprio: regularidades, contradições, paradoxos, ambiguidades, ambivalências, assincronias, insuficiências, transgressões, traições, etc. (2006, p.10).

As traições são componentes do aporte teórico e da relação pesquisador, pesquisa e teorias, por isso a etnopesquisa serviu-me nessa jornada trágica em busca de ouvir os gemidos assombrados do indivíduo afogado no oceano do social.

Assim, nasceu a Etnopesquisa intuicionista.

[...] por "imagem" entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a "coisa" e a "representação" (BERGSON, 2006b, p. 2).

As aulas do professor Roberto Sidnei são, além de importantes para a formação do pesquisador em Educação, uma oportunidade de aprendizagem e crescimento intelectual. Ensinando temas complexos com rara clareza e paciência, o professor não esconde sua vasta erudição, demonstrando imensa bagagem intelectual e, com tudo isso, acontece algo singular, ele pensa sobre o que sabe. Em seu livro e do professor Galeffi, “Um Rigor Outro”, ele afirma:

Quanto ao sentido de rigor com o qual transversalizamos o argumento deste ensaio, poderíamos afirmar sem muitas dúvidas que, para nós, a busca do rigor significa a busca da qualidade epistemológica, metodológica, ética e política, socialmente referenciadas, da pesquisa dita qualitativa (2009, p. 75).

Denominei “Sonhos qualitativos de uma Etnopesquisa” um trabalho apresentado à disciplina “Abordagens Metodológicas”, pois minha pesquisa envolve o método da intuição em Bergson e suas possibilidades para e o ensino de Filosofia. Como o professor Roberto Sidnei apresentou e analisou em uma de suas aulas o filme “Sonhos de Akira Kurosawa”, aproveitei o sentido e semântica de sonhos para essa atividade. Sonhos e imagens dançaram na disciplina Abordagens Metodológicas.

Decididamente, minha pesquisa é qualitativa, ou melhor, será uma Etnopesquisa, pois descrever, como imperativo, buscando uma descrição densa, atentando para a pertinência dos detalhes, serão os indicativos indicadores de meu pesquisar/descrever. Foi quando o professor Roberto Sidnei afirmou que o método será sempre um devir, que pude compreendê-lo como um dispositivo, como uma extensão de minha capacidade de intervir, pois, para Bergson, não existem coisas, só existem ações. Assim, minha metodologia será também uma maneira de intervir na minha práxis pedagógica e na minha compreensão desta práxis, ou seja, na minha teoria sobre práxis. Considero, desta forma, teoria e método inseparáveis, toda vez que teorizo faço um método mesmo que implicitamente e toda vez que organizo uma metodologia faço uma teoria, estabeleço uma compreensão do mundo.

Assim como no filme de Akira Kurosawa, na cena dos quadros de Van Gogh, o personagem contempla o quadro e depois ele penetra no quadro, torna-se pintura e pintura torna-se realidade, ele procura Van Gogh na pintura e é lá, na pintura de Van Gogh, que Van Gogh está ainda pintando, como se o processo criativo fosse sempre um devir, um criar constante para garantir a sustentação das cores e das formas, que o tempo desmanchará e diluirá. Num único golpe, essa cena mostra a intuição e a etnopesquisa, mobilizadas em minha metodologia. Eu, professor de Filosofia, pesquisando o ensino de Filosofia, ensinando Filosofia. A pesquisa vai nascendo junto ao ensino, por isso penso que na extensão do meu corpo ou do corpo de qualquer professor é que a pesquisa torna-se ensino no acontecimento erótico da aula. Instâncias acadêmicas, a pesquisa, o ensino e a extensão se realizam no corpo do professor quando professa, quando aprende/ensinando. Então assim ficou a parte metodológica do meu projeto, uma Teorização.

O conceito de Bergson mais importante para essa pesquisa será sua ideia de tempo real ou duração, um tempo contínuo e heterogêneo e sua ideia de que a consciência é viva e de que a intuição é um instinto desinteressado. Tudo isso junto exige uma viragem no pensamento. Bergson insere valor lógico numa pergunta, isso representa uma novidade, considerar uma pergunta como verdadeira ou falsa. Bergson considera certos problemas como falsos, o que ele denomina falsos problemas que pode ser um problema mal colocado, ou um

problema inexistente. No curso de lógica formal, é ensinado que não podemos atribuir valor lógico às perguntas, mas parece que era apenas uma proibição moral. Bergson fez e fez de maneira brilhante, isso é de uma utilidade fantástica para a Pedagogia, para o ensino-aprendizagem. A intuição possui regras e é possível aplicá-las.

O fato de pesquisar minha sala de aula, minha imagem movimento é intuitivo, pois estou dentro dela e minha aula se confunde com o meu estar-aí-com-os-outros-num-quadro; o sonho específico e irrepetível e a aula de Filosofia também. Meus dispositivos serão entrevistas e memoriais de alunos, minha política norteadora é a ideia de que a Educação não se resume a uma Sociologia, ela não abstrai o indivíduo para dar concretude ao grupo, ela transita entre dois mundos, ela tensiona e é a própria tensão entre o silêncio do apenas meu e a linguagem de minha tribo. É aí nesse intermédio que se educa, é aí que pretendo chegar.

Os métodos da Pedagogia da Duração são tão vivos, coincidem com o vivo, que seus métodos intuicionistas são também etnométodos, por sua fenomenologia, por aprender com o objeto e por atravessá-lo.

O ensino e considerações de lógica

A lógica visa exemplificar a maneira de a inteligência atuar, agir. Para Bergson, a inteligência, diante da multiplicidade do mundo, visa o que as coisas têm de semelhantes e toma esse semelhante por igual, abstraindo a parte que é única ou diferente, assim, ela, a inteligência, arruma o mundo por conceitos. Para a aplicação desse método é imprescindível um rigor intuitivo para encontrar e lógico para expressar.

Penso que daí resultou a maneira das ciências organizarem seus conhecimentos e como a inteligência é voltada para uma ação, ela foi bastante desenvolvida. Enquanto isso, a intuição foi sendo esquecida.

A intuição, por outro lado, visa o que cada coisa tem de única, seguindo em sentido oposto ao da inteligência, penso que essa diferença resulte nos discursos, que expressam muito mais seus métodos que o real, que carrega em si essa luta, que se expressa em relação, que é um movente que precisa de velocidades diferentes para poder ser notado como movente. O real é relacional, tensão que, em guerra, nunca se define, apenas caminha do desejo ao tédio, tédio que por ser túmulo do desejo torna-se útero de onde novos desejos nascem mais vorazes, mais famintos.

Nós chamamos de *abordagem etnofilosófica* ou Pedagogia da Duração a investigação das concepções, tradições e práticas filosóficas de um grupo social subordinado e o trabalho pedagógico que se desenvolve na perspectiva de que o grupo interprete e codifique seu conhecimento e, também, adquira o conhecimento produzido pela Filosofia acadêmica, utilizando, quando se defrontar com situações reais, aquele que lhe parecer mais adequado. Assim, entendemos que a Filosofia precisa ser compreendida como um tipo de conhecimento cultural que todas as culturas geram, assim como geram linguagem, crenças, rituais e técnicas específicas de produção.

A Pedagogia da Duração possui várias dimensões que, na maioria das vezes, estão interligadas e, para efeito didático, as classificamos deste modo: dimensão conceitual, dimensão histórica, dimensão cognitiva, dimensão epistemológica, dimensão política e dimensão educacional.

A intuição cavalga as ideias

A intuição é um método de rigor e precisão e obedece a regras bem claras que Deleuze esclarece e que nas “Asas da Borboleta” tem sua descrição e que não irei repetir aqui. Para Bergson, a intuição e a inteligência seguem caminhos opostos, enquanto a inteligência, diante da multiplicidade do mundo, busca a semelhança ou, numa pesquisa, busca no objeto aquilo que é semelhante, tomando essa semelhança por igualdade, abstraindo, subtraindo as diferenças e encaixando tudo em conceitos, esferas impenetráveis. A intuição busca o diferente, aquilo no objeto que é único, penetrando no objeto, identificando-se com ele.

Se, para Bergson, a intuição cavalga as ideias, então organizei esses fundamentos da lógica para demonstrar a maneira do funcionamento da inteligência e a formação das ideias. Outro motivo foi a grandiosa ideia que Bergson tinha em relação à Filosofia, para ele, ela deveria possibilitar alegria aos homens, a mesma alegria que um grande gênio artístico tem ao criar, e a Filosofia pode possibilitar ao homem comum esse poder, essa potência e essa alegria.

Uma característica da intuição é coincidir com a duração do objeto intuído, como o objeto intuído da Pedagogia da duração é a educação muitas revelações esta intuição nos traz. A primeira é que se Educação é a transmissão da experiência da geração passada para a geração atual, a educação é memória e esta é inteligência. A memória em Bergson é híbrida, sendo parte virtual e parte atual, articulando essas dimensões do real. Talvez a educação seja também assim, híbrida, virtual e atual, genérica e específica, em grupo e no indivíduo, talvez

a educação articule essas dimensões do humano.

A segunda revelação é que estamos condenados à educação e nos educamos mesmo quando não queremos, aliás não temos escolha quando se trata de educação, daí não podemos ter direito à educação, nem dever de nos educarmos, mas a educação é uma imposição, um peso e o que podemos, o que nos resta é resignificá-la, aceitando o necessário, convivendo melhor com ela.

A educação hoje é um sucesso, ela não está em crise, ou como chegou ao ápice só lhe reste o declínio. Todos educam, todos se educam, todos somos educados, logo ninguém mais educa.

Por que aprendemos? Porque estamos condenados a aprender e aprendemos mesmo quando não queremos aprender.

Teoria em grego significa olhar, por isso o valor na contemplação. O contato que se tem com as coisas é sem caráter utilitário, o olhar, depois, podemos manuseá-las. A metáfora do conhecimento é o olhar, assim, conhecimento é uma espécie de olhar. A Filosofia guarda uma relação original com o mundo, que ela não consegue se especializar como a ciência.

A Pedagogia da Duração é uma teoria que visa ser um método, uma teoria que pretende servir não apenas para dar conhecimento, mas para possibilitar a construção/criação de novos conhecimentos, então ela pretende, de início, lançar o educando no desconforto do espanto, imitando a maiêutica socrática, desconstrói o saber aparente, pois é da natureza dos homens evitar o espanto, por isso o mundo nos aparece familiar e nós que investigamos algo novo, que vivenciamos uma experiência, vamos armados para ela, levamos uma lógica, uma teoria, um método, tentando encaixar o pé novo no sapato velho.

MOVIMENTO III: O SONHO, O SUPEREGO DE FREUD E MARX ATÉ BERGSON

Este capítulo trata de um fenômeno educativo de grande relevância que são os sonhos moventes de escolhas e seleções tanto para alunos como para professores e os dormentes que não escutam a aula nem enxergam os arredores do seu viver, mesmo tendo olhos e ouvidos.

Penso que quando se perde a força criadora é preciso aumentar os critérios, Platão deu o exemplo ao apresentar a Teoria das ideias e não apresentou nenhum critério, ele não precisava em virtude de seu grande poder criativo.

Assim, a Pedagogia da Duração valoriza muito o potencial criativo dos entes educativos. Pensando que o sono é como se virássemos pelo avesso, como fazemos com as roupas para esfregar. Se for assim, o superego não adormece como queria Freud e os desejos do id passam para a consciência mediante os sonhos. Quando viramos pelo avesso o superego é como se virássemos para o lado de fora, censurando agora o que entra no sonho. Lendo Bergson e conforme meu entendimento, ilustro o com o texto bergsoniano:

Às vezes a imaginação do dormente que acorda faz acréscimos no sonho, modifica-o retroativamente, preenche as lacunas, que podem ser consideráveis... De fato acredito que, quando o espírito cria, quando faz o esforço que a composição de uma obra ou solução de um problema exige, não há sono pelo menos a parte do espírito que trabalha não é a mesma que sonha; ela prossegue, no subconsciente, uma busca que não tem influência sobre o sonho e que só pode se manifestar no despertar. Quando o sonho em si não é mais uma manifestação do passado. Mas é um passado que não podemos reconhecer (BERGSON, 2009, p. 93).

O sonhador é, antes de tudo, um distraído e embora o tempo passe, ele continua jovem, seu corpo grita, seus cabelos embranquecem, as fadigas e as rugas invadem o rosto e o corpo, os dentes caem, os espelhos nada conseguem fazer para acordá-lo do seu sono acordado, cheio de sonhos e anda como um sonambulo na contramão da vida. Esta é uma má educação que impele o indivíduo para ações desconexas, mas reconhecidas como positivas mesmo não sendo.

O despertar é uma vontade fraca indecisa, então, as pernas não obedecem à vontade. Talvez um grito de independência ou morte, um berro, uma corneta, um apito de trem ou da fábrica, um sino da igreja próxima consiga ajudá-lo, mas ocorre, às vezes, esses sons aderirem ao sono e o faz prolongar e até sonhar que fica enfeitado de ruídos.

Assim, se dormimos perto de um ruído familiar, uma televisão ligada, uma torneira pingando, esse som entra no sonho e o compõe, porém é preciso que esses acontecimentos

sejam familiares, afetivos, próximos, pois se dormimos no banco do aeroporto em um lugar estranho, nenhum ruído ou acontecimento entrará no sonho, pois penso que o superego, pegando emprestado de Freud o conceito, fará uma seleção. Como o campo da educação possui uma intensa gravidade, há uma deformação na metafísica bergsoniana para adaptar-se à educação.

Sonhar ensinando e aprendendo o despertar

Por vários semestres em que acompanhei a aplicação da Pedagogia da Duração, via a professora dizer que ela teria de operar o milagre de fazer levantar o Lázaro de cada um de nós, o ressuscitar dos mortos. A varinha mágica do milagre era a aplicação de uma prova bem difícil e, conseqüentemente, nota baixa para todos, havia um susto total, e alguns despertavam, nem todos, outros continuavam dormindo, mesmo agitados e falantes. Conforme minha hermenêutica, cito, abaixo, Torreão por meio da metáfora da Bela adormecida, que se refere a esse estado de sono do qual estamos acometidos

Viver em torpor é viver adormecido, afastado da atividade real pela representação, viver hipoteticamente seguro ao chão de seu próprio passado, raízes e folhas, nunca sair de casa não atravessar a rua, não mudar de casa, nem fazer viagens, sem angústias de escolhas, sem desespero diante do erro, sem desapegos valorizando mais a lei da conservatividade (Física) do que a lei da vida, que são palpitações sucessivas, valorizando um *modus vivendi*, que significa pura organização, plantados, vive porque a vida dura na tristeza de ser feliz (TORREÃO, 2012, p. 261).

A educação tem duas tendências quando se trata de um corpo que apreende: uma é como na memória-hábito, é submeter-se à necessidade, retirar o sonho do sono e ser só torpor, obrigações, e construção de hábitos. Uma educação voltada para utilidade, sem gozo e criatividade, que segue monótona e previsível sem querer, sem vontade e, portanto, repete sem criatividade os ditos; copia, se ancora sem forças para navegar. A outra é a explicação pelo ato, tornando-o possível antes de ter acontecido. O desapego e a coragem são os elementos necessários para aprender tateando (Ibidem, p. 265).

Este estado de torpor, sonambulismo, é semelhante ao vegetal, é responsável por não aprender nem compreender as lições, é preciso que haja o despertar.

O beijo descongelador do príncipe como ato único e irrepitível é substituído pela explicação mecânica repetível, contada e depois facilmente toma-se a explicação pelo ato, tornando-o possível antes de ter acontecido. Esse é o hábito com que buscamos sempre uma explicação e a explicação busca uma causa. O tempo do sono da Bela não conta, pois é preciso que a consciência esteja acordada, que haja lembrança para transformar os símbolos em

representações onde o espaço intervém; bem como a própria existência dos estados psíquicos (Ibidem, p. 271).

O ensino da filosofia tem a função desse beijo inesperado que causa espanto para o despertar e para que os sonhos sejam retirados do sono e se realizem. Será que podemos ensinar a sonhar? Um sonho belo e criador? Será se aprendemos a fazer isto?

Para responder a estas questões, precisamos entender o que é sonhar, como sonhamos e quais suas ensinanças. Sabemos que sonhamos dormindo ou acordados e quando sonhamos dormindo tudo parece acontecer, falas, movimentos, cores, ações, reações, músicas, quando na realidade, estamos ali deitados, imóveis. Sonhamos acordados, não percebemos nem que estamos dormindo em sono profundo, pois, de fato, andamos, comemos, agimos. Somente muito tempo depois, quando acordamos, é que podemos ver que de fato dormíamos e até sonhávamos, embora a vida continuasse correndo, e isso aconteceu comigo. Após um acidente, levei dez anos dormindo estando acordado, somente quando acordei percebi que dormi todo aquele tempo e parecia não sonhar muito, pois sonhos trágicos são despertadores. O sono é um estado de dormência e, estando garantidas as necessidades básicas, ele segue seu curso, mas quando elas são emergentes, acordamos para beber água, se temos sede, ou para irmos ao banheiro, como um alerta para não molhar a cama. No mais das vezes, necessidades não muito urgentes compõem o sonho e seguimos dormindo. No sono, tudo se passa como uma visão colorida e musicada, como estamos deitados na horizontal, sem apoio dos pés no chão, às vezes pensamos que voamos. Mas os sons ao redor, as luzes, as falas, compõem o enredo do sonho com ligeiras adaptações e mixagens como se tivesse um ranque amestrando sinfonia ou enredo do sonho.

No despertar, tudo vem perder-se numa grande mancha de um cinza pálido cravejado de pontos brilhantes. A mancha estava ali, os pontos brilhantes também. Portanto havia, de fato, à disposição, enquanto dormíamos uma poeira visual, e esta poeira serviu para a construção do sonho (BERGSON, 2009, p. 87).

Penso que Bergson, quando diz “visual”, o ver, o visto, tratava de fato da percepção de uma luz externa atuando sobre a pálpebra do dormiente que, mesmo nesse estado de sono, diferencia a luz da sombra e até pode reconhecer a natureza da luz e estas sensações provocadas por uma luz real são, na maioria das vezes, a origem de muitos sonhos.

Sonho porque vivo e vivo porque sonho; os sonhos fazem parte da vida e ocorrem quando a consciência se desliga do trauma do cotidiano para que haja um repouso das forças vitais. Todo sonho é do passado que fica à espreita querendo passagem para expressar-se de

outra forma ou para ser transformado, atualizado, para retornar. Sonhos de menino não são os mesmos sonhos dos velhos, embora existam sonhos envelhecidos de tanto serem sonhados; não existem sonhos do futuro, mas o sonho presente se embrenha pelo futuro fazendo parecer premonição. O sonho tem elementos e histórias suficientes para compor um futuro previsível. Bergson exemplifica os compósitos dos sonhos que utilizam elementos reais para seus enredos:

Uma vela que alguém acender bruscamente fará surgir para a pessoa adormecida, se seu sono não for profundo demais um conjunto de visões em que a ideia de incêndio predominará (BERGSON, 2009, p. 87).

O ouvido também tem suas sensações internas – zumbido, tilintar, assobio – que quase não distinguimos durante a vigília e que o sono destaca nitidamente. Aliás, quando estamos dormindo continuamos a ouvir certos ruídos externos (BERGSON, 2009, p. 88).

O tato, aliás, intervém tanto quanto a audição. Um contato, uma pressão continua a chegar à consciência enquanto dormimos, impregnando com sua influência as imagens que neste momento ocupam o campo visual, a sensação tátil poderá modificar-lhes a forma e o significado (BERGSON, 2009, p. 89).

Em se tratando do fenômeno da aula, quando o aluno dorme ou dorme acordado e parece sem memória, e sem memória não há duração, como afirma Torreão (2012, p.260): “O tempo passava, as teias de aranha indicavam que a juventude mantida da bela era a juventude da ausência de consciência”. Bem, é claro que quando dormimos mesmo acordados não estamos mortos. Mas é como se fosse, pois não percebemos o tempo passar.

O tempo passava, as teias de aranha indicavam. A juventude mantida na Bela era juventude da ausência de consciência todo instinto é jovem. Para que isto acontecesse era preciso que suspendesse a penetração dos fatos na consciência dela, que é a própria duração... As coisas exteriores, que parecem durarem como nós também dormiam somente as aranhas tecendo eternamente seus fios davam indicadores que o tempo passava. De fato, temos imensa dificuldade de representar a duração em sua pureza original e o tempo considerado nesse ponto de vista tem todo um aspecto de um meio homogêneo Quase que percebemos a duração como se ela fosse homogênea e mensurável (2012, p. 60).

A academia é o lugar onde mais aparece nosso preconceito de idade e se discrimina por idade sem acordar para o fato de que a idade cronológica não implica juventude nem a velhice das ideias. Pessoas jovens são envelhecidas pelas ideias que têm ou não têm e pessoas mais velhas podem trazer ideias novas para a velhice acadêmica que muitas vezes caducam e não se transformam; outras vezes, pessoas sofrem uma adolescentização que desconhece idade e se instala até os últimos suspiros como uma doença do tempo. Embora as ideias da

Pedagogia da Duração sejam jovens, sua autora sofreu muitos desses preconceitos para conceber aquela pedagogia.

Mais importantes ainda são as sensações de “tato interior” que emanam de todos os pontos do organismo e mais particularmente das vísceras. O sono pode dar-lhe, ou melhor, devolve-lhes uma firmeza e uma acuidade singulares. Sem dúvidas que elas estavam presentes durante a vigília, mas então éramos distraídos pela ação, vivíamos exteriormente a nós mesmos: o sono fez-nos voltar para dentro de nós... Schopenhauer afirma que o sonho traduz para a consciência estimulações proveniente do sistema nervoso simpático (BERGSON, 2009, p. 91).

Uma pergunta ensinante é como retirar o sonho do sono? Sonhos adormecidos retidos sem realização, eternamente sonhos. Podemos tensionar o aluno ao ponto de acordar seus sonhos? Até eles ganharem extensividade e poderem competir no mercado interno de ações previstas, programadas, planejadas em direção à realização do sonho? Será se permitimos que nossos alunos sonhem no sentido positivo e não permitirmos que eles durmam no sentido negativo que significa uma desatenção a si e seus estudos?

Esse despertar é uma ação violenta e passiva, mas causa constrangimento ao que é sacudido e obrigado a despertar; a reação inicial é de raiva por parte dos alunos que não é imediatamente expressada, mas buscará uma forma, uma maneira de fazer, o que também faz acordar, por isso a Professora Rita Célia denominava de recurso didático testado com eficiência apenas no ensino da filosofia.

Após esta nota baixa, havia uma atenção e uma dedicação maior e ali se revelavam os melhores alunos e as maiores contribuições ao estudo, ao ensino e à aprendizagem. Sem dúvida, não era o momento em que eles saíssem da caverna platônica e fossem todos ver o sol nascer, mas era a iniciativa positiva e ir brincar com as sombras, brincar também no sentido da palavra espanhola “de brinco”, por saltos. Como todos querem saltar e ao fazê-lo se apaixonam, um professor sozinho não dá conta desta efervescência e necessita de ajuda de monitores ou mesmo de outros professores. Nesse momento, o papel da memória e das lembranças é precioso, elas são valorizadas e estimuladas, pois o aluno está exercitando sua inteligência e estimulando seu esforço intelectual. Várias vezes os alunos procuram a professora para contar sua vida, suas lembranças, e o professor tem de deixar o momento para escuta e queixas, além de especulações desvariadas.

Mas as lembranças que minha memória conserva assim, em suas mais escuras profundezas, se encontram em estado de fantasmas invisíveis. Talvez anseiem pela luz, entretanto não tentam subir até ela; sabem que isto é

impossível e que eu, ser vivo e atuante, tenho outra coisa a fazer em vez de ocupar-me delas. Mas suponham que num dado momento eu me desinteresse da situação atual, da ação urgente, enfim do que concentravam num único ponto todas as atividades da memória. Suponham, em outras palavras, que eu adormeça. Então estas lembranças imóveis, sentindo que acabo de afastar o obstáculo, de soerguer o alçapão que as mantinha no subsolo da consciência, começam a movimentar-se. Erguem-se, agitam-se, executam na noite do inconsciente uma imensa dança macabra. E, todas juntas, correm para a porta que acaba de entreabrir-se. Todas gostariam muito de passar. Não podem, são demasiadas. Desta multidão que é chamada, quais serão as escolhidas? Ainda a pouco, quando eu estava desperto, as lembranças admitidas eram as que podiam invocar relações de parentesco com a situação presente, com minhas percepções atuais (BERGSON, 2009, p. 95).

Compreendendo a complexidade da engrenagem entre percepções, memórias e lembrança, isso pode redimensionar o papel do professor na sala de aula, lidando com um imenso conjunto de singulares que, de forma alguma, pode ser grupo, equipe ou construto, pois cada qual sofrerá despertamentos em tempos e espaços diferentes, exigindo atenção múltipla e diversificada, em relação à qual o professor nunca será um auxiliar, mas maestro da sinfonia harmônica ou desarmônica nos movimentos de ensinar e aprender. O esforço para realização de um sonho parece ser também o esforço para não despertar.

Bergson conclui que esse sono é uma necessidade da vida; talvez acordados o desespero seja tão grande que comprometa a própria vida. Diante disto, deixemos os dormentes insistentes dormirem eternamente em berço esplendido, mas vivos.

Teoria em grego significa olhar. Por isso, o valor na contemplação. O contato que se tem com as coisas é sem caráter utilitário, o olhar, depois podemos manuseá-las. A metáfora do conhecimento é o olhar, assim conhecimento é uma espécie de olhar. A Filosofia guarda uma relação original com o mundo que ela não consegue se especializar como a ciência.

MOVIMENTO IV: TEMPOS E HARMONIA

Este capítulo trata da Práxis Pedagógica inaugurada pela Pedagogia da Duração que divide em quatro fases um programa semestral para o ensino da filosofia. Em “Prelúdio e Fuga”, a práxis pedagógica irá relatar sobre estas fases e, para o trato, organiza estas fases em sete movimentos e suas melodiosas harmonias dirigidas pelo professor, como se ele fosse um maestro de uma didática borbulhante que faz florir um grande amor pela professora. Sem beleza é impossível a comoção e sem comoção não há prazer em estudar e aprender.

A queda – Primeiro Tempo

O primeiro tempo é de acolhimento na queda que se aproxima. O professor recebe seus alunos um a um na entrada da sala e os cumprimenta, esclarecendo que a aula é pessoal, é para cada um individualmente, já que a duração é singular. Nesta fase, é apresentado o confronto entre a mobilidade e a imobilidade em Heráclito e Parmênides, iniciado pelos questionamentos das vivências e cotidianos dos alunos sobre como estudar, a vontade, os desejos, as crenças, os hábitos, a escuta e a não escuta, o ir e vir. O mito da caverna de Platão é um filosofar o cotidiano, a política, a família, a religião e os costumes, e também, o bem e o mal. Fase do implante da dúvida, sobre se tudo muda ou se nada muda, nesse momento as certezas inelutáveis são balançadas e a briga é certa. A fase ovo consiste na quebra do contrassenso, é o momento de desconstrução, de destruição, cavar a fossa para construção dos alicerces, é quando acontece a apresentação do professor e do programa da disciplina.

Foi vivenciando essa fase na minha sala de aula que observei a importância e o poder da instituição mãe, é aceitável uma dúvida sobre a existência de Deus, mas inaceitável uma dúvida sobre o amor materno. Essa dúvida provoca muita dor e discussão, o importante não é bem o assunto, mas aquilo que mobilize a negação, a luta de contrárias opiniões para que o professor estabeleça um trânsito mais intenso de um movimento de alteração na relação aluno que escuta e professor que professa; é o início de uma intimidade na qual aspectos da vida do professor serão matéria importante para que o aluno sintá-se em casa, até o “bate-boca é permitido, o diálogo é confuso, mas existe, não tem sequência lógica e a inquietação começa a ser instalada em várias direções, cujo resultado é o espanto, o assombro, o objetivo de uma aula inicial de filosofia cumpre então o seu destino. A queda ilumina para a vida.

Compõe também esta fase uma avaliação escrita que vem acompanhada de notas muito baixas, pois as perguntas são referentes às crenças e certezas do senso comum e

geralmente elas são afirmadas nas respostas.

Nesta etapa, acontecem dois momentos contraditórios: a quebra do ovo e saída do contrassenso e da imobilidade que é finalizada com a aula do fogo e o batizado da turma, que passa a ter uma identidade e uma personalidade.

Aula do Fogo – Segundo Tempo

Os conteúdos do Filósofo Heráclito são apresentados aos alunos num evento extraclasse, que chamamos aula do fogo, em ambiente público, no pátio da universidade ou numa praia, ao redor de uma fogueira, assim são apresentados os desconcertantes pensamentos de Heráclito, como tudo flui, esperar o inesperado.

A plasticidade da aula compensa o susto e a violência do pensamento do filósofo. Essa aula é acompanhada de festa, petiscos, conversas e debates ao redor do fogo.

Batizado. O batizado é um evento muito importante para a Pedagogia da Duração, é uma festa de iniciação. A intensão é dar à turma uma identidade, então é escolhido o nome de um filósofo e batiza-se a turma em um ritual de fogo no qual são queimadas as ilusões e preconceitos iniciais. O batizado é acompanhado de aula sobre as ideias do filósofo que nomeia a turma e de reflexões sobre identidade e diferença; geralmente é escolhido um padrinho, um professor de outra disciplina, um coordenador que amparará os alunos na instituição e advogará em favor das solicitações da turma. Esta aula é encerrada com música, dança e lanches.

Fase Lagarta – Terceiro Tempo

Nesse tempo, o aluno fica feio, zangado com seu corpo que nem anda nem voa, se arrasta, tendo de pesquisar e estudar, e seus movimentos são lentos e descansa ao sol que pode; às vezes, nada parece animá-lo, mas, de repente, a nota baixa, como um recurso didático, o faz acordar e se mexer, forçado por uma obrigação e sua correspondente aspiração.

Ao quebrar a casca do contrassenso ou senso comum, é ofertado ao aluno um cardápio de livros de filósofos, ele escolhe conforme seu interesse e paixão um para ler e apresentar o seminário para os colegas sobre seu filósofo. Antes, é feita uma amostra das ideias encontradas nos livros para que eles escolham com um mínimo de conhecimento, assim escolhem o que desejam estudar. Geralmente, apresentam-se filósofos opositores, racionalistas e empiristas, cristãos e ateus, materialistas e espiritualistas, realistas e idealistas.

Otimistas e pessimistas. Depois de escolher, o aluno vai se alimentar como lagarta do livro e das aulas desta fase, que giram em torno das escolas e pensadores afins dos escolhidos pela turma.

A leitura da obra é acompanhada pela figura de um monitor, aluno mais avançado no curso que orienta fora da sala de aula e ajuda na interpretação da obra, essa atividade de monitoria é avaliativa para o monitor.

O Casulo – Quarto Tempo

Nesse tempo, o aluno se fecha para organizar seu seminário, ele apresenta a obra filosófica do modo como achar melhor, muitos organizam em equipe uma peça ou se apoiam em recurso audiovisual. Nesse momento de preparação, o professor se afasta para que eles exerçam a liberdade e apresentem o filósofo à sua maneira.

O voo da borboleta – Quinto Tempo

Nesse tempo, o aluno apresenta o seminário e defende as ideias de seu filósofo. Cabe observar que os seminários não são apolíneos, mas dionisíacos, quer dizer, enquanto o aluno se apresenta, os outros que estão lendo outros filósofos interferem, perguntam, discordam e o seminário torna-se uma guerra.

No final do semestre, os melhores trabalhos são apresentados à comunidade acadêmica, em auditório e aberto à comunidade e familiares dos alunos, na Feira de Ideias. Esse evento é uma atividade de extensão que visa levar a Filosofia para fora da sala de aula e serve também para os alunos mostrarem suas habilidades de voo. Na feira, ele enfrenta não apenas seus colegas, mas qualquer um da plateia. É o final do semestre e o voo da borboleta. Esses movimentos se repetem na duração do semestre e no ciclo da vida quando planos e planejamentos entram e saem em seus modismos e modelos.

O Velório – sexto Tempo

A morte faz parte da vida e o fim do semestre é a morte do professor e a conclusão dos trabalhos, quando então é feito um velório, no qual é chorada a saudade de alguns e o alívio de outros, mas todos recebem a herança deixada pelo professor de valores morais e éticos, de amor e admiração para ser imitado no correr da vida de cada um.

Ondas e ecos – sétimo Tempo

O poeta Carlos Drummond de Andrade já sabia quando disse: “as coisas findas muito mais que lindas estas ficarão”. Os ecos e as sensações dos movimentos feitos na dança da filosofia na Pedagogia da Duração ultrapassam a sala de aula e o limite temporal do semestre; depois de cumprir seus créditos e obter o resultado, os poucos escolhidos pela filosofia retornam para serem monitores das classes iniciais de forma voluntária nos semestres seguintes, eles aparecem pedindo à professora uma oportunidade de mais uma vez dançarem seu passo singular com esse tão estranho exercício de pensamento que chamamos de filosofia, mas que pela instantaneidade, pela vigência e vigor de novidades, deveria, como “os Haikai”, não ter nome, não ter título.

Apreendi, nesse sétimo movimento, que filosofia não deveria ter nome. Presenciei muitos exemplos desse fenômeno; como a própria filosofia vive de reformular e propor os mesmos problemas, alimentando-se assim de seus próprios excrementos, esses alunos realizam o eterno retorno.

MOVIMENTO V: GEOMETRIA E TOPOLOGIA

Este capítulo trata do terreno da pesquisa, seus desvios e seu confronto com as teorias. A geometria, aqui, representa as teorias e lógicas, alegres e acabadas, retas ou circulares, elas satisfazem a si mesmas, porém a topologia mostra o caminho que posso percorrer, as ranhuras na terra e seu movimento, desmoronamentos; na geometria, triângulo é imóvel, é triângulo eternamente, na topologia, meus mapas devem mudar, no inverno, o rio enche e ponte não serve mais, no verão, o rio vira caminho, no sertão. Assim há uma distinção entre o tempo medido e o tempo vivido; esta temática é de fundamental importância para a compreensão da Pedagogia da Duração na sua aplicabilidade nas linhas divergentes entre o construído e o criado que, nesta dissertação, faço variadas sínteses onde, de fato, vejo que estas linhas se cruzam e mantêm suas personalidades. As definições étnicas e sociológicas são geometrias, mas é no corpo do indivíduo, na sua singularidade que isso vira topologia, carne do mundo, ação.

A Pedagogia da Duração considera não o tempo, esse dado abstrato e geral, essa categoria universal, mas o acontecimento em cada indivíduo e ela entende que a cultura de uma dada sociedade é uma estrutura geométrica que condiciona os indivíduos, mas é o acontecimento dos indivíduos que deforma essa superfície e lhe dá uma topologia, por exemplo, na “baianidade” Dorival Caymmi é uma montanha, sua gravidade deforma o espaço e o tempo baiano ao seu redor, dando um “jeito Caymmi” de ser baiano.

Numa montanha, saber se existe um caminho até o topo é uma questão de topologia, agora saber qual caminho é mais curto é questão de geometria. As pedagogias lutam para saber qual delas é o caminho mais curto para a educação, mas a Pedagogia da Duração pergunta se há um caminho e como ele é, como cada indivíduo se constitui um obstáculo e uma passagem e, antes de tudo, como ele se constitui numa paisagem.

A Geometria de Bergson

O professor é vivo, o aluno é vivo, o encontro ensino-aprendizado é vivo. O vivo só é apreendido com precisão pela intuição, pois a inteligência não é um instrumento apropriado para lidar com o vivo que compõe um conjunto de imagens, isto é, a matéria de qualquer disciplina. Bergson diz, na capa do livro “Matéria e Memória” (2006): “A matéria, para nós, é um conjunto de imagens”.

[...] por "imagem" entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a "coisa" e a "representação" (BERGSON, 1999, p. 2).

Esse estado de intermédio que caracteriza a ideia de imagem em Bergson é a demonstração de que a imagem existe fora da consciência porém em estreita relação com ela, uma interrelação, e o conjunto de imagens em que somos imersos se relacionam diretamente com o nosso corpo. Diz Bergson (1999, p. 14): “Percebo bem de que maneira as imagens exteriores influem sobre a imagem que chamo meu corpo: elas lhe transmitem movimento. Vejo também de que maneira este corpo influi sobre as imagens exteriores: ele lhes restitui movimento”.

Dois movimentos envolvem as imagens ou seja a matéria e nosso corpo uma imagem privilegiada, primeiro nosso corpo é influenciado pelas imagens que o rodeiam, elas lhe influi movimento, mas nosso corpo também devolve essa carga de movimentos, restintuindo movimento ás imagens exteriores. Bergson (1999, p. 14), “ no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe”.

A diferença que Bergson faz entre o vivo e o construído também é usado a figura de movimentos, o que é construído realiza um movimento da periferia para o centro, como um carro, ou uma casa tudo que tem neles veio de fora, vidros, tijolos, e vão formando ou construindo, porém o criado parte do centro para a periferia como um ovo que explode em galo, ou uma semente em arvore.

Toda essa base teórica fulgura de maneira assombrosa em nossas ideias de texto filosófico e de Educação. A deformação que essas ideias provocam em meu entendimento, as sombras criadas pra além da luz, revelam-me que em Filosofia se recria ou o autor em Filosofia rouba de outros ideias e as utiliza conforme seus interesses e temperamento. O conceito de imagem em Henri Bergson envolve o enfrentamento de uma polissemia e as peripécias da memória na relação direta com o virtual e atual. A memória, em Bergson, é de natureza híbrida e, por isso, capaz de articular esses dois aspectos do real.

Nesta dissertação, volto o tempo todo ao passado, tento o tempo todo ajustar o foco, espero captar a imagem mais precisas do que seria, na prática, uma Pedagogia da Duração.

De volta ao Programa de Pós Graduação – uma topologia

Esse pequeno trecho é em atenção aos cuidados da professora Dra. Emília Helena Portella Monteiro de Souza que compôs a banca examinadora de minha defesa e que tornou-se uma brisa boa no entardecer.

Retomando as Têmperas e as Ilhas Pedagógicas, na Faced como em todo lugar cada professor tem sua Têmpera e cria em torna de si uma ilha pedagógica, em minha navegação pude fazer trocas preciosas em cada ilha que passei, mas no início precisei aprender o idioma, o jogo de linguagem, quando a Têmpera do professor se aproximava da minha era mais fácil, mas quando o temperamento dele era antagônico ao meu um problema.

Como expliquei anteriormente não questionamos nosso temperamento, alias depositamos nele tanta confiança que quando alguém cujo temperamento se opõe ao nosso não interessando o valor do que ele argumente, nós sempre entendemos como coisa ruim.

Na ilha EDC557-Abordagens e Técnicas de Pesquisa em Educação e EDC590-Currículo, com o prof. Dr. Roberto Sidnei, foi tão prazeroso e nutritivo que voltei a essa ilha, lá não só encontrei um professor, mas um amigo, talvez seja apenas meu narcisismo, pois amamos imagens parecidas com a nossa, então aprendi a canalizar minha rebeldia, a não temer a ordem vigente e sempre encontrei a orientação mais subversiva possível, que o professor Roberto muitas vezes me orientou sem nem mesmo ele saber, que aquela conversa servia a minha pesquisa. Com ele aprendi a pesquisar, e há defender meu temperamento, que na condição de aluno é sempre corrompido ao dos professores e orientadores, numa violência subjetiva sem par, graças a Deus isso não aconteceu comigo, onde iria acontecer perdi a disciplina.

Na EDC603-Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica com o prof. José Wellington, conheci mais profundamente a obra de Paulo Freire que resultou em um artigo escrito em parceria com a professora Rita Célia “A importância do ato de ler na viagem do mar Educação” nessa ilha aprendi para além dos conteúdos programáticos a paciência, a tolerância, e a humildade ingredientes fundamentais na formação de um pesquisador. Na ilha EDCA85-Epistemologia e Construção do Conhecimento foi a viagem mais estranha, pois nessa ilha falava-se três idiomas, ou na verdade foram três têmperas formando um arquipélago trilingue. A disciplina foi ministrada por três professores Dra. Lucia Tavares Leiro, Dr. Felix Marcial Diaz Rodrigues e Dra. Suely Aldir Messeder, guardei “O ensaio sobre a Dádiva” de Mauss e “A Formação Social da Mente” de Vygotsky, além desse importante conteúdo carreguei comigo a ideia de diversidade e multireferencialidade apresentado nessa ilha.

Na ilha EDC792-Projeto de Dissertação, com o prof. Dr. Robert Evan Verhine foi um esforço muito grande, pois nesse período eu trabalhava no IFBA em Santo Amaro e saia correndo da aula para chegar a tempo no IFBA, porém depois que dominei o idioma pude fazer bons negócios com o professor Verhine dei mais objetividade ao meu projeto, e arrumei o discurso, tratei melhor as etapas da pesquisa e entendi as técnicas necessárias para um projeto de pesquisa, para além desse conteúdos o professor Verhine ensinou-me que o diabo não tão feio como se pinta, bom humor e simpatia temperam o rigor e a ordem da disciplina, um humor refinado e abertura a vários idiomas foram excelentes conquistas nessa ilha.

As escolas são feitas de ilhas pedagógicas, o temperamento dos professores dão o tom das disciplinas, os alunos desavisados pensam as vezes que eles não gostam do assunto ou da disciplina quando na verdade eles não gostam é do professor, como em matéria de afetos a correspondência é sempre verdadeira e na educação como na vida o efetivo é o afetivo, sempre haverá idiomas sem aprender e o fracasso faz parte da caminhada.

MOVIMENTO VI: ASPECTOS DA DIDÁTICA COMO ESPAÇO DA VIDA

Este capítulo trata de uma didática que leva em conta o vivo e a duração, ela foi, sem dúvida, a matéria-prima da Pedagogia da Duração. Assim, os aspectos da fala, dos gestos, da avaliação, implicam recursos didáticos muito valorizados na práxis Pedagógica, porque sabemos que como foco de um auditório o professor é visto e fotografado em todos os seus movimentos, expressões que acompanham os dizeres e saberes de uma aula. Por isso, seus gestos, tons, expressões, olhares, movimentos, silêncios e pausas, indumentárias, devem ser considerados e dada atenção por parte do professor como num entrar em cena de um teatro.

Os Gestos

Um gesto ensina mais que palavras. A professora Rita Célia, no primeiro dia de aula, chegava à sala e pedia aos alunos para saírem todos, ficava sozinha um tempo, depois recebia na porta da sala um por um os seus alunos, individualmente cumprimentava cada pessoa, perguntava o nome, se apresentava um a um, e só então iniciava a aula.

Esse ritual faz parte de um ensinamento da pedagogia da duração, a aula é individual, não se educa grupo, apenas os indivíduos se educam. Na aula, mesmo oferecida ao grupo, cada aluno interage com ele individualmente. O riso como gesto de alinhamento e como função social de correção é dama de companhia do professor que sinaliza e controla sons, tons, silêncios e pausas, evitando anáforas viciosas na linguagem que irritam o ouvinte. Tudo deve ser feito para que a sequência obedeça a certos ritmos sem repetições cansativas e as cenas produzam sedução e beleza; não é preciso que o professor seja bonito, mas que seja belo como Sócrates, que embora não fosse bonito, era belo, encantou a juventude de seu tempo.

Avaliação

A professora Rita Célia assustava seus alunos com uma avaliação no início do curso. Segundo ela, a avaliação, que resultava em nota baixa, tinha dois sentidos: conhecer a classe e gerar um programa de curso mais próximo dos alunos, além de ser “um recurso didático”, nas palavras da professora. A nota baixa estimula o estudo. No início havia zanga que ia se acomodando em ações positivas de dedicação aos estudos.

A Lógica

Independente das turmas, uma pequena introdução à lógica iniciava os cursos de Filosofia da professora Rita Célia. Talvez porque, para Bergson, “a intuição cavalga as ideias”. Quer dizer que sem esforço intelectual, sem trabalho da inteligência, a intuição não se move para achar os nexos lógicos e descobrir o que fica oculto na poeira do tempo ou no recôndito da memória.

Seminários dos Filósofos

Todos os seminários dos alunos são direcionados a uma apresentação fora da sala, num evento chamado Feira de Ideias, esse evento fechava as atividades do curso de Filosofia e visava levar para a comunidade acadêmica o que os alunos produziram durante o semestre, então eles estudavam e preparavam o seminário para uma plateia mais ampla e para o debate aberto com a comunidade acadêmica.

O grave e o agudo

Na escola, os sistemas de avaliação e os pedagogos inventam as doenças pedagógicas ou as deficiências em aprendizagem. Só que na escola todo mundo aprende, porém todo mundo sofre. A maioria das deficiências pedagógicas dos alunos são potencialidades, caso fossem vistas na perspectiva da vida, não de uma moral imobilista. De fato, são dialogias como dislexias, disgrafias, dislalias, mutismos, entre outras, que são obstáculos de acesso à lógica que resume toda a nossa cultura.

O método da Pedagogia da Duração não é apenas mais um método de ensino de filosofia, ele se difere dos outros por pretender formar filósofos, não historiadores da filosofia.

Erro versus dificuldade

Não podemos ter acesso à dificuldade se não for por meio do erro, o erro é a carne da dificuldade, seu corpo, sua materialidade. Quando não há erro, a dificuldade se oculta e está aberta a porta do esquecimento, porém quando erramos e verificamos o erro, jamais esquecemos, o trauma é a melhor memória. Então, na minha práxis pedagógica, com a didática da duração, erro e dificuldade são a mesma coisa, esse é o jogo de linguagem que

estabeleço.

Autoria

Entendo que o conhecimento é produzido historicamente, assim tudo o que sei e penso é resultado de uma teia racional da linguagem tecida pela fala de todos. Nos meus pensamentos, estão entrelaçados tudo que já li e ouvi. O que faço é uma reelaboração, um expor à minha maneira, nada mais.

A Etnopesquisa intuicionista

Os métodos da Pedagogia da Duração são tão vivos, coincidem com o vivo, que seus métodos intuicionistas são também etnométodos, por sua fenomenologia e antropologia, por aprender com o objeto e por atravessá-lo. As etapas dos métodos da Pedagogia da Duração são: as aulas do fogo, da angústia, da maiêutica e do esquecimento, batizado da turma, velório do semestre e assassinato do professor, memorial do aluno, cardápio e escolha dos filósofos por simpatia e acompanhamento individual.

Aula individual e acompanhamento fora da sala impõem a necessidade de uma monitoria de amparo e preparo de alimentos de difícil digestão, por exemplo: “Crítica da Razão Pura”, de Kant, é difícil para qualquer um que se aventure estudar, pois precisam de certos domínios da lógica. Muitos alunos entram em pânico e desespero, querem desistir, e o monitor escuta seus lamentos e raivas contra a professora e a filosofia que ela ainda diz que não serve para nada – estas são doenças comuns a um renascido, refluxos, dores de barriga, choros, febres passageiras, mas o contato com a obra do filósofo parece provocar uma infecção. A Pedagogia da Duração não leva Filosofia para os alunos, traz os alunos para a Filosofia.

Na minha qualificação, o professor Dante Galeffi perguntou-me o que é etnografia intuicionista? Então, aqui, pretendo esclarecer. Etnografia intuicionista é o resultado da traição que fiz a etnopesquisa, ela se constitui de narrativas implicadas, de um esforço de descrição densa, atenta para a pertinência dos detalhes, porém o resultado não visa às relações sociais, ou melhor, étnicas, mas o indivíduo. A singularidade, a solidão da manifestação do eu profundo, um eu longe da casca da cultura, um eu somente alcançado pela intuição, a duração mesma de quem fala, as narrativas são étnicas, estão numa língua e numa organização social, porém, nessa narrativa, os gemidos dos afogados misturado ao burburinho da brisa marinha

comum a todos, emerge. Assim, a etnopesquisa intuicionista é o resto da etnopesquisa, o resíduo descartável, o indivíduo esquecido diante da importância da cultura e das relações sociais. A etnografia intuicionista é uma fábrica de recicláveis, lida com o lixo, pois o indivíduo é lixo nos discursos das ciências sociais.

O indivíduo aparece na intuição porque ela é um tipo de conhecimento diferente de um conhecimento apenas intelectual como em Platão, quando a alma se encontra frente a frente com as ideias, esse estado de contemplação ainda separa sujeito e objeto, alma que contempla e ideia que é contemplada. Na intuição há uma fusão, uma coincidência temporal, uma simpatia com a duração do outro. Em nenhum outro momento há tanta radicalidade, a ruptura com a exterioridade recíproca, e o acontecimento da interioridade recíproca. Na intuição o conhecimento é íntimo, ele acontece antes dos recortes das formas, das ideias, ele é o eterno movimento da duração, e isso dificulta a comunicação, a expressão da intuição, pois as palavras, como as ideias, recortam a duração, então é preciso um amontoado de palavras para tentar expressar uma simples intuição. Conforme Dante Galeffi, no prefácio de “Nas asas da borboleta”, sobre as dificuldades de expressar a intuição:

Qual o grau da intuição direta da duração que me chega como brisa falante? Não sei dizer. Sei somente que ressoo na palavra escrita que evoca o tempo do esplendor e da coragem, tempo da saga e da trilha aberta ao destino em sua ignescência perene. Um estado extático admirável. Como apanhar o sol com a mão sem que ele se retire de seu lugar. Um ato do espírito em seu reboleio incurável. Uma Graça! (2012, p. 14).

Quando Bergson diz que não existem coisas, só existem ações, entendo que ele tentou com essa máxima escapar da ilusão que temos de que o pensamento e as coisas se alinham de forma estanque como as palavras, o pensamento flui e a linguagem constitui pontos de orientação em nossa imersão nessa torrente. Todo esforço em representar essa experiência, e torná-la comunicável, até mesmo para alcançá-la é difícil, devido aos recortes da representação e hábitos de imobilidade da inteligência. Os místicos e os artistas como possuem uma percepção alargada, superam esses limites mais facilmente. Porém, quando vamos nos expressar, o meio que dispomos para isso torna-se obstáculo, as categorias são estanques, é preciso utilizar metáforas, é preciso driblar a rigidez dos significados em um discurso acadêmico, para encontrar significações que cheguem além do uso pragmático da linguagem.

Transgressões e lacunas foram criadas, às vezes o silêncio, torcer e retorcer para secar, retirar a umidade, estender em varal ventilado, passar com ferro morno, pois o tecido é

delicado, dispor em um cabide o traje que usa para o baile à noite, e nem sonha, como estava jogado no roupeiro, sujo e amado, ser aquela mesma roupa, que agora parece nova, de gala, esse é o esforço que se faz com as palavras para expressar o movente, para dizer do fluir, do que se cria incessantemente, sendo um novo outro a cada instante, num frenesi de novidades, pois que coincidir com a criação é criar-se.

Assim, a etnografia intuicionista é uma pretensão conhecimento íntimo, de uma interioridade recíproca, de uma simpatia com a duração do outro, na qual sujeito e objeto se atravessam. Não há possibilidade de acontecer isso com um grupo social, apenas entre dois indivíduos, pois o grupo social já é uma representação, ele já está na imobilidade dos significados. A etnografia intuicionista é inexata, ela busca ao menos aludir ao que não se pode dizer diretamente. Porém é de altíssima precisão, pois, segundo Bergson, é preciso entender a diferença entre um método preciso e um método exato, os métodos matematizados ou os que imitam as ciências exatas, buscam por exatidão e perdem em precisão, a intuição é um método preciso. Um bom exemplo disso é pensarmos numa produção de roupas numa confecção, lá as roupas saem exatas, porém a produção de roupa sob medida, é precisa, o que é preciso é ajustado a algo específico.

Essa dissertação além de ser toda uma entre-vista, ou seja uma narrativa implicada entre vistas diversas ela também trata de método, então após as reflexões “novembrinas” intuí com o auxílio de professor Dante, que Etnografia Intuicionista comporta um capítulo e assim será feito quando for para publicação. Além desse aspecto a epistemologia para uma pesquisa qualitativa encontra-se em construção.

O que se chama hoje de pesquisa qualitativa é na verdade um produto tardio da modernidade epistemológica. É resultante de um movimento de diversificação de disciplinas ocorrido no século XIX, o século em que a história se torna um efetivo problema gnosiológico. Aí se pode reconhecer a origem da dicotomia entre ciências da natureza e ciências do espírito e que tem variadas motivações e causas (2009, p. 46).

Sendo assim, nesse meu trabalho há uma aproximação da Filosofia com as ciências do espírito, numa colaboração bergsoniana, de aproximação e afastamento. Uma aproximação que significa movimento, interterritorialidade, transgressão.

As ciências da natureza explicam, as ciências do espírito compreendem. Esta aporia entre explicar e compreender revela, de qualquer modo, uma preocupação epistemológica distinta daquela das ciências naturais para fundamentar uma ciência que diz respeito ao comportamento humano e não

ao comportamento de entes naturais que não precisam ser compreendidos e sim explicados. 49,2009.

A Pedagogia da Duração é uma ideia, um acontecimento e uma teorização, o novo que surge com coragem de propor-se pedagogia para o indivíduo, num mundo de inclusões e agrupamentos, porém conforme Dante Galeffi é preciso investir em novas ideias na área do conhecimento qualitativo.

O que deveria fazer para fomentar a produção de conhecimento qualificado em nosso país não é feito, que seria o investimento concentrado na experimentação de novas ideias e de novos talentos investigativos a partir de uma educação básica de qualidade p.55,2009.

Enfim a referencia que entra em destaque numa pesquisa qualitativa é o que ela faz ao pesquisador, o que ela altera nele, pois o pesquisador também é resultado de sua pesquisa. Sinto sobre essa pesquisa e sobre a Pedagogia da Duração sujeito e objeto fundidos, o ato mesmo da intuição, simpatia completa entre pesquisador e pesquisado, confusão, infusão, fusão e fundição, solda, liga, grude, em que as separações que ocorrem na linguagem surgem apenas para uma didática ou classificação, pois me tornei o que sou na práxis minha pedagógica, aliás eu e ela somos um, mais uma vez o professor Dante me socorre:

Penso e considero o ser humano em suas emergências e necessidades capitais como o principal sentido da pesquisa qualitativa aquela em que o pesquisador se torna aprendiz de si mesmo na relação de pertença com a totalidade vivente de seu mundo de relações materiais e mentais. Assim uma faz sentido na medida em que alcança sentido como práxis pedagógica p.58,2009.

Haicais ou Interlúdios

I

Todo trabalho científico é apresentado num artigo, numa tese, num trabalho final, nos quais as ranhuras da construção não aparecem. A obra pronta, pintada e num pedestal. Meu trabalho apresenta minhas ranhuras, os descaminhos e os erros.

Mas qual seria o pedestal de um trabalho científico? A ideia de um saber superior, essa ideia coloca o trabalho científico isolado, em destaque. Retirar o trabalho científico do pedestal e colocá-lo ao nível da vida, das emoções e dos temperamentos é tentar apresentar o trabalho científico como parte do movimento das pessoas na lida diária e inserido em suas experiências e formas de viver.

A experiência científica é parte da vida de uma sociedade tecnológica. Marcar as horas em um instrumento que chamamos de relógio e era algo de laboratório de Física, hoje nos organizamos para levar as crianças ao colégio e fazer compras no supermercado cronometrando cientificamente.

II

Gravidade é uma força que empurra tudo para baixo, Nietzsche igualava a gravidade à moral que também nos esmaga, mas essas forças podem ser imprimidas com cuidado para trazer beleza, e auxiliar a luta humana pela sobrevivência. Como é fatal e esmagadora, o uso de forças gravitacionais deve ser cuidadoso, porém não podemos jogar sem elas. Uma dessas forças gravitacionais é a diferença. Em educação, a diferença não pode ser esquecida, ou enfrentada como um inimigo, abaixo as diferenças! Nem a diferença deve marcar o tom do jogo da educação, mas ela pode ser mobilizada com maestria, assim onde se pensa fraqueza surge força, onde pensa pequenez se descobre grandeza, mas a diferença é uma força.

III

A experiência dentro dos lençóis molhados, estendidos, é um sonho recorrente, sombra e frescor com respingos d'água são mais importantes para mim do que luz, fogo e calor. O sol queimava lá fora, mas dentro dos lençóis sombra e frescor. Não digo que a sombra é mais importante que a luz, mas que entendo mais de sombra, mais sombra, menos sombra, sombrear, jogar com sombras, disso eu entendo, por uma força marcada numa experiência de infância que marcou o imaginário e como útero dessa imagem, nascem todas as outras, tudo que sonho parece jorrar desse sonho de lençóis molhados.

IV

Pesquisar é preciso, viver não é preciso. A Etnopesquisa em Educação não funciona como uma ferramenta, ela põe o pesquisador em risco, ela pesquisa, torna-se seu *ethos*, ele mora na pesquisa. Assim, muito pior do que não ver é ver o que não existe, as miragens são o pior terror da pesquisa, elas são causadas pelo orgulho, vaidade ou sistema de crença rígido demais. O pesquisador precisa estar disposto a ser lesionado, a perder verdades caras, ele deve, às vezes, tapar as orelhas e amarrar-se num mastro para não ouvir o canto das sereias, mas deve manter os olhos atentos para não cair nas garras de Calíпсо. Então, ele navega nesse mar de enganos e perigos. Ajustando o foco, sem ver de menos, sem ver demais, precisão é seu objetivo. Precisão na pesquisa qualitativa é tarefa da intuição.

MOVIMENTO VII: PRÁXIS PEDAGÓGICA

Minha felicidade

Depois de estar cansado de procurar
Aprendi a encontrar.
Depois que um vento se opôs a mim
Navego com todos os ventos.

(Nietzsche em A Gaia a Ciência, Aforismo 2)

Sou professor de Filosofia e atuo nas disciplinas Introdução à Filosofia e Lógica e Ética. Nunca fui tão feliz em um trabalho, aliás o que faço só poderia ser chamado de trabalho em sentido marxista, como realização plena de minhas potencialidades. Quando estou numa aula de Filosofia estou alegre e, melhor ainda, recebo algum dinheiro, mas nunca penso nisso, por essa experiência muito pessoal, acredito em vocação. Sei esta afirmação soa como um insulto ou uma heresia, quem vive Filosofia sabe da sua proximidade com as heresias. Defino-me como um pessimista trágico, trágico porque acredito que minha vida não está totalmente entregue às minhas decisões, há um jogo de forças que por mais que me debata e planeje, como os heróis das tragédias gregas, o desfecho nunca é o que esperava, poderia chamar a isso destino. Pessimista por observar meu corpo e concluir que tudo muda para pior, mas o sofrimento inevitável não é amargura. Apenas os otimistas têm tempo para lamentações e queixas, como: amanhã vai piorar, o dia da festa é hoje, hoje é o dia da melhor aula, do melhor beijo, do perdão, para quem pensa que coração é uma bomba-relógio que instalaram em nosso peito e que vai estourar a qualquer momento, a alegria é urgente. Assim, o pessimismo em mim é tônico, potencializa meu viver e meu esforço para alcançar a beleza, pois a beleza me comove.

Então, pessimista e trágico, sigo para minhas aulas de Filosofia, e resolvi aplicar a Pedagogia da Duração, seguindo o modelo de Rita Célia Torreão. Porém, tragicamente deparei-me com uma surpresa.

Os passos metodológicos da Pedagogia da Duração são em duração, ou seja, nunca são repetidos, nunca são iguais. Essa é uma lei da vida. Mesmo cumprindo todos os protocolos, com aula de fogo, batizado, velório, prova difícil. O encontro do educar em Rita Célia é amoroso, o encontro entre educador e educando em minha experiência de professor é explosivo, assim em minha experiência como professor existe um choque com o educar, o drama e a angústia se misturam com a alegria de rir de si mesmo, mas as crenças e o pensamento se atritam, não apenas do professor com os educandos, mas o de cada um consigo

mesmo, a aula é um conflito dionisíaco, nela, o gozo nasce do atrito.

Meus alunos tornam-se todos meus amigos, mas nunca voltaram para tornarem-se monitores voluntários, o amor por mim não é tanto. Nunca experimentei a presença do monitor em minha práxis pedagógica com a Pedagogia da Duração. O que era constante na práxis de Rita, em minha práxis não acontece, minha conclusão sobre isso é que a Pedagogia da Duração é um método em duração, ela se amolda à duração do professor e dos alunos, logo nunca será igual. Nem na execução nem nos resultados, é um método como a psicanálise, diferente a depender do paciente e do analista, apesar de lidar com as mesmas categorias e procedimentos. A Pedagogia da Duração é como uma dança ou uma música, a execução dependerá da maestria e das disposições do corpo de quem executa, é uma recriação.

É com frequência que alunos me procuram dizendo que irão mudar de curso para estudar Filosofia, e três destes realmente mudaram de curso. Somando os atropelos e as harmonias, parece-me que no aspecto do despertar o gosto pela Filosofia, a Pedagogia da Duração cumpre seu destino. No entanto, por ser em duração, a assombração do indivíduo reaparece, o método é individual, cada professor irá executá-lo conforme sua duração e a duração dos seus educandos.

Mas como a vida encontra atalhos inesperados e as teorias sempre estão na rabada dos acontecimentos, apesar de toda a pretensão de previsão e antecipação, obtive uma grata surpresa em minha práxis pedagógica no ensino de Filosofia. Entre minhas próprias invenções professorais, inventei a de pedir aos meus alunos para fazerem um memorial pessoal, relacionando os caminhos que os levaram a estar ali, comigo, na sala, numa aventura filosofante. Quando leio os memoriais, muitos estão cheios de lamentações e ideias de ressentimentos, muitos refletem o que eles aprenderam nos cursos de história e sociologia, culpam o sistema social por suas mazelas, mas alguns, raros, falam de suas dores particularíssimas, de suas angústias profundas, de seus medos e remorsos, esses que individualizam suas narrativas, e falam não de sua etnia, nem de sua classe social, nem de sua opção sexual, mas de suas existências solitárias, dores apenas suas, que não existem por causa da convivência em grupo, mas apenas por terem nascidos para morrer... Surge uma ironia da vida, uma surpresinha e um espanto: quanto mais singulares os discursos, mais universais são suas dores e conclusões. Parece que nossa diferença se dá na casca social e que no eu profundo somos muito parecidos. Minha conclusão lógica é que o singular está mais próximo do universal que o particular. Para mim, uma surpresa e um motivo para continuar estudando.

Uma das atividades que mais gosto de minha práxis na Pedagogia da Duração é o Batizado, nele faço festa, comidas, bebidas, danças, sou baiano da gema, sou negão e adoro

dançar. Mas aproveito o evento para minhas provocações às Ciências Sociais e acirramento do debate gostoso, além do treino da esgrima intelectual. Assim, fizemos nosso convite para o segundo semestre de 2014:



Projeto de Extensão Acadêmica
Batizado Filosófico
Filosofia e Ética
Cursos: Administração e Pedagogia
Prof. Ginaldo Gonçalves



As turmas do segundo semestre de Pedagogia e Administração convidam a comunidade acadêmica da Faculdade Montessoriano para sua Festa de Batizado, que será no dia 10 de setembro no primeiro horário. Teremos Filosofia, Poesia, Doces, Salgados, bebidas, música e muita dança.

Explicações e provocações

O Batizado é um rito de passagem, ele se constitui em um projeto de extensão por se repetir em todo semestre, fazendo parte do calendário acadêmico de Filosofia. A intensão do

Batizado é dar identidade às turmas que são nomeadas por semestres, e também simbolizar a passagem para uma nova vida, uma vida voltada para o estudo, para a disciplina e para o esforço intelectual.

Esse evento também é uma comemoração, uma festa, os saberes tratados pelo ressentimento são saberes tristes, que diminuem o *Conatus* (potência para o agir), desestimulando o viver, cultuando a vingança, o revide e a queixa. O saber alegre vigente e tônico é uma experiência do batizado. Os ressentidos pensam que a realidade é sua percepção, mas eles se esquecem de que essa percepção é carregada de ideologias e crenças. Logo, o real é imaginado.

Vamos, então, comemorar juntos a vida e a potência de aprender nesse encontro e também no desencontro, aprender em abundância, pois como diria o poeta: “Nada vos sovino, com minha incerteza vos ilumino” (Ferreira Gullar).

Como podemos notar, minha atividade como professor é beligerante, não promovo um encontro, mas uma colisão, uma guerra. A academia mente quando diz que forma livres pensadores, ela forma clones, repetidores de mantras. Aliás, a academia é avessa à liberdade de pensamento. Existem acontecimentos e teorias erotizadas, que são intocáveis, o politicamente correto é a lógica que aprisiona o pensamento, e logo o impedem, pois para mim pensamento é transgressão. Toda vez que penso, inauguro e afirmo um ainda não existente, pensamento sendo vivo é parido, ele nasce, não é construído, ele é criado. O conhecimento pode ser construído, pois ele é formado com pensamentos e experiências já criadas e vividas, com base no criado se constrói.

Em Construção

Henri Bergson ganhou um Prêmio Nobel com o seu livro “Evolução Criadora”. Inspirado nessa expressão aparentemente oposta, afirmo que minha práxis pedagógica é uma construção criadora, na qual criar e construir, analisar e intuir compõem uma dança no solo irregular da Educação. Assim, construí uma apostila de Lógica para iniciantes, retirada dos manuais de Lógica Formal que geralmente esperam que o leitor seja um iniciado, pois não há compaixão na terminologia nem nas explicações, então resolvi fazer uma simplificação, traduzindo para iniciantes, explicando o que parece já explícito.

Entendo a Lógica como uma prisão para o pensamento, se a Filosofia fosse para mim uma *episteme* que nos arrasta para o espanto, logo nos atiraria num abismo, num desamparo, a Lógica seria uma cela, um catre, seus pressupostos organizam o discurso e aprisionam o

pensamento junto à gramática, ou a um conjunto de regras. Mas, para Bergson, a intuição cavalga as ideias, e a formação das ideias ou das formas, se orientam logicamente, ajudando na leitura e interpretação de textos, como na clareza de argumentação.

Então, me aproximo da Matemática e da Física como um jogo lúdico, no qual ensinar lógica e resolver problemas lógicos promovem uma satisfação da inteligência e preparam o cavalo da intuição. O ato de abstrair, ou seja, a primeira operação mental da Lógica Formal é o ato de imobilizar, é quando subtraímos as diferenças diante da multiplicidade do mundo e colocamos semelhanças como iguais, uma ideia ou forma básica. Existem vários tipos de cadeira, mas se para cada tipo houvesse uma forma ou ideia e uma palavra diferente, só pensaríamos cadeira, então abstraído chamamos todas de madeira, de vidro, de ferro, de plástico etc. Dessa maneira, imobilizamos a duração e esquecemos as diferenças, organizando o mundo em formas imóveis, as ideias.

Quando intuímos fazemos o movimento contrário, devolvemos as partes arrancadas das singularidades, e esse vai e vem de abstrair, analisar e intuir realiza o atrito necessário ao exercício do ensino de Filosofia, às vezes Heráclito, às vezes Parmênides.

Outra colheita que fiz dos memoriais dos meus alunos, esse mais próximo a uma análise de texto, ou seja, ao uso da inteligência, foi o constante uso de palavras como: matou, destruiu, tirou. Quando se referem à Filosofia, uns dizem que a Filosofia retirou suas ilusões sobre política, outros que a Filosofia matou suas crenças na bondade humana, ou no romantismo, ou na ideia que eles tinham de si mesmo etc. Essas afirmações colaboram com minha ideia de Filosofia como *episteme* que nos leva para o espanto, na verdade penso que esses alunos expressaram o desconforto de verem ser retirada deles uma série de conhecimentos, explicações e poderem repensar situações como política, bondade humana, romantismo, ideia de si. Esse exercício de pensamento, livre das arramas das respostas que o conhecimento apresenta é desconfortável, mas é filosófico. Entendo que esses dados indicam uma outra afirmação da Pedagogia da Duração: ela forma Filósofos, não como gênios separados dos mortais, escrevendo grandes livros, que ficaram para eternidade, mas Filósofos num sentido menor, daquele que ama o saber e se aventura a pensar, daquele que se balança nas certezas, provando um estado de instabilidade nas verdades, daquele que se espanta, inclusive consigo mesmo.

A ideia de amor em Platão que ele coloca no discurso de Sócrates, no “Banquete”, é de um amor desejo, Eros, amor pela falta, amo aquilo que não tenho, quando tenho o amor cessa. Mas, para Aristóteles, o amor é *filia*, amor alegria com o ‘é meu’, amor que tenho na potência de ser, meu amor pela docência e pelos meus entes “querentes”, é um encontro desses amores

gregos, quando não estou com eles sinto a falta, quando os tenho quero estender a duração do encontro, esta é a minha Felicidade, estar com quem amo e trabalhar com Filosofia. Não importa o salário, pois é nos objetos amados que se plasma a minha consciência. Quando amamos assim, nossa consciência esquece o eu e se plasma na cena, quando o filme é maravilhoso esquecemos que estamos no cinema, quando acaba precisamos de um tempo para retornar a nós mesmo. Assim, é minha alegria na aula de Filosofia e no esforço de filosofar. Amor que já se encontra no nome, *filia* pelo saber, *filo sofia*. Alegria que aumenta a potência de viver. Minha vida é boa porque amo, logo o melhor lugar do mundo é a minha rotina, nada como repetir o que me alegra, trair minha alegria é contrariar a vida, só teria cabimento para um masoquismo doentio. A mudança no amor só cabe no aumento da potência de mim mesmo, na repetição da alegria que me potencializa. Mudança no mesmo para o melhor de mim. Isso se dá como uma travessia, uma peregrinação, na busca pelo si mesmo.

Um monismo e o corpo que pensa. Encerro minha práxis pedagógica afirmando: “Melhorar a humanidade, eis a última coisa que vou prometer”. A consciência moral é uma garrafa vazia em um oceano de afetos em maremoto” (Nietzsche).

MOVIMENTO VIII: TECER E ENTRISTECER, OU COMPONDO UM NOTURNO MELANCÓLICO

As conversas sobre a forma de ensinar da professora Rita sempre estiveram presentes desde muito antes dessa ideia se constituir uma pesquisa, assim elas atravessam todo o trabalho, porém aqui apresento as falas de cinco personagens ex-alunos de Rita com os seguintes codinomes, Rosa, Azul, Verde, Vermelho e Amarelo. Esse material foi coletado entre março e setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista eles forma alunos do acontecimento de Rita na UESB.

Penso que um dos grandes problemas das teorias é que elas, não têm nenhuma tristeza, elas são uma harmonia nelas mesmas, perfeitas, redondas e um bom trabalho acadêmico é sem nenhuma dor, porém nessa tessitura que aqui inicio, haverá dor e alegrias, busco utilizar as entre-vistas como material discursivo ou acordes, não como um dado, ou prova. Busco encontrar sentido nos encontros e desencontros dos enunciados, misturando cores e tons. Nesse capítulo, utilizarei as falas dos entre-vistados como continuidade da minha, formaremos um coro dissonante, ousaremos desafinar, eles serão citados como autores, tentarei tecer uma rede de sentidos, formar um jogo de linguagem, construir uma gramática de sensações.

Escolhi denominar os entre-vistados com nomes de cores, poderia também ser notas musicais, as cores são tão carregadas de significados e sensações, são tão subjetivas e ao mesmo tempo sensoriais. Carregadas de nuances e tons que variam com a luz e o olhar de quem contempla.

Toda a dissertação é uma entre-vista, pois minha narrativa é enticada, eu também fui aluno de Rita na Pedagogia da Duração. Todos os meus professores ecoam no texto, muitos autores nem citados murmuram no hábito e na infecção do pensar. A figura daquela professora que tinha uma maneira diferente... meio doída! Esse era o termo utilizado, era doída, essa mulher – é maluca. Sr. Verde.

Assim, essas entre-vistas não são exemplo, ou dado de uma experiência, ou alegorias colocadas aqui para comprovar ou enfeitar, elas e seus ecos já vieram compondo o texto, indicando a trilha, tecendo aquilo que chamamos ponto de vista, pois, numa Pedagogia da Duração, os pontos de vistas não são elucubrações internas, mas relações e jogo de forças externas, e o pesquisador é o produto desse esforço.

Então agora irei tecer as Entre-vistas por semelhança de família e antipatias, por força de atração e repulsão, por consanguinidade e antagonismo, numa melodia de sombras e assombração.

Na Pedagogia da Duração o papel do professor é central, é no corpo do professor que a escola se (re)significa, é por meio desse corpo que passam os conteúdos, as avaliações, a repressão e o espaço de liberdade. Contrariando um setor da educação que defende a ideia de que professor é resultado de formação, a Pedagogia da Duração apresenta o professor vocacionado, o professor que estica sua aula como se estica uma alegria. Entendo que há em qualquer atividade humana, uma disposição orgânica e espiritual, uma potencialidade que precisa ser atualizada, um sonho que precisa ser despertado. Penso que, para esse meu discurso, a fala da Sr^a Rosa vem completar e formar um tecido. Então, Rita foi, assim, uma peça em minha vida. “Reencontrei com ela agora e foi uma grande felicidade ela de novo na FTC. Ela foi uma pessoa fundamental na minha formação e no meu direcionamento como profissional”. Na fala da Sr Rosa, “ela não passa indiferente, ela conseguiu mexer com os sentimentos de toda a turma”.

Entrevistador – Fale-me como foi sua experiência com professora Rita Célia e a disciplina Filosofia.

Sr^a Rosa – Ok! Bem, o início da Rita Célia foi meio chocante, é ela tem esse dom de chocar no primeiro momento ela tem qualquer coisa que afugenta. Então foi assim comigo, mas gostei porque achava que filosofia era coisa de outro mundo e que jamais ia conseguir acompanhar, entender e fazer qualquer coisa relacionada à disciplina. Tinha muita dificuldade achava que não ia conseguir compreender tudo aquilo e assim ela tem o dom de mexer com os sentimentos das pessoas, ela e aquela velha história que ela fala “ou me ama ou me odeia”, mas, ela não passa indiferente, ela conseguiu mexer com os sentimentos de toda a turma.

Em seu livro “Nas Asas da Borboleta”, Rita Célia fala de ensinar pelo misticismo que é pelo exemplo, pois Bergson destaca duas maneiras de se educar, pelo exemplo ou pelo adestramento. A Pedagogia da Duração opta pelo ensino por meio do exemplo, isso torna a figura do professor central no processo ensino-aprendizagem. O professor desenvolve um jogo de afetos, inclusive até pela sua localização espacial diante da turma, é como se ele fosse filmado, os alunos leem seus gestos, suas roupas, aprendem para além do conteúdo, uns o que menos aprendem é o conteúdo, assim professor e metodologia de ensino são um em sala de aula, não é possível descolar o método do professor e, em um esforço de formação de professores, treiná-los e fabricá-los como numa esteira industrial todos em série. Nas falas da Sr^a Rosa: “Sou meia (sic) suspeita para falar de Rita Célia porque criei um laço afetivo com ela. Um laço de amizade”.

O método da Pedagogia da Duração é fluido e visa desabrochar em cada professor sua potencialidade, porém é fundamental um jogo de afetos, ódios e amores. Conforme destaque na fala do Sr. Amarelo:

Fazer o curso da Rita foi um tormento, escolhi estudar o Kant, como foi difícil! Pensei que não iria conseguir. Tive muita raiva da professora, mas tive que dar conta, minha nota na prova foi muito baixa, então estudei aquele cara chato, e sempre que me lembro de sofrimento como estudante penso em Rita e Kant.

Nem sempre o movente é uma alegria, porém o efetivo é o afetivo na Pedagogia da Duração, o laço entre os conteúdos e os sentimentos é bastante estreito, e parece que se o aluno não conseguir amar, ou odiar, ele não conseguirá dar conta de maneira morna dos conteúdos de Filosofia.

Entrevistador - Como foi sua experiência com Filosofia na sua graduação?
 Sr. Azul - Foi impactante, primeiro a figura ímpar de Rita Célia. Estávamos iniciando na vida acadêmica, calouros, foi um susto. E apesar de está (sic) casado, comecei a estudar um pouco tarde, então quando vi a professora com aquele chapéu e aquele jeito de falar, foi assustador, imagine numa turma de Matemática, todo mundo dentro de uma caixinha, todos os outros professores com aulas certinhas, exercícios. A aula de Rita Célia era diferente. Mas hoje sou professor e agradeço muito a ela aquela experiência. Foi muito diferente, todos ficaram meio assustados na turma, mas depois alguns foram compreendendo o jeito diferente dela ser. Mas, quando a gente começa a entender o conteúdo, aí tudo melhora. Estudei a obra “O Mundo Como Vontade e Representação” de Schopenhauer, e nunca me esqueço de que não conseguia entender muito bem a parte da Vontade do Mundo, quando ele dizia que tudo era Vontade, mas meu filho pequeno em casa queria brincar com o açucareiro, melava a mesa, o chão, e a mãe brigando, tomava dele, daqui a pouco ele pegava de novo, eu estudando Schopenhauer nessa confusão e a mãe brigando com o menino e o menino teimando, até que aquilo me ensinou o que era vontade, disse pra (sic) ela: bem, deixa um pouco, não é ele não é a Vontade do Mundo, ele queria aquele açucareiro mais que tudo, ele sofria pelo açucareiro.

Sobre o efeito na turma como você avalia o método de ensino de Rita Célia:

Sr^a Rosa – Eu diria que foi meio a meio, uma boa parte não gostou do método acharam que era muito radical, não entenderam a situação e uma parte gostou muito. No princípio ficaram meio confusos sem saber como é que iam acompanhar, mas depois foram se acalmando e conseguindo o que ela queria passar ali na turma, ela saía daquela coisa da mesmice do coreba de lê o livro e repetir o que estava escrito sem dizer de fato o que entendeu e com a proposta que ela tinha do Buch filosófico, foi o primeiro “boxe público” que ela realizou na UESB, a gente conseguiu externar o que

foi compreendido em relação ao conteúdo trabalhado na obra filosófica e o nosso sentimento em relação àquilo ali foi maravilhoso. Sou meia (sic) suspeita para falar de Rita Célia porque criei um laço afetivo com ela. Um laço de amizade, então assim foi um momento que estava passando bem complicado na minha vida, era o primeiro semestre então ela percebeu com a experiência dela em Psicanálise e tudo mais, então ela ajudou-me e teve uma influência, muito grande na minha vida naquele momento. Isso eu trago até hoje carrego muita coisa até hoje de Rita Célia. Ela é uma pessoa incrível extremamente inteligente e que meche mesmo com você não consegue ter uma conversa seja de dois minutos com Rita Célia e não sai da mesma forma que você chega.

Entrevistador - Em que ano o senhor estudou Contabilidade na UESB?

Sr. Verde - Comecei em 2000.

Entrevistador - O senhor lembra quem foi seu professor de Filosofia?

Sr. Verde - Claro, foi Rita Célia, ela é inesquecível, uns amam, outros odeiam, ninguém a esquece.

Entrevistador - Fale-me algo que lhe venha à lembrança, qualquer coisa.

Sr. Verde - Foi um impacto grande, foi... Como posso dizer? Foi polêmico, principalmente porque a grande parte da turma, não sei se você tem esse conhecimento, mas a nossa turma era de pessoas acima dos 25 (vinte e cinco), 30 (trinta) anos de idade.

Eram poucos os adolescentes, os jovens na sala cerca de 30, 35, 40% no máximo, então a disciplina Filosofia foi ministrada por uma professora que tinha um método diferenciado de ensino com pessoas que já estavam praticamente com a vida pessoal, profissional determinada, o curso era noturno. A figura daquela professora que tinha uma maneira diferente... Meio doida! Esse era o termo utilizado, era doida, essa mulher - é maluca. Para que isso num curso de contabilidade? Muitos perguntavam, mas foi impactante para a turma aquele momento, aquela disciplina. Mas para mim aquilo foi proposital. O impacto que aconteceu iria dar um benefício enorme a todos. E deu, depois quando nos formamos ficamos tentando localizar Rita para nossa festa. E meu TCC foi embasado em Descartes, acho que na UESB foi o primeiro TCC em Contabilidade que se fundamentou em um Filósofo. Todo aquele conflito inicial acalmou com o desenrolar do curso.

Entrevistador - O que você acha da disciplina?

Senhor Verde - Para mim foi gratificante, apesar de muitos serem contra a disciplina, contra o estudo de filosofia e de sociologia, considero como primordial para quem ingressa em um curso acadêmico.

Entrevistador - Você nota alguma coisa diferente no curso que Rita deu de qualquer outro tipo de curso comparando com os outros professores de outras disciplinas você nota alguma coisa diferente?

Sr. Verde - Sim, o método, a maneira de ensino dela é desafiadora. Ela faz com que você utilize formas de pensar que até então a gente não pensava ou na grande maioria das vezes a gente não costumava fazer. Ela faz com que você pense de maneira diferente e saia daquele comodismo do dia a dia, comodismo que a gente já vai tendo ao longo da vida.

Entrevistador - E você voltou a ler filosofia? Ou alguma coisa assim?

Sr. Verde - Sim, assim dentro da própria disciplina não ficava somente nos assuntos, nos conteúdos da disciplina, a gente sempre discutia e dialogava, passei a ter interesse maior por outros autores, ler outros

autores mesmo não fazendo parte daquele conteúdo específico da disciplina que foi ministrada.

Entrevistador - E hoje em sua vida serve a filosofia para algumas coisas?

(Risos)

Sr. Verde - Sim, serve porque acho que é importante ter esse pensamento, ter uma forma diferenciada de pensar, você aprende a questionar e isso trago principalmente depois da disciplina que tive, todo o meu curso foi desafiador, nunca me contentava com aqueles conteúdos básicos sempre buscava mais, e isso considero o reflexo dessa disciplina.

Entrevistador - Eu sei que faz muito tempo, você estava começando, era estudante ainda, mas os conteúdos da Filosofia de algum jeito saíram da sala, foi levado para fora da sala, aconteceu isso com você?

Sr. Verde - Eu já tive contato com pessoas, com colegas da época de faculdade, e assim sempre que a gente se encontra passa a lembrar daquela época de curso, e um dos assuntos tratados foi justamente a disciplina de Filosofia, porque considero que não foi só pra (sic) mim essa maneira de pensar, e no decorer da minha vida acadêmica e profissional e algumas coisas o conteúdo aplicado em Filosofia naquela época, ele volta sempre e faz parte do dia a dia. Havia colegas de cidadezinhas próximas que o pessoal ficava esperando na praça para saber qual foi o papo filosófico e eles diziam que ficavam até tarde discutindo. E agora, depois de montar meu escritório, estou pensando em fazer o curso de Filosofia à noite na UESB. Minha mulher me pergunta: Que queres estudando Filosofia? Respondo: nada não, quero nada. Bem, querer nada é um querer.

Entrevistador - Você foi aluno de Rita Célia há muito tempo, lembra mais ou menos como foi o curso?

Sr. Vermelho - Eu fui aluno de Rita em 2001, é exatamente no primeiro semestre, este curso foi fundamental no direcionamento da minha carreira. Primeiro era calouro, sem saber o que te espera no curso superior, pegávamos disciplina como português instrumental, matemática e de repente Filosofia que não entendíamos nada, e a gente conversava e não entendia o porquê da Filosofia em um curso de Administração e a professora Rita Célia, ela tem a capacidade de mobilização mental extraordinária nas questões que traz para aula, não vou dizer nem metodologia das estratégias de ensino e não esqueço porque o primeiro momento foi um impacto grande na relação de um pensamento sistemático que a gente vem com aquilo apreendido nas questões mais problemáticas da vida, e de repente Rita Célia falava de Sócrates de Platão e entrava em pré-socráticos e isso foi uma coisa demais, pois mexia com a gente, não me esqueço de um prova que ela perguntou assim: “Se tudo muda o que não muda?”. Eu falei assim não sei, e ela respondeu: este é um saber. Realmente e foi muito interessante que na primeira ou na segunda aula ela levou um texto que a gente lia e não conseguia entender absolutamente nada e não era somente eu, falei: “Gente é burro”. Não é possível, aí ela então falou: saber que não sabe é inteligência, poder dizer que é burro é segurança e sensibilidade, com as aulas vocês vão ler e entender. E foi assim

mesmo, algo maravilhoso porque ela cria os debates na sala de aula. E as questões filosóficas de pensamento fora do senso comum e aquilo eu acho que foi importante para muita gente, acho que entenderam e acho que eu consegui muito. Hoje, após ter terminado a minha graduação, minha especialização, terminei mestrado sou professor há sete anos, ensino: Finanças, Orçamento Empresarial. Sou professor de Empreendedorismo, Análise de Projeto, Análise de Investimentos e eu uso Filosofia nas minhas aulas. Começo sempre falando uma frase que ela colocou no quadro “A única coisa permanente é a mudança e nada muda”, eu lembro que eu respondi assim: - Professora acho que o filósofo Heráclito está certo e Parmênides está errado; aí ela respondeu: Quem é você para concordar ou discordar de um filósofo? Aí, recolhi-me a minha insignificância e fui pensar... é verdade. Para mim, ambos estavam falando a mesma coisa, nada muda, pois se uma coisa é permanente é porque ela não muda. A mudança não muda porque ela muda o tempo todo. Então ela me fez com aquela resposta tirar uma máxima para mim mesmo: Pense antes de falar e tenha isto como hábito e me dei muito bem. Então Rita foi assim uma peça em minha vida. Reencontrei com ela agora e foi uma grande felicidade, ela de novo na FTC. Ela foi uma pessoa fundamental na minha formação e no meu direcionamento como profissional.

Aqui, nesse trecho, deixei os entre-vistados falarem como se fosse uns com os outros, por meio de minha memória. O tema girou em torno do impacto do método e da figura da professora, porém o que destaque é o interesse por Filosofia e o fato de que se esqueceram do acontecimento, como se aquela experiência insistisse em durar, com o passado atravessando o presente num fluxo de imagens, criando matizes infinitos para a mesma cor. Aparece nas entrevistas a imitação das atitudes e ações da professora para o ensino de outras disciplinas: “Começo falando uma frase que ela colocou no quadro: ‘A única coisa permanente é a mudança e nada muda’”. Sr. Vermelho – professor de Administração. Na fala da Sr^a Rosa, professora de Cálculo, aparece o ensino pelo misticismo: “Sou muito direta, falo mesmo o que penso, como Rita fazia comigo... faço com meus alunos. Digo a eles: Volte, estude tudo novamente e depois você vem apresentar o trabalho, e dizer o que você entendeu e o que você não entendeu, pois é preciso que saiba o que você não entendeu”. O encontro é amoroso: “Acho que já disse tudo em relação a Rita e o que repito é que sou suspeita a falar, porque me encantei por ela” – Sr^a Rosa.

A ligação entre mestre e discípulo é afetiva, muito difícil de reproduzir numa classe de 40 alunos, porém a Pedagogia da Duração, com seus rituais já descritos anteriormente, tenta lançar uma rede com grandes buracos para pegar peixe grande. Quando o professor recebe os alunos um a um e diz que a aula é pessoal, é para ele, poucos acreditam, e como diz o dito chinês “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”, então alguns escapam à

mediocridade do ensino universitário, à formação em série de replicantes. A Pedagogia da Duração é um método para indivíduos.

Entrevistador – Repórter – Você quer falar alguma coisa que não perguntei? Sobre Filosofia? Sobre Rita Célia? Sobre sua experiência? Você pode falar, esta não é em uma entrevista e sim uma conversa.

(Risos)

Sr^a Rosa – Acho que já disse tudo em relação à Rita e o que repito é que sou suspeita a falar porque me encantei por ela.

Entrevistador – Tenho outra pergunta! Você é professora, alguma coisa daquele jeito de ensino, você utiliza?

Sr^a Rosa – Eu acredito que sim, é um trato, uma a maneira de lidar com os alunos. Sou muito franca, sou muito direta, como ela me ensinou a ser, tem gente que não gosta desta autenticidade dela. Hoje sou professora de cálculo no nível superior e faço com meus alunos o que ela fez comigo. Digo a eles: Volte, estude tudo novamente e depois você vem apresentar o trabalho, e dizer o que você entendeu e o que você não entendeu, pois é preciso que saiba o que você não entendeu. Então não faço rodeio com os meus alunos, não importa se trabalho em uma instituição privada. Vê-se que não adquiriu conhecimento necessário para seguir em frente, ele tem de voltar quantas vezes for necessário, então assim não aprovo por aprovar, o aluno tem que mostrar seu esforço e algum tipo de conhecimento do assunto dado, não consigo simplesmente, dizer aqui a nota por mera pressão. Toda a pressão psicológica me comove, vê o aluno implorar pela nota para passar me deprime. Sou muito direta, falo mesmo o que penso, como Rita fazia comigo, lógico que tento não machucar as pessoas. Mas costumo ser muito verdadeira e amorosa no que falo para eles e isso vem muito dela. Por isso que digo ela chocou muito na universidade por conta disso porque, às vezes, as pessoas não costumam falar sem hipocrisia. Deixam como está e vai levando. Tem professor que se livra do aluno e ela não faz isso pelo menos no meu caso. Ela se aproximou, fez-me ter raiva dela às vezes, mas nunca me deixou sozinha. Ela sempre estava por perto, ela não fazia de conta que eu sabia sem saber, entende? Não temos vontade de estudar se pensamos que já sabemos tudo.

A luta entre as crenças e conhecimentos científicos anteriores e a Filosofia é sublime. A Filosofia está no fundo de cada Ciência, apesar de negá-las, essa negação é a maior afirmação de conhecimento, é amor ao saber, como um paradoxo, a recusa que os alunos fazem à Filosofia, para a defesa de seus saberes, é uma recusa a esses mesmos saberes, porque, quando eles abraçam a Filosofia e sua negação, o salto é para mais saber, e um gozo com a ciência ou com a religião. Esse conflito não se dá ao nível das representações, pois a Filosofia não tem corpo, o embate se dá contra o professor, o desconforto que o espanto provoca é interpretado como desconforto do professor. Ele precisa digerir e desapegar, ele precisa transformar a raiva do aluno em esforço, a dor da nota baixa em vingança de bom trabalho. Tanto a tristeza da nota baixa (“Tive muita raiva da professora, mas tive que dar conta, minha nota na prova foi muito baixa, então estudei” – Sr. Amarelo) quanto a alegria da

recuperação, levam o estudo de Filosofia para o plano da imanência, não é apenas um jogo de representações, mas são afecções, afetividades, sensações, somente isso garante que após 15 anos um aluno de Matemática se lembre do trabalho de Introdução à Filosofia que ele produziu na graduação, esse trabalho não foi uma tarefa, uma exigência de créditos para o curso, esse trabalho foi resultado de uma luta emocional e existencial, um perigo inesquecível, a contemplação do sublime.

Como não foram entrevistas, o entrevistador na dialogia com os entre-vistados produziu uma somatória que denomino de entre-vistas, isto é, processo por meio do qual as falas correm soltas, às vezes sem uma sequência, mas cheios de emoção. Observei que entre as entre-vistas surge a influência do curso de Filosofia na vida profissional ou emocional do entre-vistado. Parece que uma disciplina convencional não atinge um aluno com tanta força. O que será que essa disciplina, *Introdução à Filosofia*, nos cursos de Direito, Matemática, Administração e Contabilidade tinha de diferente?

Brota das falas em geral, até do entrevistado que não gosta de Filosofia a força da figura da professora. Outro ponto detectado é o método de ensino. Esses indicadores, somados às minhas impressões, levaram-me a ideia de que isso é a Pedagogia da Duração, que se um professor praticar o método que se funde com ele mesmo haverá uma com-fusão positiva, assombro e desespero para os entes educativos no encontro do ensinar e aprender. Entre o professor e o método surge uma didática imediata, criada para o momento e é meio inesperada, intuída, evidente que o professor tem de ter lastro onde subjaz e emergem soluções aprendentes, inventadas e apoiadas em experiências anteriores, não é criada do nada nem fruto de uma construção planejada, é nascida do amor.

Penso que as ideias de Rita Célia acontecem numa Práxis Pedagógica, não como ela as representou, ou daquela forma, foi o que ela percebeu, foi o que seu temperamento permitiu. Em mim, elas sofreram torções e mutações, nas falas dos entre-vistados, também, cada um apresenta seu matiz, sua sombra. Após uma grande tensão mental e espiritual, sinto-me aliviado e descansado e por isso decidido a continuar meus estudos após a defesa desta dissertação, que foi uma maratona. Bem citarei as palavras de Tolstói, em “Ana Karênina”, (2003, p. 41):

Tens um caráter íntegro e queres que toda a vida se componha de manifestações íntegras. Mas a verdade é que isso não acontece. Por isso desprezas a atividade social do Estado, pois quiseras que todo o esforço estivesse sempre diretamente relacionado com um fim o que não é verdade. Também gostarias que a atividade do homem tivesse um objetivo, que o amor e a vida conjugal fossem uma e a mesma coisa. Mas as coisas não se

passam assim. Toda diversidade, todo encanto, toda a beleza da vida se compõe de luzes e sombras... não estou a dizer o que penso, estou a dizer o que sinto.

Afinal, como encanta o João Gilberto: “no peito de um desafinado, também bate um coração”.

Da defesa

Como esse trabalho é um Prelúdio e Fuga mantive o título, pois a Pedagogia da Duração é algo que foi criado pela Dra. Rita Célia Torreão, mas ainda esta em crescimento, ainda é um vir a ser. Pelo mesmo motivo de ser prelúdio e fuga retirei a denominação de capítulos e coloquei movimentos, muitos são adágios movimentos lentos, outros são apressados andantes e prestos, mas na totalidade procurei fazer da dissertação um alegre, um movimento leve e ligeiro, claro que tudo isso de maneira pop e desafinada, revelando uma mestiçagem do popular e erudito, do acadêmico e do burburinho que eclode das ruas. Quando criança no fim de linha de Brotas o som do tambor do Candomblé sobrevoava os barracos como uma ave noturna, varando a madrugada, meu coração dançava num ritmo de batuque, a música sempre esteve presente em meus sonhos e sonos, agora aparece nesse despertar.

Um canto

O Poeta sempre é expulso da Republica, toda poesia é privada. No meio do caminha tem sempre um Platão.

Ai! que ninguém volta ao que já deixou, mas nada impedi que o deixado retorne na barca da fantasia, pois eu não vivo no passado, mas o passado vive em mim.

Assim Áfricas e Portugais sangram em meu coração morubixaba, por isso minha confusão entre guerra e festa, entre morrer, amar e dançar, em mim em vez de tradução houve fusão, confusão, numa síntese apenas minha de dor e beleza, de luz e sombra; pó e poesia.

Para muitos é fácil viver, amar, namorar, transar, falar, escrever. Para mim tudo é difícil, temo as mulheres, me embaraço na vida, tropeço nas palavras, firo nas carícias, danço na luta, e por fim exhibo minha cara de espanto, como quem come doce de tamarindo.. .é doce???? É azedo????

O si mesmo um mistério

Aquilo que chamamos de si mesmo, mesmo sendo aquilo que somos nós mesmo, é um mistério para nós. O mistério é sempre tratado pela ciência como algo a ser desvendado, e transmutado sua natureza, de mistério em conhecimento, logo a ciência é impotente para entender o mistério em sua natureza. Aqui faço um laço para demonstrar minha intuição do si mesmo, não para defini-lo, ou aprende-lo mas para saber que ele está aí, como mistério. Duas ideias são fundamentais para a intuição do si mesmo, primeiro a ideia de tempo qualitativo colhida de Bergson, os instantes são diferentes, são heterogêneos, não notamos isso porque não prestamos muita atenção em nós mesmos. Apenas em momentos de grande crise moral ou de saúde, percebemos a diferença dos instantes, mas todos os instantes são como o último, como o último suspiro, eles podem seguir um rumo totalmente diferente porque somos livres, e a liberdade é a outra ideia que reunindo-as tempo qualitativo e liberdade percebemos a impossibilidade de sermos abstraídos, aprisionados a termos generalizantes, a conceitos. Somos indivíduos, somos liberdade, somos irreduzíveis a uma operação lógica, pois somos o inesperado.

POSLÚDIO

Em duração, minha intenção, aqui, não é concluir, muito pelo contrário, é continuar. O ideal é que isso seja um começo, de uma luta ou de uma festa, afinal, para o meu sangue de cangaceiro luta e festa são sinônimos. Meu desejo é que este trabalho seja um convite ao debate em Educação e que ele se inaugure. O grande defeito das teorias é que elas não têm dor, elas são tão coerentes que expulsam a tristeza do erro, e com isso a possibilidade de mudança de rota. Pretendi, aqui, ir além de explorar a Pedagogia da Duração em sua práxis, relatando seus efeitos no corpo e na alma do pesquisador, foi também deixar ao nu suas vergonhas, seus equívocos, suas tristezas, suas dores, tentando, assim, aproximar ao máximo da vida mesma, o texto. Sem transformar sofrimento em amargura, tentando aproveitar a dor para produzir beleza, sabendo que o tempo é curto, então a alegria é urgente, porém tendo a consciência de que viver é sofrer, por isso a insistência na necessidade da festa.

A Pedagogia da Duração é um recém-nascido, logo incompleta, sem as partes todas de uma Pedagogia adulta, não seria aqui nesse meu trabalho o lugar de um amadurecimento imediato, esse trabalho como o nome já indica é um prelúdio, um alerta pra esse ente recém-formado que deveria ser fruto para outras investigações e cuidados. Ela é eficaz na formação de professor e principalmente na sua intensão de trazer os educandos para a Filosofia. Essa foi minha intenção nessa dissertação.

Não sei quem inventou que toda teoria deve ser perfeita e todo projeto redondo, que o esforço intelectual seja um sofrimento, pois quanto mais sofrido e trabalhoso, tanto mais chato e mais profundo, isso parece turvar a poça para dar a impressão de profundidade. Em outro sentido, entendo que a pesquisa seja uma festa, que a teoria é triste e equivocada, ela, a teoria deve ter a vida como parâmetro, a vida deve julgá-la, não o inverso. Sábias teorias, de extrema gravidade, julgam a vida ferozmente, tentando concertá-la, todas querem fazer um mundo melhor, eu pretendo fazer uma teoria melhor, por isso tenho que continuar a reformá-la. Na Pedagogia da Duração espero que a vida a concerte, que a vida a julgue, pois ela é apenas uma mancha, uma sombra, uma cópia borrada do que é a vida mesma em Filosofia e Educação.

REFÊRENCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGSON, Henry. **O pensamento e o movente**. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **As duas fontes da moral e da religião**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução: João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1927.

_____. **A evolução criadora**. Tradução: Bento Prado Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. **Curso sobre a filosofia grega**. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **Duração e simultaneidade**: a propósito da teoria de Einstein. Tradução: Bento Prado Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. (Tópicos)

_____. **Memória e vida**. Tradução: Cláudia Derliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.

_____. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A Energia Espiritual**. Tradução: Rosimeiry Costhek Abílio. Martins Fontes, São Paulo, 2009.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Record Editora, Rio de Janeiro, 1989.

DELEUZE, Gilles. **A Concepção da Diferença em Bergson**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/55397286/A-concepcao-da-diferenca-em-Bergson-Gilles-Deleuze>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

_____. **O Bergsonismo**. Tradução: Orlandi Luiz. B.L, São Paulo: ed. 34 Ltda., 1999.

MACEDO, Roberto Sidney. **Um rigor outro**. Salvador: Edufba, 2009.

_____. **Etnopesquisa crítica**. Brasília: Liber Editora, 2006.

_____. **Etnopesquisa implicada**. Brasília: Liber Editora, 2012.

_____. **Compreender/mediar a formação**. Brasília: Liber Editora 2010.

TOLSTÓI, L. **Ana Karenina**. São Paulo: Nova Cultura, 2013, p. 41.

TORREÃO, Rita Célia. **O Rio do Tempo o Homem Devorador de Tempo**. Revista da FACED-UFBA, n 12 - 2008.

_____. **Nas Asas da Borboleta: Filosofia de Bergson e Educação**. Salvador: Edufba, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Anotações Sobre as Cores**. Lisboa, Edições 70, 1987.

ANEXO I

NOCÕES DE LÓGICA

A palavra “lógica” origina-se da grega “LOGOS”, que significa razão. A Lógica, com efeito, é a *ciência das leis do pensamento, e a arte de aplicá-las corretamente para procurar e demonstrar a verdade.*

A Lógica versa, portanto, sobre a razão como instrumento do saber, com a finalidade de determinar as regras do seu emprego, isto é, as condições a que a razão deverá conformar-se para operar ordenada e facilmente, e sem erro, na procura e demonstração da verdade. Este é o sentido mais geral das diferentes definições de Lógica. Quer seja denominada, com Port. Royal, a arte de pensar, ou a arte de julgar, ou ainda ciência do raciocínio (ARISTÓTELES), ou arte da consequência (STUART MILL), sublinha-se seu papel de instrumento no exercício do pensamento e na organização do saber.

A Lógica como ciência – dizer que a Lógica é ciência é dizer que é um sistema de conhecimentos certos, baseados em princípios universais. Reside aí a diferença entre Lógica Filosófica e Lógica Espontânea ou empírica, como diferente é o perfeito do imperfeito. Porque a Lógica natural não é senão a aptidão inata da inteligência para utilizar corretamente as faculdades intelectuais, sem, contudo, ser capaz de justificar, racionalmente, as regras do pensamento correto, recorrendo aos princípios.

1. **A ciência das leis ideais do pensamento** – A Lógica não tem por finalidade definir o que é, e sim, o que deve ser, a saber, como devem ser as operações intelectuais para satisfazer às exigências de um pensamento correto. Estabelece condições não de existência, mas de legitimidade.
2. **A Lógica como arte** – É este aspecto que faz da Lógica uma ciência propriamente normativa e uma arte, característica que não convém às outras ciências, nem mesma à Metafísica. Sem dúvida, todas as ciências positivas podem ter aplicações práticas. Mas, contrariamente ao que pensa GLOBOT, isso não bastaria para fazer delas disciplinas normativas. As ciências positivas têm por fim conhecer as coisas, e não reger a ação humana, ao passo que a Lógica tem por fim determinar as regras do pensamento

verdadeiro. Não é, enquanto aplicada, portanto, que ela é arte, mas por si e por seu objeto formal, isto é, essencialmente.

A Lógica é, portanto, uma arte, enquanto método que permite fazer bem uma obra, segundo certas regras. A Lógica ao mesmo tempo em que define as leis ideais do pensamento, estabelece as regras do pensamento correto; constitui, no conjunto, uma arte de pensar. E, como o raciocínio é a operação intelectual que implica todas as outras operações da inteligência, define-se frequentemente a Lógica como a ciência do raciocínio correto.

3. **O fim da Lógica: procura e demonstração da verdade** – Se a procura e a demonstração da verdade são o fim da inteligência, devem ser também o fim da Lógica, que define precisamente as condições de validade das operações da inteligência.

Alguns autores, às vezes, opõe Lógica e verdade, ou, pelo menos, propõem-se separá-las, fazendo notar que é possível julgar mal e raciocinar bem, isto é, tirar consequências legítimas a partir de princípios falsos. Assim se veem construídos tantos sistemas científicos, políticos, econômicos, pedagógicos, morais, cujos elementos são corretos entre si, mas no todo são absurdos, porque os pontos de partida são falsos. Nesse mesmo sentido que se diz que os loucos são lógicos admiráveis.

Essa observação justifica certa distinção entre o lógico (entendido como coerente) e o verdadeiro (entendido como conforme o objeto). Tal definição, aliás, serve de base para a divisão da Lógica em formal e material. Mas é preciso observar também que, em todo erro, há uma falta de lógica. Não se podem negar os princípios da Metafísica ou da Moral sem ferir os princípios da Lógica, pois esses princípios todos se implicam reciprocamente. Só é raciocínio verdadeiramente lógico e correto, portanto, aquele que está de acordo com a verdade.

Toda ciência tem sua **matéria**: é esse o objeto cujas leis ela investiga. Assim, a matéria da geometria é a extensão figurada; a da astronomia são os astros; a da biologia, os fenômenos da vida; a da psicologia, os fenômenos psíquicos. Toda ciência tem também uma **forma**: é o conjunto dos processos que ela põe em prática a fim de chegar a conhecer as leis do objeto particular do seu estudo.

Esse conjunto de processos varia de uma para outra ciência. O geômetra, para descobrir e demonstrar um teorema, não procede do mesmo modo que o físico para descobrir e estabelecer a lei desse ou daquele fenômeno físico. Esta variedade deriva da variedade das matérias das ciências. O objeto da geometria difere do objeto da física. Em consequência, é

natural que para se acharem as leis de um não se procede do mesmo modo que para se acharem as leis do outro.

Essas diversas formas das diferentes ciências são a obra de um mesmo espírito. O espírito que demonstra que a soma dos três ângulos de um triângulo é equivalente e dois ângulos retos, é o mesmo que estabelece as leis da queda dos corpos e as dos fenômenos vitais. Por mudar de objeto, não muda o espírito, de natureza; malgrado os caracteres particulares que revistam aplicando-se a estas várias matérias, suas operações têm sempre alguma coisa de comum; obedecem às leis independentes do objeto ao que se aplicam, e estas leis resultam não do objeto pensado, mas do próprio pensamento.

Estabelecer estas leis do pensamento considerado em si mesmo abstração feita dos objetos a que se dirigem e em seguida determinar as diferentes aplicações das mesmas, eis o duplo objetivo da Lógica.

Pude, por conseguinte, defini-la como a **ciência das formas do pensamento**. Dessa definição resulta a divisão da Lógica em duas grandes partes:

1. A Lógica estudará primeiramente as formas do pensamento no que estas tenham em geral;
2. Estudará em seguida a forma de cada ciência em particular.

A primeira parte tem o nome de Lógica Pura, **Lógica Formal** ou Teórica.

Chama-se a segunda parte, Lógica Particular ou Aplicada, ou **Lógica Material**. Como o conjunto dos processos de conhecimento que constituem a forma de uma determinada ciência, se denomina um método, torna-se preferível dar a esta segunda parte da Lógica o nome de **Metodologia** ou ciência dos métodos.

De acordo com o que procede, poder-se-ia supor dever a Metodologia preceder à Lógica Formal. Se, com efeito, tem esta por objeto das leis do pensamento que regem as formas das diversas ciências, não deveríamos, para conhecê-las estudar particularmente cada uma dessas formas, e apurar em seguida o que tivessem em comum? Mas toda ciência particular pressupõe o exercício das operações essenciais do pensamento e das leis que o regem. Para conhecer estas leis basta, portanto, considerar em si mesmas as operações intelectuais fora dos quadros das ciências particulares.

Vê-se, por isso, que o campo da Lógica é extenso como o das ciências, sem, entretanto se confundir com este. Todo o conhecimento para ser legítimo deve formar-se de acordo com as leis do pensamento, mas então, mesmo que se supusesse o espírito humano a funcionar sem

objetivo, ou antes, aplicando-se a matérias estranhas as realidades estudadas pelas ciências, não deixaria por essa razão, de ter, a Lógica Formal, um objeto.

A Lógica, segundo a definição que já demos, é ao mesmo tempo uma **ciência** e uma **arte**; é ciência por ter como objeto as leis que regem determinado objeto, o pensamento considerado em si mesmo; é arte por tirar, dessas leis, regras práticas para diferenciar o mau uso do uso legítimo do pensamento e para dirigir o espírito à procura da verdade.

A Lógica é uma ciência de origem bem remota. Gotama, na velha Índia, antes dos gregos, já havia criado o sistema “nyâyâ”, espécie de demonstração da “marcha do espírito”, em que o autor faz análise da prova e das regras da discussão. Vamos encontrar, porém, o desenvolvimento da Lógica como um corpo de conhecimento, na Grécia. Assim, como tal, é criação do espírito grego, e teve como iniciadores Parmênides, Zenão de Eléia e os sofistas.

O verdadeiro criador da Lógica, entretanto, é Aristóteles, que lhe deu corpo, sistematização, baseando-a em princípios tais e tão sólidos que até hoje são tidos como válidos. Interessante assinalar duas particularidades quanto à criação da Lógica por Aristóteles.

Primeiro, Aristóteles partiu de um princípio descoberto por Parmênides, do qual não tirou consequência alguma. É o princípio de identidade, “**o que é, é**”. Aristóteles anteviu-lhe as consequências e possibilidades, partindo dele para elaborar o seu *Organum*.

Segundo, Aristóteles queria, com o *Organum*, criar um instrumento que lhe permitisse raciocinar coerentemente e o alertasse quando se estivesse desviando dessa rota, pois dizia não querer “fantasiar” como os seus antecessores.

A Lógica de Aristóteles, que recebeu o qualificativo de clássica, chegou-nos quase intacta através dos séculos, com pequenas alterações e algumas ampliações, por obra de seus discípulos e de inúmeros tratadistas, porém as suas bases conservam-se as mesmas. Esse fato levou Kant a dizer que a Lógica era uma ciência acabada.

Teofrasto, Eudemo, Adônico e outros discípulos do Estagirista cometeram-lhe a obra e a complementaram em algumas partes secundárias. Um desfile de verdadeiros gênios, como Alberto Magno, Tomás de Aquino, Francis Bacon, Descartes, Locje, Hobbes, Spinoza, Stuart Mill e outros, concordando ou discordando da velha Lógica, não fizeram mais que ampliá-la, esmiuçá-la, abrir-lhe novas perspectivas, mas sempre baseados nos mesmos princípios.

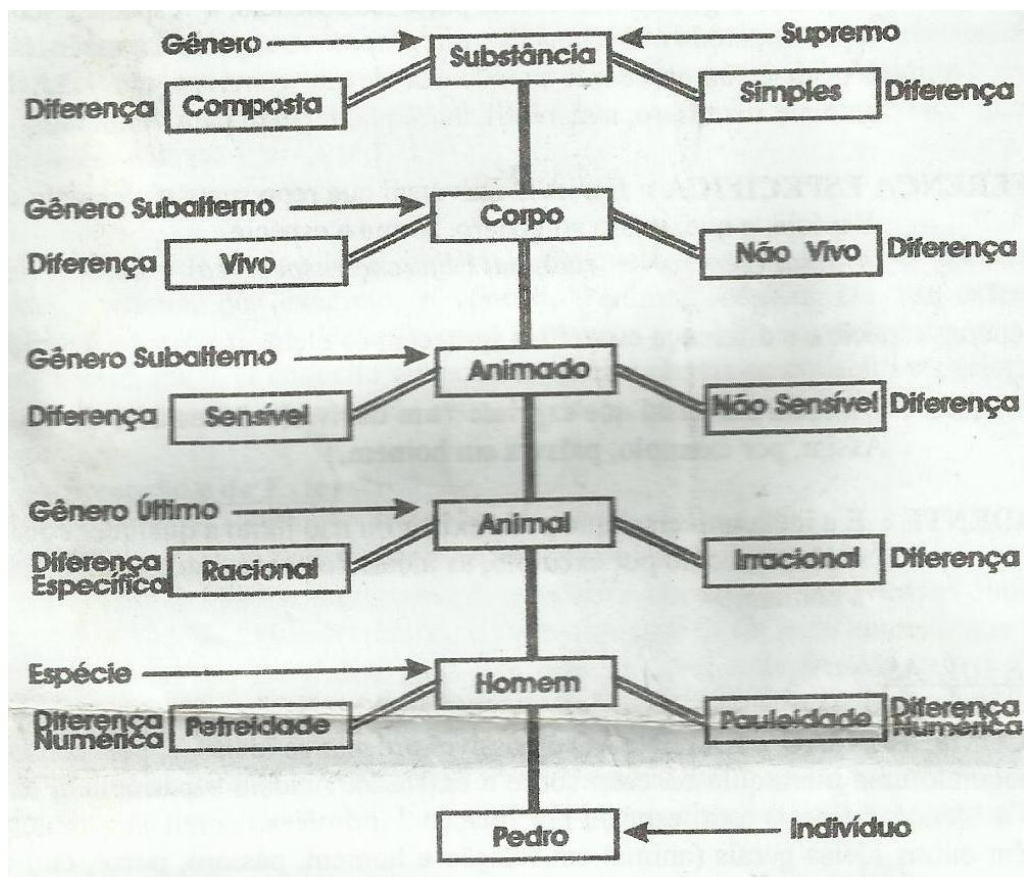
FORMA MATEMÁTICA

“Período que se inicia no século XVII. A época do Renascimento é marcada pelo

interesse em descobrir novos métodos que auxiliem a pesquisa científica e considera que a lógica é estéril e acabada por Aristóteles desde sempre. A matemática assume o posto de orientadora da pesquisa, dando fundamento para os novos métodos. A exceção é representada por Port. Royal, que concebe a lógica como arte de pensar melhor e não como teoria, é uma disciplina prática”.

“A primeira forma matemática da lógica é desenvolvida por Boole (1815-1864), que compara as leis do pensamento (Lógica) às leis da álgebra. O passo seguinte no desenvolvimento da forma matemática é dado por Frege (1848-1925), que pretende mostrar que a aritmética poderia ser construída exclusivamente a partir das leis lógicas. Os estudos de Frege influenciaram os trabalhos de Bertand Russel (1872-1970) e Whitehead (1861-1947), que, em *Principia Mathematica*, sistematizavam a lógica simbólica, servindo-se, para tanto, da simbologia de Peane (1858-1932), que conclui uma evolução anterior e é, ao mesmo tempo, ponto de partida para a constituição do que se chama metalógica” (Aprendendo Lógica, p. 18-19. Vicente Keller e...).

ÁRVORE DE PORFÍRIO



LÓGICA I

LÓGICA FORMAL

A Lógica Formal ou Lógica Menor estabelece as condições de coerência do pensamento consigo mesmo, trata das leis gerais do pensamento no que elas tenham de igual e de comum, o que as tornam universais e aplicáveis em todas as operações do intelecto. Não considera, portanto, as operações intelectuais do ponto de vista de sua natureza – o que compete à Psicologia – mas do ponto de vista de sua validade intrínseca, isto é, da sua forma (ou da ordem dos conceitos, enquanto sujeitos, predicados e termos médios, que é o objetivo formal da Lógica).

Podemos identificar na Lógica Formal três partes distintas, constituído, porém, um todo indissolúvel, que é pensar humano. Essa divisão somente tem valor didático, tendo em vista, na realidade, são três maneiras de analisar um fato que é, por sua natureza, indecomponível. Essas três partes são: ideia, juízo e raciocínio, na condição de pensamento.

Todo raciocínio se compõe de juízos, e todo juízo se compõe de ideias, daí as três operações intelectuais, especificamente diferentes:

1. A simples apreensão, que consiste em conceber uma ideia;
2. O juízo, que consiste em afirmar ou negar uma relação entre duas ideias;
3. O raciocínio, operação pela qual, de dois ou mais juízos dados, tira-se outro juízo que deles decorre necessariamente.

A Lógica estuda essas três operações em si mesmas, como atos da inteligência, e nas suas expressões verbais, sensíveis, concretas, a saber:

1. Para **ideia**, representação verbal: o **termo**;
2. Para o **juízo**, representação verbal: a **proposição**;
3. Para o **raciocínio**, representação verbal: o **argumento**.

Todos os princípios e regras validos das operações da inteligência são também regras e princípios e regras validos das respectivas expressões verbais.

Exemplos Iniciais

1. Ideias (termos): homem, racional, animal, Pedro;
2. Juízo (proposição): O homem é animal racional; Pedro é homem;
3. Raciocínio (argumentação): Todo homem é animal racional.

Pedro é homem.

Logo, Pedro é animal racional.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA LÓGICA FORMAL

A Lógica Formal fundamenta-se em quatro princípios fundamentais, que permitem todo desenvolvimento da Lógica, como elementos que dão validade a todos os atos do pensamento, com conveniência ou não entre si, de certas ideias ou proposições.

1. Princípio da Identidade

O que é, é; ou tudo o que é idêntico ao que já se pensou é necessariamente verdadeiro, se o que se pensou é verdadeiro, ou ainda, todo objeto é idêntico a si mesmo. Esse princípio pode expressar-se, também pela fórmula $A \text{ é } A$, o que quer dizer que uma ideia ou conceito é igual a ele mesmo, pelo menos no momento em que se está realizando o pensamento. O sentido é que o predicado expressa alguma qualidade do sujeito; caso contrário, teríamos uma tautologia, como se disséssemos que o Rio de Janeiro é o Rio de Janeiro. Ao dizermos, pelo contrário, que “Tiradentes é o Mártir da Independência” expressamos que o atributo a Tiradentes lhe cabe totalmente, havendo, então, uma identidade.

2. Princípio da Contradição

Esse princípio pode ser assim enunciado: uma coisa não pode ser e não serão ao mesmo tempo; ou, de duas contraditórias, uma é necessariamente falsa. Se afirmarmos que $A \text{ é } A$ e que $A \text{ não é } A$, uma das duas afirmações será falsa. Aristóteles viu nesse o mais importante princípio, uma vez que os outros a ele se reduzem.

3. Princípio do Terceiro Excluído

Esse princípio assim se expressa: toda coisa deve ser ou não ser. Em outras palavras, com dois juízos contraditórios, tais como $A \text{ é } B$ e $A \text{ não é } B$, não se dá uma terceira possibilidade, não existem um terceiro modo de ser, porque um dos dois, necessariamente, deve ser verdadeiro, mas, tão somente, que dois juízos contraditórios não podem ser simultaneamente falsos.

4. Princípio de Razão Suficiente

Este princípio foi formulado por Leibniz e diz que “todas as coisas devem ter uma razão suficiente pela qual são o que são e não são outra coisa”. Há conhecimentos aos quais, damos crédito devido às razões de que são acompanhados e que são tidos como suficientes para garantirem autenticidade.

Muitos autores consideram somente os três primeiros princípios, não dando ao quarto princípio a necessária formalidade, mas tão somente características empíricas.

IDEIA – SIMPLES APREENSÃO

Ideia é o ato pelo qual a inteligência atinge ou percebe alguma coisa, sem dela fazer qualquer afirmação ou negação. Pode-se dizer que ideia é sinônimo de conceito e de noção. Não é mais do que a forma sob a qual um objeto é percebido pela nossa inteligência. Apreensão, no sentido lógico, é o ato pelo qual a inteligência concebe uma ideia, sem nada afirmar ou negar.

Ideia em grego quer dizer forma, imagem. Mas nem todas as ideias são imagens. Muitas são puramente intelectuais, fruto de abstração, para as quais não há imagem interior alguma. Para melhor entendimento, poderíamos dizer que “ideia ou conceito é a simples representação determinada de um objeto sensível. ‘Homem’, ‘triângulo’, ‘bondade’ são ideias enquanto feita abstração de toda realidade singular. Ao contrário, ‘este homem’ (Pedro), ‘este triângulo isósceles (desenhado no quadro), ‘este ato de bondade’ (ato de Pedro dando uma esmola a um pobre), são imagens”.

TERMO

Termo é a expressão verbal (ou sinal) da ideia, que permite a transmissão de uma ideia de um homem para outro homem. O termo segue as mesmas linhas mestras de ideia, sendo sua representação concreta. Trataremos, pois, simultaneamente de ideia e termo nesse curso.

Do ponto de vista lógico, é necessário distinguir o termo da palavra. O termo pode ter uma só palavra ou pode ter várias palavras, por exemplo: o bom Deus, alguns homens, uma ação brilhante, formam uma só ideia lógica.

COMPREENSÃO E EXTENSÃO

Uma ideia (e, por consequência, um termo) pode ser considerada do ponto de vista da compreensão e do ponto de vista da extensão, sendo esta distinção de fundamental importância no estudo da lógica formal.

Compreensão – é o conteúdo de uma ideia, é a sua significação, sendo, portanto, o conjunto de elementos componentes de uma ideia. As qualidades que uma ideia reúne formam a sua compreensão. Assim, a compreensão da ideia de homem implica os seguintes elementos: ser vivo, sensível, racional etc., que são suas notas compreensivas ou qualitativas.

Extensão – é o conjunto de sujeitos ao qual a ideia convém e ao qual podemos aplicá-la, podendo ser identificada com a quantidade. Assim, por exemplo, o conceito “animal” contém em sua extensão os conceitos de “homem” e “animal racional”. A ideia “homem” convém aos ingleses, aos franceses, aos brancos, aos pretos, a Pedro, a José etc. O conceito de extensão maior chama-se conceito superior; os conceitos que entram na extensão do conceito superior são seus inferiores, ou partes subjetivas.

Relação da Compreensão e da Extensão – toda ideia tem compreensão e extensão determinadas, sendo válida a lei:

“A compreensão de uma ideia está na ordem inversa da sua extensão.”

Significando que, à medida que a compreensão de uma ideia aumenta, a sua extensão diminui, e vice-versa. A ideia de ser, menos rica de todas, é também, a mais universal; a ideia de homem, que implica elementos mais numerosos, aplica-se apenas a uma parte dos seres, e a ideia de francês, que acrescenta à ideia de homem novos elementos, é mais restrita ainda. Finalmente, a ideia de indivíduo, Pedro, Paulo, cuja compreensão é a mais rica, é também a mais limitada quanto à extensão. Uma ideia será mais geral, mais extensa, quanto menos elementos significativos tiver, ao passo que será menos geral à medida que possuir mais notas significativas, isolando-a, aos poucos, de seu grupo, chegando até a individualizá-la.

SER ----- *máximo de extensão, mínimo de compreensão*

PEDRO ----- *mínimo de extensão, máximo de compreensão*

ANIMAL ----- *mais extenso do que compreensível*

HOMEM ----- *mais compreensível do que extenso*

AS IDEIAS QUANTO À COMPREENSÃO PODEM SER

1. **Ideia Simples**, quando consta de um só elemento significativo: ser, ente;
2. **Ideia Composta**, quando consta de mais de um elemento significativo: homem.

AS IDEIAS QUANTO À EXTENSÃO PODEM SER

1. **Ideia Singular**, quando designa, especificamente, um determinado ser: lápis, esta casa;
2. **Ideia Particular**, quando designa parte de uma classe ou gênero de seres: muitos soldados, alguns aviões, várias televisões;
3. **Ideia Universal**, quando designa todos os seres de uma mesma espécie ou gênero, por conter sua compreensão, um elemento ou essência comum, ou ainda, quando exprime uma noção despojada de qualquer elemento sensível, obtida pela abstração.

Na classificação das ideias, as universais merecem atenção especial, podendo ser distribuídas pelo gênero, espécie, diferença específica, próprio e acidente: *animal* (gênero), *homem* (espécie), *racional* (diferença específica), *palavra* (próprio), *pobre* (acidente).

GÊNERO: é a ideia universal que representa o elemento comum possuído por várias espécies.

Animal (gênero), compreende várias espécies: homem, leão, cavalo etc.

Pode-se dizer que o gênero é parte da essência.

ESPÉCIE: enquanto o gênero representa parte da essência, a espécie é ideia universal que representa toda a essência de um grupo. **A espécie é a essência completa.** Toda espécie é compreendida na extensão de um gênero, como leão, homem etc., para animal; mamífero, ave, réptil, batráquio e peixe para vertebrado.

DIFERENÇA ESPECÍFICA: é a ideia universal que representa o elemento distintivo de cada espécie, e que, unido ao gênero, forma a espécie.

Animal (gênero) + *racional* (diferença específica) = *homem* (espécie)

O gênero, espécie e a diferença específica fornecem os elementos para a definição perfeita.

PRÓPRIO: é a ideia universal que exprime “**um derivado necessário da essência**”. Assim, por exemplo, palavra em homem.

ACIDENTE: é a ideia universal que pode existir ou não junto a qualquer coisa, sem afetar-lhe a essência, por exemplo, as ideias de pobre, inteligente ou alto em relação a homem.

HIERARQUIAS DAS IDEIAS

Da relação COMPREENSÃO – EXTENSÃO é possível ordenar as ideias, e, por conseguinte, os seres que elas representam. Segundo uma hierarquia baseada na extensão. A ideia superior em extensão denomina-se gênero em relação à ideia inferior, e esta, espécie em relação à primeira. Como já vimos, gênero é toda ideia universal que contém outras ideias gerais (animal em relação a homem, pássaro, peixe etc.) e espécie toda ideia universal que apenas contém indivíduos.

Esta hierarquia de ideias está representada pela “Árvore de Porfírio”, na qual as ideias estão ordenadas de alto a abaixo segundo a compreensão crescente e segundo a extensão decrescente.

A noção de substância constitui o gênero supremo; as noções de corpo e de ser animado constituem gêneros remotos; a noção de animal designa o gênero próximo da espécie homem. Em outras palavras, do ponto de vista da extensão, a ideia de substância pode servir de atributo a todas as ideias que lhe estão submetidas. Pode-se dizer: o corpo é uma substância; o animal é uma substância. Inversamente, do ponto de vista da compreensão, a ideia de cada indivíduo humano compreende todas as ideias às quais está submetida e pode servir-lhe de sujeito (Pedro é homem, animal, ser animado, corpo, substância).

ANEXO II

Medo, Poesia e Filosofia – A Filosofia como objeto no Pessimismo

Como a Pedagogia da Duração pretende formar filósofos, logo ela escapa da rigidez da formação de historiadores da Filosofia. Coloquei esses anexos como exemplo de meu esforço de pensamento próprio e apropriado, eles são artigos e ensaios, e hacaís de um pensar que ainda é verde. Esta seção é uma homenagem ao professor e amigo Dr. Dante Galeffi.

"Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz" (Platão).

Confissões

Sempre escolhi o verso pra esconder meu medo da gramática
 No verso minha dificuldade com a língua era disfarçada
 Mas depois descobri que o verso exigia criatividade
 Técnica, ritmo, inspiração e erudição.

Corri para a Filosofia,
 Mas a Filosofia me exigia tudo que não podia dar,
 A Filosofia exigia intuição e rigor.

Então procuro fazer uma Filosofia em verso
 Pra vê se escondo minha fragilidade.

O Nietzsche dizia que o filósofo morava numa montanha
 Vizinho de outra que morava o poeta.

Eu moro no vale
 Comum entre os homens do vale.

Entre as montanhas
 Espero às vezes encontrar na feira o Manoel Bandeira
 Ou o Schopenhauer ou o Platão ensinando aos seus discípulos.

Quando o poeta me pergunta sobre meus versos
 Digo-lhe que não é poesia, é Filosofia.
 Quando o filósofo me pergunta pela Filosofia
 Digo que é poesia
 E assim remendo meus dias
 Tecendo sentimentos estranhos

Alinhavo um inútil remorso
 A uma imensa covardia.

Costuro minha vaidade
À minha hipocrisia.

No final componho meu ódio
Ódio dos poetas
Ódio dos filósofos
Ódio de primeira
Forrado e enfeitado

Para vestir minha inveja.

Assim meu inventário é de problemas mal colocados
E poemas mal construídos.

Este artigo não tem a pretensão de construir uma sociedade melhor, nem mesmo um ser humano melhor; então peço que o aceite como um momento lúdico, uma pausa para sorrir e pensar sobre algumas bobagens.

Talvez ele seja apenas um vestuário que se encaixa numa das modalidades do pessimismo, na minha forma por excelência o equivocionismo, ele visa um pensar sobre o medo, procura verificar seu nascimento na alma do homem e nos hábitos sociais, sua ação de preservação e destruição da vida, o controle e artificialidade criados pelo medo e o fim da espontaneidade e, também, surpreendentemente, sua tendência estética e prazerosa. Explora também a atividade do filósofo, e as relações do pensamento e da linguagem, pois o confronto pessoal com o medo resultou de um fazer filosófico e sua expressão acontece na linguagem.

Fundamentalmente penso que os sentimentos e as sensações criam conhecimento e o difunde com velocidade e precisão. Por isso, talvez a poesia seja a forma mais precisa de linguagem.

Como um ex-covarde, sinto-me capacitado para o estudo do medo, que terá fundamentos filosóficos em Nietzsche e Bergson, num diálogo entre o precipício e o abismo, entre a vida e a morte, entre a crise e a criação.

O ambiente da pesquisa é o pessimismo, tornei-me pessimista observando meu próprio corpo, pois desconfio que o pessimismo em mim é uma disfunção orgânica, um problema digestivo que leva-me a pensar que mudança é para pior e mais ainda, parece-me que todo otimismo é um desvio de caráter.

Assim, esse trabalho lida com medo, poesia e filosofia, é um trabalho em linguagem, ele trata com e de palavras. Existem palavras divinas, em Gêneses, Deus fala Luz, muito antes da criação dos homens, então não é de Luz que esse artigo fala, mas de Filosofia, que é uma palavra humana que nasce no assombro.

Mas ao falar, o silencio responde: Toda palavra é humana. Toda palavra é preconceito!

Mundo

A oração do trágico

O que acontecerá comigo quanto comprar o mais novo celular?
O que acontecerá quando possuir todos os canais de TV pública e privada?

O que será que farei quando visitar todos os pontos turísticos do mundo?
Quando me cansar de psicanálise?
Quando esgotar todas as religiões?

E não restar mais fantasias sexuais?
Quando meu carro for sob encomenda?
Quando tiver barco, helicóptero, e sorriso branqueado?

Que farei quando a ressaca for cotidiana?
Que fazer quando ninguém me amar e não amar mais ninguém?
Que fazer quando nem mesmo ódio restar?

Que farei depois do velório e funeral de Deus?

Não saberei mais o que é superior, nem inferior.
Não saberei o que é bem nem mal.
Não existirá alto, nem baixo, nem fundo,

Tudo será abismo...

E as cinzas de Deus cobrirão minha cabeça,

E o tédio perderá seu bocejo,

As forças se anulam na horizontalidade morna e democrática.

E o último homem invejará as lesmas.

“Viestes do pó, e ao pó retornarás!”

O medo construiu nosso comportamento cotidiano, parece que ele nasce na família e se alastra mundo afora. Os filhos temem os pais e depois são os pais que temem os filhos. O marido teme a mulher e ela ao marido, mas, segundo Nietzsche, elas são insuperáveis em matéria de crueldade.

Na escola, tememos os professores e eles morrem de medo dos seus alunos, assim vivemos uma moral utilitária e calculista, saber dizer o conveniente, fazer o agrado certo, tudo

é ameaça, por isso nunca encarar nada de frente. Dar a volta, desfazer, nunca ser autêntico nem espontâneo, para não correr riscos. O medo traça nossa trajetória na vida e é ele que constrói uma ditadura normativa, criminalizando tudo que abaixar nossa autoestima. Não é mais o rei que manda sacrificar em praça pública, agora é o colega que denuncia e trai.

Nietzsche chamaria isso de ressentimento, por isso nossa opinião não é mais livre, para tudo há uma lei, não resta um espaço para decisão da consciência. Os conflitos entre gerações, entre sexos e religiões estão normatizados, na defesa do fraco justificam, mas é apenas a regência do medo, pois fraco e forte são alternâncias, numa existência em que tudo está caindo. Vivemos somando avanços técnicos que respondem aos pavores míticos atávicos: morte, sofrimento, solidão, insegurança, fome, sexo. Fazemos o que podemos diante da opacidade do mundo e do tempo.

Mas o silêncio responde: Nem sempre o que se pode é feito, às vezes falta vontade.

Quanto mais bem formuladas estejam as ideias, quanto mais explícitas elas forem, menor será a sua eficácia: uma ideia clara é uma ideia sem futuro!

Emil Cioran

O Herói

Apesar da civilização do medo, ainda existem heróis. Essa figura que todos respeitamos, hoje não é mais detentor de glória e honrarias, o herói da sociedade do medo enfrenta suas batalhas muitas vezes em silêncio, sozinho, é dentro da família e do trabalho, enfrentando não a estrutura vertical de poder, de chefes e comandantes, mas dos seus iguais, é na horizontalidade que o poder acontece, é aí que, por inveja e disputas, a rede de intrigas e calúnias o destrói. Muitas vezes, temos notícias de um herói que enfrenta calado e firme essa guerra ácida do medo, ninguém aparece, a luta se dá sem poder enxergar a face do inimigo, ele é covarde e sem face, são todos cúmplices, iguais e, geralmente, o que dá tapinhas nas costas está lhe apunhalando.

Mas quando esse herói passa por nós, ostentando sua dignidade, sabemos quem ele é, sabemos e o respeitamos. Esse herói não vence a fome, nem escapa à brutalidade, apenas tenta espichar o amor, roubando migalhas de alegria na tragédia da escuridão do cotidiano. Saberemos que pó toda a alegria virará, mas a corrosão do tempo e a crueldade dos instantes são, também, oportunidade para tocar na corda da poesia alguma música, algum assombro.

O silêncio.

– Ao herói às vezes não resta nem dignidade.

Filosofia e linguagem

Para Henri Bergson, a linguagem nunca alcança o pensamento, dizemos uma imagem retorcida e pálida daquilo que pensamos e sentimos. Mas, parece-me que essa linguagem da qual Bergson está falando é representação, mas há uma linguagem que é apresentação, aquela que em vez de representar o que já existe, acrescenta algo novo ao mundo. Talvez, por isso, os filósofos conhecidos como pré-socráticos escrevessem em versos, falassem de maneira poética. Talvez em versos para se buscar uma aproximação com a poesia, ou com um fazer artístico, a Filosofia não interpreta o mundo, ela cria mundos.

Por isso, este artigo é o resultado de uma imensa preguiça e lentidão, é sorte de peregrinação do pensar em torno de si próprio, experimentando provocatoriamente os limites reflexivos e estéticos, estilizando as diversas formas de representação e as diversas formas de configuração do saber e não saber para as margens de um discurso filosófico racional instituído, atribuindo valor (não de verdade, mas de equívoco) à imaginação estética, à intervenção artística, às perífrases, ao fragmentário, ao sub e ao sobre-texto, ao espanto resultante do paradoxo, à forma disseminada e sibilina que emerge e imerge entre os conceitos e os argumentos.

Na oficina do filósofo
Ele cria artefatos,
Objetos tão complexos
Que nem têm utilidade.

O objeto preferido pelo filósofo é o problema,
Ele passa anos tentando criar um problema
Até que no seu projeto de perguntas ele consegue
Colocar a primeira questão.

Ela a questão nunca é facilmente traduzível
Ela é concreta para o filósofo
Ela compõe a forma do objeto problema.

Essa é a ideia, e a descoberta, a verdade não como adequação do intelecto ao objeto, *adequetion* de São Tomás, mas verdade, desvelamento, ou equívoco e assombro. O texto filosófico não é uma proposição, não pode ser interpretado, no sentido que se separe significado de significante, o filosofema é um objeto construído com palavras, sendo um objeto só pode ser apreendido inteiro, ele é estético, sua função principal é um fim sem

finalidade, ele é um objeto problema.

As consequências para o ensino da Filosofia, que advém de pensar assim, são tremendas. Não se poderia tirar uma cópia de um capítulo da “República de Platão” para ser estudado, pois a República só pode ser contemplada inteira, e de nada servem os intérpretes, pois são como críticos literários, falam, falam, mas um poema, por exemplo, não quer dizer nada do que eles pensam interpretar, o poema é inteiro, concreto, sólido, intraduzível. Assim também seria o texto filosófico, talvez por isso Platão insistisse que o essencial não podia ser escrito, estava na conversa, na descoberta, no desvelamento junto, na coragem de contemplar o problema colocado pelo filósofo, talvez seja bem simples sua ideia, como defendia Bergson, uma intuição simples, que precisa de muitas palavras para tentar mostrá-la em discurso. Minha opinião é que uma obra filosófica só pode ser apreendida inteira e que não é um texto composto por proposições, logo não cabe nele tabela, verdade, ele é um objeto concreto.

O Silêncio.

– Diante da beleza, espanto!

Gramática

O medo da gramática, a fuga para os versos, a dificuldade de expressar o pensamento e o sentimento, a crítica ao ressentimento, o fazer Filosofia em versos nos pré-socráticos e a ideia da existência de um objeto problema representam o cenário em que acontece minha investida e interesse, todo esse cenário, vale destacar, encontra-se no teatro do pessimismo.

Pessoas que compreendem algo em toda a sua profundidade raramente lhe permanecem fiéis para sempre. Elas justamente levaram luz à profundidade: então há muita coisa ruim para ver (FRAGMENTO, 1986, p. 488).

Esta pérola do pensamento nietzschiano traduz bem o sentido do meu estudo, ressalto que isso não se dá apenas com conteúdos e textos, mas também com pessoas. Segue mais de Nietzsche:

Conservar a sua serenidade frente a algo sombrio, que requer responsabilidade além de toda medida, não é algo que exige pouca habilidade: e, no entanto, o que seria mais necessário do que a serenidade? Nada chega efetivamente a vingar, sem que a altivez aí tome parte. Somente um excedente de força é demonstração de força. – Uma transvaloração de todos os valores, este ponto de interrogação tão negro, tão monstruoso, que chega até mesmo a lançar sombras sobre quem o

instaura – um tal destino de tarefa nos obriga a todo instante a correr para o sol, a sacudir de nós mesmos uma seriedade que se tomou pesada, por demais pesada. Qualquer meio para tanto é correto, qualquer "caso", um golpe de sorte. Sobretudo a guerra. A guerra sempre foi a grande prudência de todos os espíritos que se tornaram por demais ensimesmados, por demais profundos; a força curadora está no próprio fermento. Uma sentença, cuja origem mantenho oculta frente à curiosidade douta, tem sido há muito meu lema:

increscunt animi, virescit volnere virtus (crescem os espíritos, o valor viceja com as feridas). Uma outra convalescença, que sob certas circunstâncias é para mim ainda mais desejável, consiste em auscultar os ídolos... Há mais ídolos do que realidades no mundo: este é o meu "mau olhado" em relação a esse mundo, bem como meu "mau ouvido"... Há que se colocar aqui ao menos uma vez questões com o martelo, e, talvez, escutar como resposta aquele célebre som oco, que fala de vísceras intumescidas – que encanto para aquele que possui orelhas por detrás das orelhas! – para mim, velho psicólogo e caçador de ratos que precisa fazer falar em voz alta exatamente o que gostaria de permanecer em silêncio...

(Prefácio, Crepúsculo dos Ídolos)

Esclarecimento: para mim, Nietzsche é um construtor de peças pequenas e delicadas, mas de um poder arrasador, foi o primeiro a construir objetos de potencial atômico, pequenas bombas atômicas, assim as citações de Nietzsche, que faço aqui, são obras inteiras, ele sintetizou seu trabalho em nano-robôs destruidores.

Da natureza do objeto Filosofia

Busquei na física aristotélica a ideia de impulso; para Aristóteles só há movimento se houver um impulso, acho que foi daí que Bergson tirou a ideia de impulso vital, mas para Aristóteles existe uma relação direta e a depender do tamanho do impulso, teremos maior ou menor velocidade, assim quanto maior o impulso, maior a velocidade.

Mas, a natureza guarda seus mistérios, nos fluidos isso não acontece, a natureza misteriosa dos fluidos, tal como a das mulheres, teima em desobedecer. Nos fluidos, a resistência ao movimento aumenta na proporção do impulso, quanto maior o impulso, maior a resistência. Podemos perceber isso quando soltamos uma pedra suavemente sobre um lago, a pedra penetra rapidamente o interior da água, mas quando atiramos a pedra com força, a água se espalha e a pedra tende a parar, para só depois, lentamente, descer.

O objeto Filosofia é assim, ele resiste aos apressadinhos, tanto na produção, quanto na leitura, ou como é um objeto fluido, na sua penetração, ele exige lentidão, calma e, então, podemos sorver, regar, banhar, contemplar, derramar, aquecer ou congelar o texto filosófico. Esse líquido é terapêutico, cura principalmente o medo.

Ecos do silêncio...

– Ou adocece.

O problema é que alguns efeitos colaterais acontecem, e em vez de corajosos, os bebedores de Filosofia geralmente tornam-se temerários, causando muito estrago pessoal.

Assim, pretendo tecer verso, medo e Filosofia na construção de uma rede, na qual o conhecimento filosófico seja infundido já que fluido, plasma, espírito.

Da natureza do medo

Não só de pão vive o homem

(Jesus Cristo)

O medo é uma emoção intrínseca ao humano. Trata-se de uma emoção que acompanhou o curso evolutivo do homem, provavelmente desde os primórdios da vida. O feto humano já reage com contrações quando estimulado no útero. Isso quer dizer que já no desenvolvimento intrauterino o ser humano apresenta sinais de conduta individualizada, que é o comportamento inibitório. Conhecemos esse comportamento pelo nome de medo.

O medo é, portanto, a mais visceral e talvez a mais antiga emoção do homem. O medo foi necessário para que a espécie humana se preservasse e, sem ele, provavelmente, seríamos uma espécie extinta há muito.

O medo também é líquido, ele envenena e constrói uma sociedade líquida, onde as pessoas se moldam por conveniência, como líquido no vasilhame. Mas, por ser líquido, o medo asfixia, afoga, os medrosos não respiram direito. Daí talvez essa proliferação de depressão e pânico. Medo de mudar e não ser aceito pelas pessoas que lhe são queridas; medo de ser rejeitado; medo das coisas não darem certo; medo de perder seus bens; medo de perder sua condição de sobrevivência; medo de perder o *status*, ou a situação social que conquistou; medo de descobrir que está errado; medo de tentar; medo de conseguir... são muitos e diferentes medos que surgem. O homem é a espécie mais fraca sobre a Terra. Segundo Nietzsche, não temos veneno, nem cascos, nem chifres, nem garras. Talvez não seja nem a mais esperta, se levarmos em conta as decisões autodestrutivas que tomamos de vez em quando. Mas de uma coisa podemos nos orgulhar: somos os mais medrosos.

Ecos do silêncio.

– Você é seu maior perigo...

A pobreza

Vivemos de forma miserável, a fala degenerou em falatório, vivemos de retórica, a retórica é quando o discurso é maior que o sentimento e que o pensamento, então é a pobreza. Falamos muito em afetividade, mas ela deveria ser uma experiência, uma vivência, mas sabemos tudo de afetividade, temos sobre ela uma retórica e uma pobreza. Quando precisamos dizer muito que amamos alguém é porque o amor é insuficiente. O amor se dá no silêncio.

Ecos do silêncio.

– Muito pouco de amor sobrou...

De novo Filosofia

A Filosofia é transcendência para mim, e a Filosofia é muito mais que o texto ou objeto filosófico, mas podemos encontrá-la lá. Ela é o espanto, a ideia que nos é ofertada por graça, um instante epifânico, é uma súbita sensação de realização ou compreensão da essência de algo. O termo é cunhado nos sentidos filosófico e literal para indicar que alguém “encontrou finalmente a última peça do quebra-cabeças e agora consegue ver a imagem completa”, quando um pensamento inspirado e iluminante acontece, que parece ser divino em natureza.

Esta transcendência se dá no cotidiano porque o homem pode se comover com as coisas mínimas. A Filosofia é feita de matéria imponderável. A filosofia nasce do espanto porque ela transcende o medo, e no vigor do pensamento filosófico vemos que dor não é amargura e medo não é covardia. Não só a Filosofia, mas toda palavra deveria ser poética, pois a poesia é a essência da linguagem, pois a linguagem poética é enxuta, sem retórica. A poesia é simples e rica.

Talvez tenha sido do medo e do pavor que um certo macaco tinha da fome e da brutalidade que nele se desenvolveu a consciência.

Assim, o medo e tudo que se relaciona com ele são excelentes formadores, daí a educação utilizar instrumentos traumáticos para desenvolver a memória, o trauma não se esquece.

O Equivocionismo

Uma Conclusão

Alpinista louco e hóspede indesejado
(Ginaldo)

Nietzsche diz que na linguagem existem duas montanhas, em uma delas mora o poeta e na outra o filósofo. Para visitá-los temos que escalar e a subida é dura e perigosa, é preciso coragem e resistência física, um bom pulmão e pernas fortes...

Quando escrevo, pareço um alpinista louco, pois nunca sei onde estou, quando tento a poesia estou na filosofia, quando tento a filosofia desemboco na poesia. Estou na montanha errada, e assim mais que um alpinista louco, sou sempre um hóspede indesejado.

É desse desconforto que retiro meu poema. Meu pensar. Talvez porque pensar seja um jeito de sentir e sentir um jeito de pensar em quem não sabe bem aonde ir. A sensação de incompletude e fracasso mais que sobrevoa o meu texto, exala de mim. Parece que não alcanço. A maior parte dos textos e dos pensamentos é queda, escorregos, arranhões. Quando não caio e consigo arrastar-me até uma pedra que permite alguma visão do panorama, percebo que estou na montanha errada e o cheiro de erro brota do meu suor, então noto a imensa inutilidade do esforço.

Em minha atividade de escrever só há um momento de glória: é quando estou escrevendo, subindo a montanha, na agonia do esforço, no movimento, dentro do fluir do texto, sinto-me em plenitude. Ali parece tudo certo, tudo belo, tudo santo. Mas, no fim, decepção. Talvez por isso sigo escrevendo, pra mim meu fim é meu meio. Meu ápice é o desenvolvimento. Minha meta é meu caminhar. Meu chegar está sempre errado, minha arte é equívoco.

Pois é, sou o representante do equivocionismo, que é a filosofia dos tolos e a poesia dos tontos.

A sombra da dúvida inicial continua, o que será isso, uma peça de roupa, um projeto de pesquisa, uma poesia, uma simples expressão do medo ou um salto irresponsável no abismo da temeridade?

Metodologia

Somente após a conclusão posso falar da caminhada, como um olhar para trás e colocar as placas de aviso: cuidado, por aqui se cai num pântano, eu caí; por ali num abismo. O método empregado foi a intuição e mesmo assim minha trilha forma um rosário de erros. Assim ele serve para não ser seguido, não venham por aqui.

Assim, minha lógica se sustenta na seguinte aporia: certeza de que estou errado. Essa máxima é terrível, porque se estou errado, estou certo. Se estou certo, estou errado.

Na relação com a alteridade, essa lógica se expressa assim: se concorda comigo e entende que estou certo, é porque estou errado. Mas se discorda e percebe que estou errado, concorda comigo. Por isso, meu método expressa um acolhimento do pensamento do outro, que terá um lugar de destaque, pois a lógica escolhida, mesmo sendo monológica e formal, é acolhedora, tem forma de colo, de abraço. Quando o outro é indispensável, sem o outro existe braço, mas nunca abraço.

Outro desdobramento metodológico exigido foi a separação de pensamento e conhecimento. Para mim, nesse trabalho o pensamento não é conhecimento, é muito mais desconhecimento, mas é dele que todo conhecimento brota, todo conhecimento brota do desconhecido, esse impulso originário e constituidor que é o pensamento não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido. Como pensar não é um conhecimento não pode ser ensinado, como minha mãe me ensinou a lavar roupas.

Pensar se aprende por contágio, é uma infecção, ao se aproximar de uma experiência de pensamento podemos nos contaminar e começar a pensar, talvez isso justifique se estudar os filósofos. Como uma busca de contaminação.

O resultado disso foi a separação das filosofias da Filosofia. As filosofias são esforço de pensamento que resultaram em conhecimento histórico, e Filosofia é aquele esforço que é igual nas filosofias, e que faz com que possamos identificá-las como filosofias, mesmo sendo contrárias e de outros tempos. O esforço de pensamento é o que chamo Filosofia.

Síntese

A síntese desse trabalho é a uma palavra: *co-mover*. Depois de lidar com Filosofia, Poesia, Difusão do Conhecimento, Medo e Educação, percebo que minha síntese é de que esses conteúdos estão cheios de palavras como compreensão, difusão, inclusão, implicação, transdisciplinaridade, multireferencialidade, diversidade e participação. Mas a palavra *co-mover* lembra-me a própria constituição da consciência para a fenomenologia, consciência

como uma intencionalidade, um mover-se em direção à coisa, então co-mover seria um mover junto, um processo de partilhar o sentimento, o pensamento, a consciência do outro, vê como ou parecido, ou distorcido, ou contra, mas junto, co-mover parece-me a palavra da educação e difusão que resulta desse pensamento.

Os filósofos chamados pré-socráticos, talvez pela proximidade dos poetas ou pela originalidade do pensamento, falavam poeticamente, desse modo, a poesia seria a linguagem mais precisa, pois fala direto ao coração, ela comove.

As razões do coração são as de maior consciência, ou talvez possa dizer são a maior consciência. É quando o conhecimento se aproxima do pensamento, quando o constituinte e constituído se beijam e se ariscam.

Ecos do silêncio.

– Para comover é preciso que ainda haja corações.

Assim não tenho certeza de que seja um artigo ou apenas um vestuário que costurei para minha inveja ou vaidade, todas as duas adoram disfarces e não ficam bem se apresentarem nuas, talvez nunca saberei. Apenas me lanço como um temerário nos possíveis corações dos leitores.

EPISTEMOLOGIA E EQUIVOCIONISMO

O Equivocionismo: Alpinista louco e hóspede indesejado

Epistemologia

Talvez o Equivocionismo possua um valor epistemológico, ele abarca e acolhe todas as pesquisas científicas e filosóficas que refutaram suas hipóteses, e são muitas. Mais do que contê-las, o Equivocionismo explica, compreende e retém o sentido da existência de pesquisas que refutam suas hipóteses.

As pesquisas que refutam suas hipóteses são de dois tipos: as que podem chegar a outras conclusões e as que apenas indicam que o caminho não é aquele, essas são as de maior valor equívoco, ou equivalor, pois sua única importância é um grande engano. As ciências são uma reunião de equívocos, e as teses que ainda não foram refutadas, um dia serão, como pensou Popper. Dessa forma, a explicação equívoca desse fenômeno (pesquisas que refutam suas hipóteses), é que essas são as pesquisas científicas por excelência, elas reúnem o ser da ciência, elas são o sentido ôntico da ciência. Ciência é uma atividade que produz verdades

precárias e provisórias, por isso sua essência é o equívoco. Todos que se enganam em ciência antecipam o destino científico, e por isso representam sua verdadeira face, seu miolo em trânsito que transita pelo efêmero.

Por essa razão, introduzimos esses novos valores nessa lógica dos novos tempos, validade, falseabilidade e equivocidade. Para Kant, existiam três tipos de juízos ou frases, **as analíticas**, que são tautológicas, do tipo todo triângulo tem três ângulos; **as sintéticas a priori**, que, segundo Kant, continham valor científico, o exemplo que ele propõe é “a reta é a menor distância entre dois pontos”, segundo Kant a ideia de reta não contém a ideia de menor distância, o que a predica, sendo assim ela é sintética, mas como essa verdade não precisa de experiência é também a priori; por fim, **as sintéticas a posteriori**, que são frases empíricas, que são verdades que surgem após observação.

Os positivistas lógicos negam essas afirmações kantianas, para eles apenas existem dois tipos de frases, as analíticas e as sintéticas, que para eles são todas a posteriori (os positivistas aos quais me refiro são os do Ciclo de Viena, Philipp Frank (1884-1966), Otto Neurath (1882-1945) e Hans Hahn, e, incorporados na década de vinte, Moritz Schilick e Rudolf Carnap). Então, para esses empiristas lógicos ou você não está dizendo nada, frases analíticas, ou está fazendo ciências, observando e verificando. Para o Equivocionismo, essas afirmações são maravilhosas, pois para o mesmo toda frase sintética é equívoca. Chegamos então numa síntese pessimista, **quando não estamos dizendo nada, com frases analíticas, estamos equivocados com frases sintéticas.**

O ganho de se ser equivocado é tremendo, pois antes ser um equívoco do que nada ser. Essas são, de início, uma pequena contribuição do Equivocionismo para a Epistemologia.

Valor equivívico

Valor equivívico é o valor que uma teoria ou pesquisa possui de informar e indicar caminhos que não devam ser seguidos, caminhos comprovadamente errados, direções desastrosas. Esse valor é sólido e se sustenta na validade e certeza do erro, porém sem nenhuma pretensão de saber o certo ou verdadeiro, seu valor é restrito à sinalização de enganos, abismos e pântanos.

Tipologia do erro

O erro de qualquer sistema de pesquisa ou de teoria científica está principalmente na

fase de modelagem, quando se tenta converter um fenômeno qualquer em linguagem qualquer, o erro é inevitável.

Poesia

**A POESIA É O AUTÊNTICO REAL
ABSOLUTO. ISTO É O CERNE DA
MINHA FILOSOFIA.
QUANTO MAIS POÉTICO, MAIS VERDADEIRO.**

Novalis

Uma das teses mais esquisitas do Equivocionismo é a de que a poesia seria uma linguagem precisa. Passando pela definição de retórica como discurso, há mais palavras que sentimento ou pensamento, discurso oco, cheio de ecos e repetições.

Quanto mais sabemos, menos certezas temos... Heisenberg.

Equivocionismo e teologia

Filosofia da Religião

A vida tem dogmas mais imutáveis que a teologia, pois cada existência está ancorada em infalibilidades que fazem empalidecer as elucubrações da demência ou da fé. O cético, mesmo apaixonado por suas dúvidas, mostra-se fanático pelo ceticismo. O homem é o ser dogmático por excelência; e seus dogmas são tanto mais profundos quando não os formula, quando os ignora e os segue – Breviário de Decomposição.

Emil Cioran

Deus não entra em tribunais, nem em hospitais, nem na academia, Deus não deu livre arbítrio ao homem, Deus é livre arbítrio. Assim, não existem regras para a vontade. Deus não é a Torá, ele é a nuvem que se desmancha ao sabor da brisa, improvável, como a onda se estende na areia incontrolável. Quando criamos leis saímos da presença de Deus.

Equivocionismo e Consciência

Herdamos a ideia de consciência como antro-po-rés da modernidade, até mesmo Husserl entende a consciência como intencionalidade, e aí revela seu antropocentrismo. Para mim, consciência nem é coisa, nem se movimenta em intenção alguma, consciência é buraco por onde passa o fluxo do ser, buraco no ser que passa, isso provoca a ilusão de que é o buraco que se move, como uma janela do carro, mas o carro, a estrada, o universo se movem, mas o buraco deixa passar...

Às vezes, retemos algo nas bordas do buraco, hábito e conhecimento, eles diminuem o buraco, impedem a passagem. É preciso colocar coisas ácidas, atritosas ou corrosivas para alargar o buraco. Eu não visio à cadeira no centro da sala, ela me atravessa em duração, e eu ou deixo passar, ou retenho nas bordas, na memória, e então a cadeira fica obstruindo a passagem de outros objetos que escorrem no fluxo temporal.

Equívocionismo e Economia

A mercadoria do fetiche

Segundo o Minidicionário da Língua Portuguesa Aurélio, o termo fetiche significa “objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto” (HOLANDA, 1993), foi esse significado, conferido ao fenômeno da atribuição de valor simbólico aos produtos (manufaturas), que Karl Marx (1818 – 1883) observou em meio aos seus estudos sobre o mundo do trabalho na modernidade.

Fetichismo da mercadoria é o modo pelo qual Karl Marx caracterizou o fenômeno social e psicológico no qual as mercadorias aparentam ter uma vontade independente de seus produtores.

Em “O Capital” (volume 1), Marx explica o fetichismo da mercadoria:

Consideremos duas mercadorias, por exemplo, ferro e trigo. As proporções, quaisquer que sejam, em que elas são trocáveis, podem sempre ser representadas por uma equação em que uma dada quantidade de trigo é igualada a certa quantidade de ferro... O que nos diz tal equação? Nos diz que, em duas coisas diferentes – em um quarter de trigo e x quintais de ferro –, existe em quantidades iguais algo comum a ambos. As duas coisas devem, portanto ser iguais a uma terceira, que em si mesma não é uma nem outra. Cada uma delas, no que se refere ao valor de troca, deve ser redutível a esta terceira coisa... Este “algo” em comum não pode ser uma propriedade natural das mercadorias. Tais propriedades são consideradas apenas à medida que afetam a utilidade de tais mercadorias, em que as tornam valores

de uso. Mas a troca de mercadorias é evidentemente um ato caracterizado por uma abstração total do valor de uso. [...]

Uma mercadoria, portanto, é algo misterioso simplesmente porque nela o caráter social do trabalho dos homens aparece a eles como uma característica objetiva estampada no produto deste trabalho; porque a relação dos produtores com a soma total de seu próprio trabalho é apresentada a eles como uma relação social que existe não entre eles, mas entre os produtos de seu trabalho [...]. A existência das coisas enquanto mercadorias, e a relação de valor entre os produtos de trabalho que os marca como mercadorias, não têm absolutamente conexão alguma com suas propriedades físicas e com as relações materiais que daí se originam... É uma relação social definida entre os homens que assume, a seus olhos, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. A fim de encontrar uma analogia, devemos recorrer às regiões enevoadas do mundo religioso. Neste mundo, as produções do cérebro humano aparecem como seres independentes dotados de vida, e entrando em relações tanto entre si quanto com a espécie humana. O mesmo acontece no mundo das mercadorias com os produtos das mãos dos homens. A isto dou o nome de fetichismo que adere aos produtos do trabalho, tão logo eles são produzidos como mercadorias, e que é, portanto inseparável da produção de mercadorias.

Segundo Marx, o fetichismo é uma relação social entre pessoas mediatizada por coisas. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. As pessoas agem como coisas e as coisas como pessoas.

No caso da produção de mercadorias, ocorre que a troca de mercadorias é a única maneira na qual os diferentes produtores isolados de mercadorias se relacionam entre si. Dessa maneira, o valor das mercadorias é determinado de maneira independente dos produtores individuais, e cada produtor deve produzir sua mercadoria em termos de satisfação de necessidades alheias. Disso resulta que a mercadoria mesma (ou o mercado) parece determinar a vontade do produtor e não o contrário.

Marx afirma que o fetichismo da mercadoria é algo intrínseco à produção de mercadorias, já que na sociedade capitalista o processo de produção se autonomiza com relação à vontade do ser humano. Tal autonomia desaparecerá apenas quando o ser humano controlar de maneira consciente o processo de produção, numa livre associação de indivíduos, o que só é possível de ser feito abolindo a propriedade privada dos meios de produção e transformando-os em propriedade coletiva; acabando, também, com o caráter mercantil dos bens e preservando somente seu valor de uso. Isso significa uma revolução nas relações de produção e de distribuição dos meios de vida.

Marx também argumenta que a economia política clássica não pode sair do fetichismo da mercadoria, pois considera a produção de mercadorias como um dado natural e não como um modo de produção histórico e, portanto, transitório.

Desse fetichismo que se dá na produção e na troca de mercadorias resulta a sobre-estimação teórica do processo de troca sobre o processo de produção. Daí o culto ao mercado de parte de alguns economistas, que consideram a oferta e a procura como as determinações fundamentais do preço das mercadorias.

Hoje, na nossa modernidade líquida, parece que as profecias de Marx ficaram de cabeça para baixo, numa crueldade do destino o tempo fez com Marx o que ele disse ter feito com Hegel. Vivemos a tirania da imagem, o fetiche da mercadoria que era uma imagem que a mercadoria carregava e aumentava seu valor desgrudou dela, ou melhor, a possuiu. Hoje é o fetiche que carrega uma mercadoria em seu interior, hoje o valor de uso e troca se submetem ao valor de fantasia, de ilusão, de bem-estar provocado pela marca, pelo símbolo, pela imagem, hoje não queremos mais usar uma camisa, queremos a marca, que trará uma camisa junto, chegará o dia que ostentaremos a pura marca, e viraremos um *bit*, numa tela de computador.

Liberta da produção das mercadorias, o fetiche é produzido como mercadoria independente, as marcas são apenas sonhos, poderosos sonhos que alteram o valor da mercadoria, desconsiderando seu valor de uso e troca. Hoje essas marcas empacotam felicidade, juventude, potência, beleza, saúde e até eticidade, quando compramos produtos orgânicos, usamos sacolas recicláveis e docinhos produzidos por comunidades pobres do nordeste brasileiro, estamos comprando a forma pura, a ideia. Assim, a fábrica perde de longe para ONGs nesse capitalismo virtual, Platão e Hegel tornaram-se manual da vida prática. Basta-me falar certo idioma revolucionário e politicamente correto, pleno de palavras como paradigmas, socialmente construído, e inclusão que sou transportado para um mundo de revoluções, no qual comando exércitos e guerrilhas contra a lógica do capital.

Até a luta de classe está envolvida em seu fetiche, a imagem é o que conta, talvez esse seja o fim da Filosofia e de qualquer discurso lógico, o que vale agora é a imagem, a imagem social, a autoimagem, a imagem sexual e a imagem cultural, até a intimidade da relação com o sagrado, a fé, tornou-se imagem. O fetiche religioso é a maior orgia transcendental, Deus tornou-se marca, profanada e a serviço do lucro. Assim, a força de trabalho não conta, apenas precisamos crer, creia e serás salvo!

Então compramos como bons consumidores um fetiche e pode ser que junto venha alguma mercadoria.

Equivocionismo e Ética

Na sua Ética, Espinosa afirma que a alegria aumenta o *Conatus*, a potência de agir, ou seja, a potência vital. Entendo equivocionistamente que é preciso ser mais claro, formular diretamente, sem voltas, precisamos levar em conta a alegria para agirmos no mundo, a alegria deve entrar no cálculo do agir, e nas contas.

Nossa conduta deveria levar em consideração a alegria que sentimos e a alegria que causamos muito mais que a retidão dos atos. O agir justo submete a vida a um formalismo moral.

Equivocionismo e Metodologia

Na pesquisa, existe um momento que o pesquisador precisa escolher, esse momento é de extrema solidão. Ele não é socialmente construído, não depende do orientador, nem do objeto, nem da âncora teórica, é uma escolha dele, é uma reflexão, é uma conclusão e uma decisão do estou procurando para o já encontrei. Esse encontrei não é definitivo, mas determina o final da empreitada.

Equivocionismo e o conceito de belo

A vida inteligente se alegra com o belo, aceitando que a alegria aumenta minha potência de agir, como pensa Espinosa, então a vida inteligente necessita de beleza. Num quadro de pintura artística, a luz e a sombra desenham a beleza que nos faz rir e chorar ao mesmo tempo, um destempero que Kant chamou surto nos sentidos, eu chamo de gozo.

Um rastro de luz atravessa a sombra do quarto e posso vê-lo, que lindo, no aberto da rua, no dia claro não há rastro de luz. Ele precisa da sombra do quarto para ser.

Ora em desdobramentos éticos ou epistemológicos, a verdade só seria vista na mentira, então para a beleza a verdade e a mentira tem a mesma estatura, só verdade não há beleza, não vemos nada, não há gozo. Só mentira não vemos nada, não há gozo. Verdade e mentira, luz e sombra, gozo e dor, Apolo e Dionísio, tensão, tesão, pulsão, pressão, relação, vida, vida inteligente.

Equivocionismo e sentido

Se vou morrer, nada tem sentido. Desesperadamente, buscamos dar sentido à vida, ao trabalho, ao amor, ao sexo. Mas tudo escapa em frangalhos.

Hegel parece uma fábrica de utopias, dele saiu Marx, Schopenhauer e Kiekeggard. Todos se opondo, todos se apoiando. O traço comum, utopias. Em Marx, a mais evidente, a “justiça social”; em Schopenhauer, a fuga do desejo; em Kiekeggard, a saída do desespero.

O niilismo desesperado da ausência de sentido leva-me a tentar sair de mim em direção a Deus, aconselhado por Kiekeggard tento sair desse mar de desespero, vou chegando à superfície, estou quase respirando na fé, mas sou arrastado pelo peso do pecado de volta ao fundo do desespero, igual a Santo Agostinho.

Saio desesperado, pela manhã, para dar uma aula de filosofia no IFBA de Santo Amaro, nenhum sentido, o sol brilhante, a praia linda, eu vou morrer, para que ir? A BR 324 me assusta, vou pelo vício em filosofia, durante a aula uma aluna escreve em resposta a uma tarefa sobre as desvantagens da esperança.

Lindo! Foi para isso que vim para aula. Ao jogar fora a esperança, perde-se o medo. Achei uma ideia equivocionista de sentido.

Não há o sentido, ele não se dá a priori. Colhemos migalhas de sentido no agir sem sentido. O sentido está em frangalhos como a alma do desesperado, mas é preciso estar atento, vigiando e orando, pois essas migalhas de sentido vêm como salteadores, à noite, sem aviso, é preciso estar desperto e pronto pra acolhê-lo quando ele se dá no inesperado, no extraordinário do cotidiano.

Mas por que a conclusão do meu pessimismo é alegre, por que afirmo que o herói trágico é alegre?

Porque aprendi com o samba a transformar dor em alegria, e saber que sofrimento não é amargura. Esse talvez seja meu maior cinismo.

Penso que a lógica seja uma oração, uma romaria, na qual otimistas, tremendo de medo, esperam a redenção do silogismo. Agarrados em seus brinquedinhos de combinar palavras, sentem o sopro frio da morte no cangote.

Equivocionismo mordendo o próprio rabo

É evidente a influencia de Nietzsche no Equivocionismo, mas, às vezes, mordemos o próprio rabo. Agora vamos morder Nietzsche. Em sua obra “Além do bem e do mal”,

Nietzsche diz que “não há fenômeno moral, mas apenas a interpretação moral dos fenômenos”.

Lembrando o Hume, pensamos que as ideias são sensações que enfraqueceram, então se for assim, se as ideias vêm de afecções, sensações e pulsão, qual é a origem dessa ideia de moral se não há fenômeno moral?

Para o Equivocionismo, a vergonha é um sentimento moral, uma sensação moral, um fenômeno moral. É da vergonha que surgem as morais. A moral de escravo nasce da vergonha da vitória, e a moral de senhor da vergonha da derrota.

Filosofia da Confiança e o falso problema de Zygmunt Bauman

Recortei esse pequeno trecho de uma entrevista de Bauman, sociólogo polonês, para demonstrar que isso se constitui em um falso problema, pois somos livres porque nascemos e inseguros porque vamos morrer.

ZYGMUNT BAUMAN: Há 81 anos, Sigmund Freud publicou esse livro famoso e tremendamente profundo e influente intitulado "O mal-estar na civilização". Nesse livro, ele disse – é uma contribuição muito profunda de Freud para entendermos o sentido da vida –, que a civilização é uma troca, ou seja, você dá algo de um valor para receber algo de outro valor. Ele disse – ele escreveu isso nos anos 1920 –, naquela época, ele disse que o problema deles, da velha geração, foi que eles entregaram liberdade demais em prol da segurança. E, de acordo com Freud, todos os problemas psicológicos ou doenças, casos psiquiátricos etc., vêm desse fato.

Nós somos reprimidos em nossas liberdades pessoais em prol de termos segurança. Estou profundamente convencido de que, se Freud estivesse dando essa entrevista aqui, no meu lugar, ele provavelmente repetiria que toda civilização é uma troca, mas o seu diagnóstico seria exatamente o oposto, que os nossos problemas hoje derivam do fato de que nós entregamos demais a nossa segurança em prol de mais liberdade.

Esse é um dilema. Eu acho que já sinto alguns sinais prodrômicos de que o pêndulo está começando a voltar em direção a mais segurança. O Estado social vem de novo em favor do público. As pessoas sonham com ele, elas querem poderes mais fortes e mais estabilidade, um pouco mais de estabilidade. Está muito no início. Não estou dizendo que já estamos no caminho certo, mas há sinais de que isso está acontecendo.

Então, minhas conclusões são duas: em primeiro lugar, você nunca encontrará uma solução perfeita do dilema entre segurança e liberdade. Haverá muito de uma e muito pouco

de outra, certo? A segunda é que você nunca irá parar de procurar essa mina de ouro.

Não existe segurança na mortalidade, não segurança em um escravo, a segurança é uma esperança, uma alegria fraca que surge na expectativa de que algo bom acontecerá ou pior de algo ruim não acontecerá. As empresas de segurança vendem essa ilusão. Porém não há segurança. Não há como escapar à liberdade. Livres e inseguros, vagamos por esse mundo de desesperados.

Porém, a Filosofia da Confiança, a bela filha do equivocacionismo, sugere que ao radicalizar nossa liberdade, confiamos. Descartes pensava que liberdade era desconfiar. Ele exercitou essa liberdade duvidando de tudo. Porém num estado de insegurança, que é a condição humana de mortalidade, liberdade, é confiar. Tudo leva a crer na desconfiança, ou pior, no desespero, porém sou livre para, apesar dos indicadores, confiar, eu resolvo confiar apesar de.

Isso me torna livre em radicalidade, pois as indicações racionais e materiais indicam para a desconfiança, e até minha animalidade, meus instintos, sinalizam que é perigoso, eu resolvo, em volição, confiar.

Apenas no extremo da liberdade temos vontade. Apenas na vontade somos consciência plena. Reconhecemos que não há bases para confiar e confiamos assim mesmo, por escolha. A confiança é uma fé humana, na qual um ateu pode abrigar-se, uma casa sem teto, um abrigo em si mesmo, uma resolução por brincar. Por risco e conta de ser livre. Por ter nascido, por saber que irá morrer. Desconfiar é uma atitude óbvia, resultado de dados exteriores, nada de liberdade na desconfiança como diria Freud no “Mal-estar na civilização”, a natureza nos agride, o outro nos faz sofrer, nosso corpo adocece, está tudo contra, a desconfiança é condicionada por essa situação, há liberdade nisso? Liberdade é apesar disso, resolver confiar. Se é assim, outra vez.